



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Raquel de Barros Pinto Miguel

**De “moça prendada” à “menina super-poderosa”:
um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na
revista Capricho (1952 – 2003)**

Florianópolis
2005

RAQUEL DE BARROS PINTO MIGUEL

**DE “MOÇA PRENDADA” À “MENINA SUPER-PODEROSA”: UM ESTUDO
SOBRE AS CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GÊNERO
NA REVISTA CAPRICHOS (1952 – 2003)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Juracy
Filgueiras Toneli

FLORIANÓPOLIS
2005

Raquel de Barros Pinto Miguel

**De “moça prendada” à “menina super-poderosa”:
um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na
revista Capricho (1952 – 2003)**

Banca examinadora

Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago
Departamento de Psicologia, UFSC

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Departamento de História, UDESC

Agradecimentos

Ao meu pai e à minha mãe, a quem sempre agradecerei, por toda vida!

Ao Nando, por todo amor, incentivo, paciência e companheirismo eterno!

À Jura, pela disposição, presteza e amizade nas orientações e, principalmente, por ter me apresentado aos estudos de gênero, juntamente com a professora Mara Lago.

À CAPES pelo investimento em minha carreira de pesquisadora.

À Eglê Malheiros, pelo carinho e atenção dispensados na revisão do meu texto.

Aos amigos Carol e Walter, pela hospedagem, pelo carinho e por trazerem amizade e diversão aos meus dias de pesquisa em São Paulo, tornando-os muito mais agradáveis!

A todos os meus colegas e professores do mestrado que, de alguma forma, fizeram parte desta minha construção.

Nada pode deter a força de uma idéia cujo tempo chegou.

Victor Hugo

*As transformações da cultura e as mudanças
nas idéias nascem das dificuldades que são
simultaneamente aquelas de uma época e as de cada
indivíduo histórico, homem ou mulher.*

Mary Del Priore

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a investigar as concepções de adolescência, sexualidade e gênero veiculadas pela revista *Capricho* nas últimas cinco décadas, visando retratar as possíveis mudanças que ocorreram neste veículo e na sociedade em geral com relação à adolescência, às questões de gênero e à sexualidade feminina. Tal intuito foi alcançado através da análise de uma amostra, selecionada aleatoriamente, da revista em questão. Foram examinadas edições desde a criação da *Capricho*, em 1952, até o ano de 2003. Especial atenção foi dispensada à seção destinada às perguntas enviadas pelas leitoras à revista *Capricho*, principalmente as relacionadas à sexualidade. O exame do material em questão possibilitou uma contextualização, bem como a reflexão acerca da construção da adolescência, das imagens das mulheres e da sexualidade no decorrer dos últimos cinquenta anos. Proporcionou, outrossim, constatar que muitas mudanças ocorreram, mas que, em alguns casos, o mesmo discurso sobrevive sob nova roupagem. Da mesma forma, favoreceu a discussão sobre a mídia como produtora e produto de idéias e valores na sociedade contemporânea, dando-se destaque à imprensa feminina.

Palavras-chave: adolescência, sexualidade, gênero e imprensa feminina

ABSTRACT

This study set out to investigate the conceptions of adolescence, sexuality and gender, propagated by the magazine *Capricho* in the last five decades, aiming at portraying the possible changes that have occurred in this vehicle and in society in general in relation to adolescence, to questions of gender and to feminine sexuality. This was achieved through the analysis of sample selected randomly, of the magazine in question. Editions were examined since the creation of *Capricho* in 1952, until the year 2003. Special attention was lent to the section devoted to the questions sent by the readers of magazine *Capricho*, mainly those related to sexuality. The examination of the material in question made possible the contextualization, as well as the reflection concerning the construction of adolescence, of the image of women and of sexuality evolving over the last fifty years. It provided, likewise, the evidence that many changes have occurred, but that, in some cases, the same speech survives under new clothes. In the same way, it favored the discussion about the media such as producing and product of ideas and values in contemporary society, giving prominence to the women's press.

Key words: adolescence, sexuality, gender and women's press

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa da revista número 2	72
Figura 2 - Capa abril de 1953	72
Figura 3 - Capa fevereiro 1954	73
Figura 4 – Capa outubro de 1956	74
Figura 5 – Capa 1960	74
Figura 6 – Capa 1963	75
Figura 7 – Capa 1968	76
Figura 8 – Capa 1972	77
Figura 9 – Capa junho de 1974	78
Figura 10 – Capa julho de 1976	79
Figura 11 – Capa agosto de 1980	81
Figura 12 – Capa fevereiro de 1982	81
Figura 13 – Capa julho de 1982	83
Figura 14 – Capa outubro de 1982	84
Figura 15 – Capa fevereiro de 1985	85
Figura 16 – Capa julho de 1985	86
Figura 17 – Capa novembro de 1985	87
Figura 18 – Capa abril de 1989	88
Figura 19 – Capa agosto de 1989	89
Figura 20 – Capa dezembro de 1989	89
Figura 21 – Capa janeiro de 1997	90
Figura 22 – Capa maio de 1997	90
Figura 23 – Capa outubro de 1997	91
Figura 24 – Capa agosto de 1999	92
Figura 25 – Capa outubro de 1999	93
Figura 26 – Capa dezembro de 1999	93
Figura 27 – Capa outubro de 2000	94
Figura 28 – Capa abril de 2001	94
Figura 29 – Capa janeiro de 2003	95
Figura 30 – Parte da primeira coluna de Marga Mason, 1954	97
Figura 31 – Parte da coluna de Marga Mason, 1956	98
Figura 32 – Coluna de Marga Mason e “Entre mulheres”, 1968	101
Figura 33 – Coluna “O coração pergunta”	104
Figura 34 – Colunas “consultório médico” e “Em nome da lei”	104
Figura 35 – Parte da seção “Sexo no consultório”	107
Figura 36 – Seção “O Dr. Responde”	111
Figura 37 – Seção “O Dr. Responde”	112
Figura 38 – Seção “Sexo”	116
Figura 39 – Seções “Sexo” e “Help”	121
Figura 40 – Seção “Assunto de amiga”	124
Figura 41 – Ilustração da matéria “Vocês perguntaram . e eles responderam”	127
Figura 42 – Matéria “De uma noite só”	128
Figura 43 – Ilustração da matéria sobre adolescência	133

SUMÁRIO

Resumo

Lista de ilustrações

1. Apresentação	10
2. Introdução	12
3. Adolescência na contemporaneidade	20
3.1. Adolescência: uma discussão epistemológica	20
3.2. Juventude e adolescência	20
3.3. O conceito de adolescência	22
3.4. Juventude e modernidade	23
3.5. Adolescência como um ideal	25
3.6. Adolescência, modernidade e pós-modernidade	26
3.7. Construção das adolescências	28
4. Sexualidade e gênero: um olhar “caleidoscópico”	31
4.1. Discutindo a sexualidade	31
4.2. A construção do gênero	34
4.3. Articulando gênero e sexualidade.....	36
4.4. Sexualidade, gênero, amor e mulheres	39
4.5. Adolescência, gênero e sexualidade	43
5. Mídia	48
5.1. A mídia–o outro: produção de discursos sobre gênero e sexualidade.....	48
5.2. Imprensa feminina.	49
5.3. Produção acadêmica sobre adolescência, sexualidade e mídia	52
6. Método	57
6.1. Fonte de informação	59
6.2. Amostra	60
6.3. Coleta das informações – Caminho percorrido	62
6.3.1. A primeira visita	62
6.3.2. A segunda visita.....	65
6.4. Tratamento das informações coletadas.....	65

6.5. Análise das informações.....	66
7. Resultados	67
7.1. Sobre as visitas	67
7.1.1. O ambiente da redação da revista Capricho	67
7.1.2. Conversa com Simone Miranda – atendimento ao leitor.....	68
7.1.3. Encontro da Galera da Capricho.....	71
7.2. Caracterização das edições da revista Capricho examinadas	71
7.3. Caracterização das seções de cartas das leitoras.....	96
8. Discussão.....	130
8.1. Revista Capricho: um exemplar da imprensa feminina.....	130
8.2. Construção da adolescência.....	133
8.3. Sexualidade.....	138
8.3.1. O sexo nas cartas e nas páginas	139
8.3.2. Homossexualidade	147
8.3.3. Corpos femininos	149
8.4. Gênero	152
8.4.1. Para começar: quem são elas?	152
8.4.2. Breve panorama das mulheres nas diferentes décadas	153
8.4.3. As responsabilidades da mulher	155
8.4.4. Mulheres no banco dos réus	156
9. Conclusão.....	160
10. Referências Bibliográficas.....	164

1. APRESENTAÇÃO

Adolescência¹, sexualidade e gênero. O interesse por estas temáticas, surgiu do meu envolvimento com a organização não-governamental CASA – Centro de Assessoria à Adolescência. Desde o ano 2001, desenvolvo junto a esta ONG projetos destinados a adolescentes. “Entre Meninas” é um destes projetos e preocupa-se com a prevenção de DST/HIV/AIDS e gravidez na adolescência. Consiste em reuniões com grupos de meninas na faixa etária entre 13 e 18 anos, estudantes de escolas da rede municipal e estadual de ensino dos municípios da Grande Florianópolis (Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça), onde, através do diálogo e de oficinas de trabalho, abordam-se os temas de maneira descontraída, mas planejada.

“Movimento A: movimento de adolescentes” é outro projeto do CASA, destinado a meninos e meninas entre 13 e 18 anos de idade, de escolas da rede municipal e estadual de ensino dos seguintes municípios: Florianópolis, São José, Biguaçu, Palhoça e Joinville. Este projeto também visa a prevenção de DST/HIV/AIDS e gravidez na adolescência, assim como trabalha o uso e abuso de drogas sob o enfoque da Redução de Danos, política de saúde adotada pelo Ministério da Saúde².

Tal experiência possibilitou-me acesso ao “viver” adolescente, com suas facetas e particularidades. Da mesma forma que despertou em mim o interesse pelas questões relacionadas à sexualidade e às relações de gênero.

O caminho percorrido até chegar à pergunta a ser investigada nesta pesquisa, iniciou-se com o meu questionamento em relação à maneira pela qual as informações são transmitidas aos adolescentes. Se estas chegam, de fato, ao adolescente, que uso ele faz destas informações e quais são as significações que subjazem nestas informações. Somouse a isto o meu interesse e curiosidade pela participação da mídia nesse processo informativo e, sendo assim, considerei pertinente a investigação em algum veículo midiático, visando obter respostas aos meus questionamentos. Escolhi a Revista Capricho por esta ser uma revista de referência entre adolescentes, em especial as do sexo feminino.

¹ No decorrer do texto serão usados, indiscriminadamente, tanto o termo adolescente quanto o termo jovem. No capítulo destinado ao referencial teórico serão tratadas suas definições e a concepção a ser utilizada nesta pesquisa.

² Maiores informações sobre o programa de redução de danos no site www.aids.gov.br

Investigando a história da revista, soube que ela existe desde a década de 50, sempre destinada ao público feminino, tendo passado no decorrer destas décadas por algumas mudanças na sua linha editorial. Surgiu-me então a idéia de investigar nesta revista as concepções de adolescência, sexualidade e gênero. Tenho, então, a seguinte pergunta de pesquisa: **Quais as concepções de adolescência, sexualidade e gênero veiculadas pela Revista Capricho da década de 50 até a atualidade?**

Preocupada com a questão da informação e as significações que a ela subjazem, terei como alvo as perguntas enviadas pelas leitoras sobre sexualidade e as respectivas respostas fornecidas pela revista. Caso não haja, em algum período da revista, este espaço destinado às perguntas das leitoras, verificarei artigos relacionados à sexualidade presentes em tal edição, buscando nestes as concepções sobre adolescência, sexualidade e relações de gênero.

Pretendo, com esta pesquisa, contribuir para a discussão acerca de temas como adolescência, gênero e sexualidade, bem como proporcionar uma reflexão a respeito de uma mídia crítica e atuante, capaz de abarcar a historicidade e pluralidade dos sujeitos. Contribuindo, assim, para a construção de discursos não naturalizantes, não universalistas, mas sim historicizados e críticos, que considerem as diferenças, que questionem as verdades.

De “moça prendada” à “menina super-poderosa”, busca retratar as mudanças que podem ter ocorrido neste veículo e na sociedade em geral nestas últimas cinco décadas, com relação à sexualidade feminina, às questões de gênero e às concepções de adolescência, sendo estas questões o foco desta investigação.

2. INTRODUÇÃO

Entender o ser humano “(...) como ser social, como sujeito histórico, produto do contexto social no qual se insere e, concomitantemente, produtor desse mesmo contexto” (Zanella, 1995, p.188), é ponto nodal para a discussão da presente pesquisa.

A perspectiva histórico-cultural de Vygotski olha o homem em sua totalidade, como membro da espécie humana, mas também produto e produtor do desenvolvimento histórico e cultural, sujeito histórico, concreto, em relação com a sociedade à qual pertence. Vygotski encontra sua base no materialismo histórico-dialético de Marx, onde não existem totalidades acabadas, mas sim movimentos de totalização. “[a dialética] para ser materialista e histórica, tem que dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isto implica dizer que as categorias totalidade, contradição, mediação, alienação não são apriorísticas, mas construídas historicamente.” (Frigotto, 1987, p.73).

Estudos baseados na perspectiva histórico-cultural, portanto, “(...) devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto.” (Freitas, 2002, p.26) Os fenômenos humanos devem ser estudados levando em conta seu processo de transformação e mudança, seu aspecto histórico.

A partir de tal referencial, a constituição do sujeito se dá por duas dimensões: da objetividade e da subjetividade, que acontecem simultaneamente, fundindo-se e caracterizando-se como um processo realizado no coletivo (Maheirie, 2002). A atividade humana é uma categoria fundamental quando se olha para a constituição do sujeito.

A atividade humana é social, instrumental e produtora, mediada por instrumentos criados pelos homens (Pino, 1995, p.31), ou seja, é uma atividade mediada social e semioticamente. Logo, “é através desta que o homem transforma o contexto social e, via apropriação de sua(s) significação(ões), constitui a si mesmo como sujeito.” (Zanella, 2003a, p.15). É por meio de sua atividade que o homem se insere em um contexto social sendo esta, simultaneamente, definida e definidora pela/da inserção em questão.

De acordo com Zanella (id.), o caráter mediador da atividade está relacionado ao signo como elemento produzido socialmente pelos homens, sendo por eles utilizado para regular sua conduta e a dos outros inseridos em sua rede de relações. Desta forma, o signo

só é signo quando inserido num contexto social, logo, toda leitura de um signo é contextualizada. O que é apropriado pelo sujeito não é o signo em si, mas sim aquilo que o sujeito interpreta a respeito daquele signo, desta maneira, os signos são ressignificados e transformados pelos sujeitos.

A palavra é para Vygotski (1992) um signo que não somente representa e substitui algo, mas também analisa. A palavra em si é descontextualizada, pode ser qualquer coisa, ela está inserida numa rede de relações conceituais. A palavra apresenta duplo referencial semântico: o institucional, relacionado à história social e cultural dos povos, e, o pessoal, ligado à experiência do sujeito que se localiza num certo universo de experiências, sendo também social. Desta maneira, os sentidos atribuídos são particulares, privados, mas ainda assim são sociais, marcados por uma história que é coletiva.

Partindo desta compreensão da atividade humana, pode-se pensar a mídia como um instrumento de mediação, pois ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição do sujeito, sofre interferências do contexto social transformado por este sujeito. Os significados veiculados pela mídia são apropriados pelos sujeitos e transformados em mediações na constituição destes. Com relação, por exemplo, ao que se pretende investigar nesta pesquisa - as concepções sobre adolescência, sexualidade e gênero presentes na Revista Capricho - pode-se conjecturar que

O predomínio de uma determinada visão de adolescência [de sexualidade e de relações de gênero] no meio social implica o predomínio de determinados significados sociais relativos a esse campo. E implica também que o jovem, predominantemente, aproprie-se desses significados para representar a sua particular experiência de adolescência.” (Gonçalves, 2003, p.43)

Ainda refletindo acerca da mídia como atividade humana mediada, é possível contar com o que Zanella (2003a) traz:

[a atividade] necessariamente pressupõe um interlocutor para a qual se dirige ou vários interlocutores, pois é possível pensar em atividades que, aparentemente não

endereçadas a ninguém, respondam a necessidades sociais características de um determinado momento histórico e, portanto, de coletividades anônimas. (p.14).

Nesse mesmo sentido a autora afirma que olhar o específico – poderíamos pensar aqui no exame da Revista Capricho – é olhar o geral, ou seja, olhar o contexto histórico, social, o lugar ocupado neste contexto, a construção de significados perpetuados, “olhar o que se configura em expressão não de um sujeito em si, mas sim da própria história humana.” (Zanella, 2003a, p.14). Poder-se-ia tomar esta afirmação como a justificativa da utilização, por parte desta pesquisa, das edições de uma revista de circulação nacional no decorrer das últimas cinco décadas, uma vez que o conteúdo que nela encontrado diz respeito ao contexto no qual estava inserido em determinada época, cercado de todas suas particularidades e peculiaridades.

A mídia (in)formativa

A mídia, mais especificamente a mídia impressa, foi escolhida como material a ser analisado nesta pesquisa, por se saber da importância deste meio de comunicação como produtor e difusor de idéias e valores na sociedade contemporânea.

Thompson (1995) define mídia como um sistema cultural complexo, abarcando uma dimensão simbólica que contempla um constante jogo entre signos e sentidos, onde produtos repletos de sentidos são (re)construídos, armazenados, reproduzidos e circulados tanto para quem os produziu (mídia) como para quem os consome (leitores etc.); e uma dimensão cultural, uma vez que os seus produtos são fenômenos sociais, inseridos em determinado contexto com determinadas características.

A mídia desempenha importante papel no cotidiano das pessoas, participando das transformações no processo de produção de sentidos e de posicionamento frente aos fenômenos sociais. “(...) ela confere uma visibilidade sem precedentes aos acontecimentos, informações e descobertas, levando a uma reconfiguração das fronteiras entre o espaço público e o privado, reduzindo barreiras espaciais e temporais e permitindo comunicações para além da interação face-a-face.” (Medrado, 1999, p.245). As produções midiáticas, sendo compreendidas como práticas sociais construídas por um certo grupo, carregam repertórios que retratam sentidos presentes no cotidiano, provocando inúmeras reflexões e

discussões. O “produto midiático não se localiza nem se esgota no momento de produção, mas na interação entre *leitor* (categoria que inclui também o pesquisador) e *produto*”. (id., p. 250).

Cabe ressaltar que o fato de a mídia exercer importante papel na constituição dos adolescentes, isso não significa que estes estejam passivos, apenas absorvendo a mensagem enviada (Ozella, 2002). Está em consonância com o fato de que:

a possibilidade dos sujeitos atribuírem sentidos diversos ao socialmente estabelecido demarca a sua condição de autor, pois embora essa possibilidade seja circunscrita pelas condições sócio-históricas do contexto em que se insere, que o caracteriza como espectador, a relação estabelecida com a cultura é ativa, marcada por movimentos de aceitação, oposição, confronto, indiferença. (Zanella, 2003a, p.11)

Cabe considerar que a massificação de informações transmitidas pode, e muitas vezes se propõe, dificultar uma leitura crítica e a transformação do conteúdo transmitido.

Com relação ao papel desempenhado pela mídia na contemporaneidade, pode-se destacar em especial a função de informar os adolescentes sobre os mais diversos assuntos presentes na mídia destinada ao público *teen*, sendo a sexualidade um deles.

A mídia, entendendo-se aqui os meios de comunicação de maneira geral (televisão, rádio, jornais, revistas, etc.), apresenta-se como um veículo de transmissão de informações sobre sexualidade aos jovens. Afonso (2001) constatou em sua pesquisa, que dois veículos de comunicação estão entre as três fontes de informação mais citados pelos adolescentes: livros, amigos e revistas.

No século XX, importante papel foi desempenhado pela mídia no Brasil no que diz respeito à abordagem do tema “sexo” na sociedade brasileira. Segundo Parker (1991)

Em filmes, rádio e televisão, tanto nas revistas e jornais da elite como nas populares, nos livros mais vendidos, na verdade, em quase todas as áreas da moderna indústria da comunicação, o sexo tornou-se um dos tópicos favoritos de discussão pelo Brasil. Os colunistas o comentam, psicólogos populares constroem carreiras em torno dele,

cientistas sociais o estudam e fazem relatórios e, através disso tudo, um público notavelmente diferente o consome. (p. 136)

Falar e informar sobre sexualidade torna-se fundamental em um momento histórico no qual a AIDS e a gravidez entre adolescentes apresentam números preocupantes, como mostram os dados a seguir. De acordo com o Boletim Epidemiológico AIDS de fevereiro de 1999, publicado pelo Ministério da Saúde, 13% dos casos de AIDS no Brasil entre o ano de 1980 e fevereiro de 1999, referem-se a pessoas na faixa etária de 15 e 24 anos. Entre 25 e 34 anos concentra-se o maior número de notificações, correspondendo a 43,23% do total de casos. Sabendo-se que o portador de HIV pode viver em média dez anos sem apresentar sintomas da doença, pode-se supor que é na faixa etária de 15 a 24 anos onde ocorre o maior número de contaminação por este vírus.

Dados recentes apontam para o aumento de casos de AIDS entre adolescentes, principalmente nas do sexo feminino, caracterizando uma feminilização e juvenilização da pandemia da AIDS. Na faixa etária entre 13 e 24 anos e menores de 13 anos, a relação do número de casos de AIDS entre homens e mulheres, segundo dados do Boletim Epidemiológico 2000 – 2001, é praticamente de um homem contaminado para uma mulher contaminada (1 : 1). Entre os 13 e 19 anos, apresentam-se sinais de inversão: no ano 2000, a relação foi de 0,8 : 1 e em 2001, de 0,6 : 1, ou seja: um número maior de adolescentes do sexo feminino contaminadas quando comparado com adolescentes do sexo masculino.

Os números da AIDS em Santa Catarina são alarmantes. Segundo o Ministério da Saúde, quanto à distribuição de casos de AIDS entre pessoas de 13 a 24 anos e a unidade federada de residência no período de 1982 a 1999, Santa Catarina encontra-se em segundo lugar no número de casos notificados de AIDS, ficando atrás apenas do estado de São Paulo. Considerando-se a população total de cada estado, esta colocação torna-se ainda mais significativa.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) realizada em 1996, 14% de jovens do sexo feminino na faixa etária entre 15 e 19 anos, haviam tido pelo menos um filho. Segundo informações do Programa de Saúde do Adolescente,³ entre os

³ O Programa de Saúde do Adolescente no ano de 1999 foi incorporado à Área de Saúde do Adolescente e do Jovem, no âmbito da Secretaria de Políticas de Saúde.

anos de 1993 e 1998, houve aumento de 31% no percentual de partos entre meninas de 10 a 14 anos de idade atendidas pela rede do SUS. Com relação a curetagens pós-aborto realizadas em hospitais públicos, mais de cinquenta mil casos foram entre jovens.⁴

Partindo destes dados e do contexto vivido na contemporaneidade, justifica-se a emergência de uma mídia atuante, utilizando sua forte penetração entre adolescentes na contribuição para divulgação de informações que cheguem, de fato, a seu destino; sendo, dessa forma, pertinente a seguinte questão: Quais os discursos dos veículos midiáticos sobre adolescência, gênero e sexualidade?

Atenção especial deve ser dada ao duplo papel desempenhado pela mídia: (in)formar, ou seja, informar e formar⁵. Ao mesmo tempo em que os veículos midiáticos transmitem informações direcionadas ao público adolescente sobre questões relativas à sexualidade, estão constituindo sujeitos através de seus discursos, suas ideologias, seus interesses e valores. Os discursos midiáticos não são discursos neutros, eles têm um destino, estão inseridos em contextos históricos e sociais, são produtos e produtores destes contextos e dos sujeitos que neles se constituem.

Dessa forma, pode-se questionar: **qual o discurso produzido pela mídia? Ou, mais especificamente, pela revista Capricho?**

Em sua pesquisa realizada com adolescentes sobre a correlação entre o nível de informação sobre sexualidade, a experiência sexual e as representações das relações de gênero, Afonso (2001) aponta a existência de dois tipos de discurso: o discurso hierárquico, tradicional e o discurso igualitarista, modernizador. O primeiro sustenta a divisão dos papéis de homens e mulheres, a negação da sexualidade infantil, a normatização da sexualidade dos jovens, proibição da contracepção e do aborto, a dupla moral sexual. O discurso igualitarista contesta o anterior, a visão hierárquica da família, sugerindo a igualdade de direitos entre os sexos, o reconhecimento da sexualidade infantil e juvenil, os direitos reprodutivos, etc. Segundo a autora, o discurso igualitário tende a ser individualista, propondo que o indivíduo singular tem o direito de decisão sobre sua vida, independente de seu sexo, sua raça, religião, classe e etnia.

⁴ Para o Ministério da Saúde, jovem é aquele que se encontra na faixa etária entre 10 e 24 anos.

⁵ Formar no sentido de constituir.

Afonso (2001) em suas reflexões faz uso das concepções de Louis Dumont, autor este que se detém na análise do individualismo. Segundo Dumont (1985) o individualismo seria o ponto central da ideologia moderna, sendo possível acrescentar que este conceito também está presente na pós-modernidade.⁶ Esta ideologia valoriza o indivíduo em detrimento da totalidade social, no que tange à explicação do mundo social. A associação entre o discurso igualitário e o individualismo, citada por Afonso (id.), vem do fato de que este pressupõe, ao menos teoricamente, a igualdade dos indivíduos. Assim, a visão individualista questiona as diferenças e hierarquias impostas pelos discursos tradicionais, ao mesmo tempo em que enfatiza os interesses individuais.

Apesar da discussão deste trabalho não se pautar na questão do individualismo, é importante salientar a sua ligação com a adolescência, estando ambos relacionados à modernidade, presentes nas sociedades ocidentais modernas. Assim, partindo destas idéias, seria possível formular a seguinte indagação: dentro de uma sociedade moderna, onde a ideologia dominante é regida pelo individualismo, serão os discursos produzidos por uma revista destinada a adolescentes igualitários e modernizantes? Ou será que o discurso que prevalece é regido pelo tradicionalismo, pelas desigualdades entre homens e mulheres, ou seja, um discurso hierárquico? Será a mídia um instrumento de reprodução destas idéias?

Esta é uma das reflexões que se pretende fazer através das informações obtidas neste trabalho. Para tanto, elegeu-se a Revista Capricho, como dito anteriormente, como o material midiático a ser consultado⁷. A decisão de contemplar uma amostra de números existentes desde a criação da revista em 1952 até a atualidade foi devida à curiosidade em averiguar o processo de construção das adolescências no decorrer deste meio século, assim como acompanhar as mudanças – ou não – com relação às questões de gênero e sexualidade.

Ficamos, assim, com a seguinte pergunta: **Quais as concepções de adolescência, sexualidade e gênero veiculadas pela Revista Capricho da década de 50 até a atualidade?**

⁶ Esta concepção de Dumont permeará a fala de outros autores no capítulo sobre adolescência.

⁷ Maiores detalhes sobre a Revista Capricho e a escolha da amostra estão presentes no capítulo destinado ao método.

A seguir os capítulos que apresentam o olhar sobre adolescência, sexualidade, gênero e mídia norteadores desta pesquisa, bem como a exposição do método utilizado, os resultados obtidos, a discussão dos mesmos e, por último, a conclusão.

3. ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 Adolescência: uma discussão epistemológica

Adolescência, juventude, puberdade, pré-adolescência... são muitos os termos, conceitos e concepções quando se aborda este “momento” da vida. Aliás, é neste ponto onde se inicia esta discussão: será a adolescência uma fase, um momento na vida de uma pessoa? Todos passam por este momento? Será ela uma etapa natural do desenvolvimento? Existem diferenças entre estes conceitos?

Visando introduzir uma discussão acerca dos conceitos de adolescência e juventude, serão expostas as idéias de alguns autores, buscando resgatar e contextualizar o surgimento destes temas, bem como trazer novas discussões que permeiam esta temática. Através desta explanação será delineado de qual visão de adolescência parte a pesquisa em questão.

3.2 Juventude e Adolescência

Inicialmente, cabe enfatizar que tanto o termo “adolescência” quanto o termo “juventude” serão utilizados neste trabalho, mas não como sinônimos. A escolha pelo termo utilizado ocorrerá de acordo com a teoria que estiver sendo privilegiada durante a discussão, respeitando aquele que o autor da teoria em questão faz uso.⁸

Segundo autores como Matheus (2002) e Groppo (2000), a denominação adolescência é privilegiada pela psicologia, psicanálise e pedagogia, estando relacionada a mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento, enfocando a singularidade do sujeito. Caberia à sociologia e à história a preferência pelo uso do termo juventude, valorizando o contexto ao qual o sujeito pertence, fazendo uma leitura do âmbito coletivo. Desta forma, a adolescência estaria relacionada a questões individuais, enquanto a juventude retrataria uma manifestação coletiva, problematizando a ordem social. Entretanto, Matheus (2002), traz a seguinte reflexão:

⁸ Esta preocupação está presente em autores como T. C. Matheus e L. A. Groppo.

(...) se o fenômeno individual é, desde o princípio, social, a distinção entre ambos passa a depender sobretudo da perspectiva em que determinado fenômeno é analisado, mais do que de uma questão quantitativa de quantos indivíduos ele abarca. (...) Falar em adolescência ou juventude torna-se assim, mais uma questão do referencial teórico com o qual se trabalha do que uma distinção estrita do campo do individual frente ao coletivo. (p.83/84).

O trabalho de Ariès (1981) figura como um importante marco na reflexão acerca das “idades da vida” não como fenômeno puramente natural, mas sim como produções históricas e sociais, imbricadas no processo de constituição da modernidade. De maneira sucinta, pode-se dizer que a infância é uma invenção da modernidade (século XIII em diante), tornando-se alvo de preocupações, debates e projetos. Essa visão moderna da infância firmou-se quando a sociedade tradicional cedeu espaço ao individualismo característico da modernidade. Uma das explicações é que, segundo Ariès (id.), com o fim da sociedade tradicional, a morte passa a ser uma experiência individual. Na modernidade, a morte é encarada como um fim trágico, o fim de tudo. Nesse contexto, a criança assume um novo e importante papel: sendo a morte o fim de tudo, “(...) as crianças se tornam a única consolação, a única promessa de algum tipo de imortalidade.” (Calligaris, 2000, p.61).

Seguindo este pensamento, Calligaris (id.) aponta a insatisfação fundamental do sujeito como um dos traços da modernidade ocidental: “O homem moderno não é insatisfeito acidentalmente. (...) É indispensável que ele seja insatisfeito constitutivamente, por definição. (...) o sujeito moderno quer mais porque deve querer sempre mais do que os outros.” (p.64). As crianças entram aqui, mais uma vez, como a esperança dos pais, uma vez que:

Graças a elas, a insatisfação própria do sujeito moderno se torna suportável, pois o fracasso – inevitável numa corrida que desconhece a faixa de chegada – alimenta a espera de que as crianças façam revezamento conosco. A infância preenche a função cultural essencial de tornar a modernidade suportável. (Calligaris, 2000, p.65).

As crianças modernas proporcionam um prazer estético, sendo objetos de contemplação, admiração, transmitindo paz a quem as observa. Mas uma função mais importante lhes é atribuída pela sociedade moderna: garantir que os anseios dos adultos sejam continuados, buscando o sucesso que seus pais não conseguiram alcançar. À medida em que esta pesada herança conferida pelos adultos às crianças ganhava força, mais as crianças precisavam se preparar para o futuro, tornando-se necessário o prolongamento da infância, o que acarretaria o surgimento da adolescência que, segundo Calligaris (id.), é um derivado contemporâneo da infância moderna. As contradições começam a se apresentar: a criança que o adulto procura manter protegida, feliz, sem responsabilidades é a mesma em quem ele depositou uma pesada e impossível tarefa. Essa criança passa a se parecer cada vez mais com um adulto, não apenas fisicamente, mas também nos seus anseios e insatisfações, que lhes foram ensinados. Os adultos, então, passam a se interessar pelos adolescentes, deslocando sua atenção das crianças para esta criança crescida.

3.3 O conceito de adolescência

Foi no início do século XX que a adolescência começou a ocupar espaço como objeto de estudo da psicologia. Em 1904, Stanley Hall, considerado o pai da psicologia da adolescência, escreveu a obra *Adolescence: its psychology and relations to physiology, anthropology, sociology, Sex, crime religion and education*, sendo o primeiro estudo sobre o tema em questão. Hall demonstrou uma preocupação inédita, até então, ao lutar para que os benefícios da infância fossem prolongados, garantindo escolarização aos adolescentes. A adolescência foi encarada por ele como um período de turbulência e tensão, sendo estas dificuldades naturais e universais, próprias desse período da vida.

A antropóloga Margaret Mead, através de seu livro *Coming of age in Samoa* (1928), veio contestar a visão naturalista de Hall, afirmando que a adolescência atormentada e difícil não seria uma necessidade fisiológica, mas sim uma produção cultural. Entretanto, outros autores reafirmaram a concepção naturalista e universal da adolescência exposta por Hall. Dentre eles pode-se citar Erik Erikson, autor de *Identidade, juventude e crise* (1968), destacando a adolescência como o período decisivo na formação da identidade, sendo este estágio do desenvolvimento caracterizado pelo conflito entre identidade versus confusão de papéis. Erikson traz o conceito de adolescência como moratória, substituindo o ideal, ou

seja, a visão romântica da tempestade e tormenta, encarando a adolescência como um período de transição, onde se tem a oportunidade de explorar e experimentar, antes de assumir as responsabilidades de um adulto.

Na América do Sul, Arminda Aberastury marca em sua teoria a naturalização da adolescência. No livro *Adolescência normal* (original: 1970), Aberastury e Knobel descrevem a “síndrome normal da adolescência”, caracterizando a adolescência como o momento mais difícil da vida do homem, onde “o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas.” (Aberastury & Knobel, 1981, p. 9), sendo esta crise inerente ao sujeito.

Problematizando estas questões, o sociólogo Groppo (2000) afirma que “(...) a adolescência como estágio de adaptação funcional à sociedade e desenvolvimento pleno da individualidade (ou ao menos de uma personalidade não-neurótica) é o ideal da psicologia moderna.” (p.64). Tal ideal leva, ainda hoje, inúmeros profissionais a perspectivar as diferenças e conflitos da adolescência como problemas, inadaptações ou desvios.

3.4 Juventude / adolescência e modernidade

Groppo (id.), entende a juventude como uma categoria social, uma representação sócio-cultural e uma situação social, tendo sido elaborada por grupos sociais para significar comportamentos e atitudes atribuídos a essa categoria. Para esse autor, a categoria social juventude apresenta importância primordial para o entendimento das sociedades modernas. A naturalização e universalidade da juventude, bem como a existência de faixas etárias, fazem parte da criação sócio-cultural da modernidade.

Essa criação surge ao lado ou em conjunto com outras categorias sociais essenciais, como estruturas e estratificações sociais, relações de gênero, relações étnicas e outras, bem como junto a fenômenos históricos cruciais, como o capitalismo, o imperialismo, o “ocidentalismo” etc. (Groppo, *ibid.* p.27).

Ozella (2002), ao citar o trabalho de Clímaco (1991), refere-se à adolescência como constituída a partir da sociedade capitalista, relacionada ao fato de que na sociedade moderna o trabalho e a sofisticação tecnológica passaram a exigir o prolongamento da

formação escolar. Tal fato vem acompanhado do aumento do desemprego presente na sociedade capitalista, o que levou ao retardamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho, aumentando os requisitos para esse ingresso. A maior permanência na escola e a vivência com iguais, possibilitou o surgimento de um novo grupo: os adolescentes. Pode-se entender, então, “a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas e de características que vão se constituindo no processo.” (Ozella, 2002, p.23).

Enfatizando a adolescência como construção da sociedade moderna, Groppo (2000) atenta para o fato de que valores que são atribuídos pela publicidade à juventude coincidem com qualidades da modernidade, como a novidade, extravagância, irreverência, espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade e diferença. A noção de modernidade trazida por este autor (baseada em Marshall Berman, Henri Lefebvre, Anthony Giddens, Max Weber e S. N. Eisenstadt) é a de uma fonte inesgotável de mudanças e descontinuidades, assim como racionalista, burocratizante, secularizadora, desencantadora e universalista.

A modernidade constrói uma visão da infância e da juventude como períodos perigosos e frágeis da vida, estando estes expostos a todos os males. Tal concepção incentiva a vigilância e isolamento de crianças e jovens, justificando a intervenção constante de instituições na vida destas pessoas. As ciências modernas, inclusive a psicologia, atêm suas forças na objetivação e naturalização das faixas etárias, “cada indivíduo passa a poder ter certeza de que, no momento indicado, o sinal da natureza irá despertar nele transformações bio, psico e sociológicas pré-diagnosticadas pelas ciências modernas.” (id., p. 59). Desta maneira, a juventude, para as ciências modernas, possui a função social de maturação do indivíduo, tornando-o apto para integrar a sociedade adulta. Sobre esse ponto, Ozella (2002) afirma que:

ao supor uma igualdade de oportunidades entre todos os adolescentes, a psicologia que se encontra presente nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento, dissimula, oculta e legitima as desigualdades presentes nas relações sociais, situa a responsabilidade de suas ações no próprio jovem: se ideologiza. (p.18).

3.5 Adolescência como um ideal

Para o psicanalista Contardo Calligaris (2000), as escolhas adolescentes compreendem, na maioria das vezes, a realização de sonhos dos adultos.

A adolescência, excluída da vida adulta, rejeitada num limbo, acaba interpretando e encenando o catálogo dos sonhos adultos, com maior ou menor sucesso. (...) ela sempre encarna o maior sonho de nossa cultura, o sonho de liberdade. Ou seja, por tentar dispensar a tutela dos adultos, a rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico. Por esse motivo, as condutas adolescentes em todas as suas variantes se cristalizam, se fixam e se tornam objeto de imitação. (Calligaris, id. p. 57).

Calligaris (ibid.) desenvolve a discussão sobre a idealização da adolescência, enfatizando o papel da formação dos grupos na adolescência. Reunidos em grupos os adolescentes apresentam uma identidade própria, com determinado estilo, preferências e comportamentos. Os adolescentes tornam-se, assim, consumidores perfeitos, uma vez que constituem em seus grupos um público definido. Tal fato é percebido e explorado pela publicidade, que incentiva os estilos de cada grupo colocando no mercado acessórios que façam com que aquele que os possua sintam-se como integrante de tal tribo. “Cada grupo e a adolescência em geral se transformam numa espécie de *franchising* que pode ser proposta à idealização e ao investimento de todo mundo, em qualquer faixa etária.” (Calligaris, 2000, p.58). É neste momento que surge o estilo adolescente, acessível a qualquer pessoa, independente de sua idade.

Segundo esse autor, a adolescência pode ter surgido devido ao fato de os adultos modernos precisarem dela como um ideal.

Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que encenasse o sonho de idiossincrasia, de unicidade, de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos? (id., p.59).

Como foi visto anteriormente, a atenção que era dedicada às crianças, passa a ser estendida ao adolescente. Diferente das crianças, às quais os adultos poderiam apenas contemplar, a adolescência está mais próxima do adulto. O adulto pode querer ser um adolescente, ter um estilo de vida como o do adolescente. Calligaris (2000) diz que o adolescente é um adulto de férias, sem responsabilidades nem obrigações; goza das vantagens de possuir um corpo adulto sem o ônus que isso acarreta. A adolescência é, desta forma, um ideal dos adultos. Pode-se, a isso, acrescentar o que Ariès (1981, p. 47) preconiza: “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo.”

Nos anos 60, os adolescentes tinham os adultos como ideal, buscando ser reconhecidos como tal, fato que não é diferente da atualidade. Acontece que, para tanto, os adolescentes imitavam os adultos em tudo: atitudes, roupas, hábitos. No entanto, aos poucos o adolescente, na tentativa de desvendar os desejos e sonhos dos adultos, depara-se com a sua própria imagem como sendo o ideal escondido dos adultos (Calligaris, 2000, p.72), o que o leva a concluir que a melhor forma de agradar aos adultos seria viver intensa e longamente a sua adolescência.

Com a idealização da adolescência, a estética adolescente passa a ser o ideal não apenas de adolescentes e adultos, mas também de crianças, haja vista a emergência da categoria “pré-adolescente”. Ao ser admirado e idealizado por todos, o adolescente passa a idealizar a si mesmo. Arelado a tal fato, encontra-se o prolongamento da adolescência, e mais do que isso, o desejo que a adolescência nunca acabe. O adolescente não precisa mais ser reconhecido pelos adultos como um igual, segundo Calligaris (id.), parece que são os adultos que buscam o reconhecimento dos adolescentes.

3.6 Adolescência, modernidade e pós-modernidade

Segundo Silva (1999), a adolescência seria o sintoma e a caricatura da modernidade, “(...) uma perturbação pós-moderna naquilo que é o modo moderno de nos tornarmos sujeitos.” (Silva, 1999, p.161). Autores como Ariès (1981), Groppo (2000) e Calligaris (2000) também apontam a adolescência como um fenômeno da modernidade. No entanto, Groppo (id.) traz uma reflexão interessante ao discorrer sobre a pluralidade das juventudes, acompanhando as diferenças culturais, sociais, de gênero, raciais, regionais e nacionais. A

formação de grupos entre jovens proporciona, como foi visto anteriormente, a construção de diferentes identidades juvenis, de diferentes estilos.

A criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade, e a existência da multiplicidade quase que incontrolável de juventudes é um sinal de que este fundamento, assim como outros fundamentos da modernidade, possui suas contradições. A diversidade das culturas modernas é um dos frutos das contradições dos projetos modernizadores que objetivaram criar faixas etárias preparatórias à maturidade. (Groppo, 2000, p.18).

Pode-se pensar que esta nova reflexão sobre o que vem a ser a adolescência e a juventude, levando em conta sua multiplicidade e o seu caráter de fenômeno criado em determinado contexto, vai ao encontro da discussão realizada por pensadores da atualidade como Edgar Morin (1996) e Boaventura de Sousa Santos (2001), acerca da existência de um novo paradigma: a pós-modernidade. Apesar de os conceitos de adolescência e juventude estarem atualmente ainda marcados por critérios científicos baseados numa noção evolucionista do homem (característica do pensamento moderno), podem ser percebidos traços de uma nova visão, como os apregoados por Calligaris (2000) e Groppo (2000), dentre outros autores.

Groppo (id.) contribui para a discussão levantada por Calligaris (id.) sobre a adolescência como um ideal cultural. Groppo (ibid.) fala sobre um processo de “juvenilização” que substituiria a juventude, sendo este processo desvinculado da idade adolescente, podendo ser vivido por qualquer idade. As faixas etárias deixariam de ser essenciais para a determinação do curso da vida, transformando-se em estilos de vida sendo escolhidos livremente pelos sujeitos. Seria o que Thomas Held (apud. Groppo, 2000, p.284) chama de “reprivatização do curso da vida.” Segundo Groppo (id, p.284): “nesta sociedade pós-moderna, a própria juventude teria perdido sua razão de ser no seu sentido, hegemônico durante a modernidade, de transitoriedade, construção da individualidade e aquisição de experiências sociais básicas.”

Partindo destas reflexões, penso que a afirmação de Groppo, sobre a importância da categoria social juventude para a compreensão da sociedade moderna é mais abrangente do

que se poderia imaginar. Conhecer a trajetória das concepções de adolescência e juventude leva à uma discussão sobre os caminhos percorridos pela história como um todo, os paradigmas que dominaram cada época, os saberes tidos como verdadeiros. Devido ao fato de a adolescência ser um fenômeno construído socialmente e que, concomitantemente, constrói também esse social, conhecê-la é estar dentro da história, atento para não cair na armadilha de encarar este fenômeno como algo cristalizado e pré determinado, podendo estar aberto para acompanhar as constantes construções e modificações que acontecem sob nossos olhos.

3.7 A construção das adolescências

Partindo do pressuposto de que esta pesquisa compartilha uma visão de homem e mulher como ser social e histórico, inserido em determinado contexto do qual é produto e produtor, seria totalmente incoerente conceber a idéia de adolescência como uma fase da vida, naturalizada e universal. Fala-se aqui de construção de adolescências no plural, para marcar o olhar que nesta pesquisa será destinado a esta categoria de análise, considerando as diversidades, particularidades e peculiaridades do que atualmente é chamado de adolescência.

Dessa forma, pode-se dizer que “a adolescência não é um período natural do desenvolvimento. É um momento significado e interpretado pelo homem.” (Ozella, 2002, p.21). Assim, a adolescência é construída historicamente, não sendo, portanto, uma fase natural do desenvolvimento, devendo ser compreendida como inserida no processo histórico de sua constituição.

Sabe-se, entretanto, que a sociedade moderna “destaca e significa” algumas marcas para identificar a adolescência (Kahhale, 2003; Ozella, 2002), dentre elas estão as mudanças corporais e as modificações no desenvolvimento cognitivo. Porém, é importante considerar que aquilo que é visto em determinada sociedade como natural ou normal, só o é porque assim foi significado num determinado contexto histórico. Obviamente, durante a puberdade existe um corpo em desenvolvimento, caracterizado por certas modificações corporais, mas estas recebem significados construídos pelos sujeitos. Ou seja, as características atribuídas aos adolescentes surgem nas relações sociais, são históricas,

sofrendo modificações ou sendo reforçadas, de acordo com as condições materiais, culturais e sociais de tal contexto.

Uma vez que esta pesquisa está pautada na perspectiva histórico-cultural, a visualização da totalidade é fundamental para a compreensão de qualquer fato. Os fenômenos humanos devem ser estudados levando-se em conta seu processo de transformação e mudança, seu aspecto histórico. Com a adolescência não poderia ser diferente. A totalidade social é constitutiva da adolescência, sem as condições sociais que constroem uma determinada adolescência, esta poderia não existir ou poderia não ser a mesma caracterizada pela sociedade moderna. Dentre essas condições sociais, pode-se citar algumas que servem como diferenciadores das diversas adolescências em cena na contemporaneidade: origem de classe, contexto urbano, processo de urbanização/industrialização, tradições culturais e religiosas, gênero.

Kahhale (2003) questiona se todos os jovens passam, obrigatoriamente, pela adolescência. A própria autora responde afirmando que “a adolescência acontecerá quando as condições sociais para seu surgimento estiverem dadas.” (p.93). No entanto, tal afirmação: “a adolescência acontecerá”, transmite a idéia da existência de uma adolescência esperada, caracteristicamente ocidental, urbana, burguesa, das camadas médias. Quem sabe fosse mais interessante pensar que “adolescências” ocorrerão, mas cada qual com suas particularidades, imbricadas em determinado contexto, considerando sua diversidade ou até mesmo a sua ausência, uma vez que esta ausência também é reflexo das condições sociais presentes, um dos matizes da diversidade.

A camada social à qual o sujeito pertence influencia na configuração de sua adolescência. Estudos realizados por Clímaco (1991) e Desser (1993), citados por Kahhale (id.), corroboram esta afirmação. O fato de nas camadas populares o ingresso no mercado de trabalho acontecer mais cedo, quando comparado com as camadas médias e altas, assim como a maior chance de experimentar e ousar dentre os adolescentes de camadas médias e altas, uma vez que as condições econômicas não os impedem, são alguns dos fatores que indicam as diferentes nuances das adolescências, quando vistas sobre o prisma dos diferentes níveis sócio-econômicos.

Entretanto, mesmo tendo o conhecimento de toda a diversidade relativa à adolescência, Kahhale (ibid.) lembra que os meios de comunicação disseminam um modelo

de adolescência dominante, servindo como modelo de identificação, tendo o outro como referência para encontrar a si mesmo. O adolescente, contudo, não fica passivo diante dessa situação, ao mesmo tempo em que é espectador é autor, estabelecendo uma relação ativa com a cultura, atribuindo os mais diversos sentidos àquilo que foi socialmente estabelecido.

Serão essas considerações acerca da adolescência que nortearão a presente pesquisa. Talvez sem este olhar sobre as adolescências fosse inviável realizar uma pesquisa que busca as diversas concepções sobre adolescência no decorrer destas últimas cinco décadas, no Brasil, com ênfase nas modificações condizentes com os diferentes momentos históricos. A discussão que vem a seguir, sobre sexualidade e gênero, amplia e complementa o que foi discutido até o momento, contribuindo para um olhar “caleidoscópico” sobre estes temas.

4. SEXUALIDADE E GÊNERO: UM OLHAR “CALEIDOSCÓPICO”

Em consonância com o que foi apresentado até o momento, sexualidade e gênero serão aqui olhados como categorias sociais, historicamente construídas, constituídos nas/pelas relações e constituintes destas.

4.1 Discutindo sexualidade

A sexualidade possui uma história que deve ser compreendida como um construto social e cultural, respeitando sua diversidade e especificidade histórica, uma vez que é construída de maneiras diferentes através das culturas e do tempo (Parker, 2000). Nessa mesma direção, Kahhale (2001) afirma que:

A constituição da sexualidade e das possibilidades de sua construção pelo indivíduo, no caso por um indivíduo específico, antecedem seu próprio nascimento, por expressarem as condições sócio-históricas mais globais, bem como as específicas e as circunstâncias nas quais o casal, que gera uma criança, está inserido. (p. 181).

Dessa forma, pode-se compreender que “a sexualidade não é fixa. (...) seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar.”(Loyola, 1999, p.36). Esta variação não se dá apenas em um nível histórico, mas também no que concerne a diferentes sociedades, diferentes grupos sociais pertencentes a uma mesma época, bem como ao longo da vida de uma única pessoa. Nesse sentido, “não há uma razão universal pairando sobre as condutas, e muito menos sobre significados do que seja sexual.” (Heilborn & Brandão, 1999, p.9). Idéia esta compartilhada por Hekma (1995), quando o autor afirma que “não são apenas as concepções sobre sexualidade que mudam, mas também a própria sexualidade e o comportamento sexual.” (p.259).

Partindo deste princípio, é possível argumentar que mais importante do que deter-se na busca de um conceito de sexualidade, é contextualizar os diferentes momentos (históricos, sociais, pessoais) em que estas “sexualidades”⁹ foram/são vivenciadas.

⁹ Lançou-se mão do uso do termo no plural com vistas a enfatizar a pluralidade deste fenômeno. (artifício também utilizado ao discutir adolescência).

Esta maleabilidade conferida à sexualidade é verificável nos estudos de Laqueur (2001), quando este faz menção à existência primeiramente de um modelo de sexo único, seguido pelo modelo de dois sexos. Segundo o autor, o primeiro modelo, que perdurou da Antigüidade até o final do Renascimento, anunciava a existência de um único sexo: o masculino. Cabia ao sexo feminino o lugar de uma versão imperfeita daquele. A mudança para o modelo dos dois sexos (século XVIII), onde homem e mulher são tomados como diferentes e complementares, veio à tona somente quando as diferenças anatômicas e fisiológicas se tornaram politicamente interessantes. Ou seja, mais do que consequência dos avanços do conhecimento científico a respeito da anatomia e fisiologia do homem e da mulher, foram questões epistemológicas e políticas que motivaram esta nova concepção dos sexos. Fazia-se necessária uma “reinterpretação dos corpos” (Laqueur, id. p.22) visando a construção da sociedade liberal moderna.

Apesar da proposta ser que a discussão sobre gênero aconteça a seguir, principalmente por razões didáticas, é difícil falar de sexualidade sem abordar questões de gênero. Esta ligação entre gênero e sexualidade pode ser encontrada na afirmação de Laqueur (ibid.) quando o autor fala de sexo e gênero:

“(…) quase tudo que se queira *dizer* sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder.”(Laqueur, 2001, p.23).

Ainda nesta direção, o mesmo autor salienta que as diferenciações de gênero precedem historicamente as diferenciações de sexo, sendo possível visualizar tal afirmação a partir do modelo de sexo único: “durante grande parte do século XVII, ser homem ou mulher era manter uma posição social, assumir um papel cultural, e não *pertencer* organicamente a um sexo ou a outro. O sexo era ainda uma categoria sociológica, não ontológica.” (Laqueur, id. p.177).

Percebe-se, dessa forma, que os discursos a respeito da sexualidade já tomaram as mais diferentes formas e os mais diferentes focos. Quando Foucault¹⁰ (1988) discute em “História da sexualidade - a vontade de saber” a hipótese repressiva, destaca as diferentes nuances, no que se refere à sexualidade, entre os séculos XVII e XX. O autor aponta a emergência, no século XVIII, de um discurso específico sobre sexo que fuja da moralidade e repouse na racionalidade. Assim, o discurso anterior que associava sexo às questões morais, lícitas e ilícitas, com forte cunho religioso, abre espaço a falas que incitem a gerência, a administração do sexo. É o que Foucault (id.) chama de “polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.” (p.28).

É possível, assim, traçar um paralelo entre a mudança do modelo de sexo único (século XVII) para o modelo de dois sexos (século XVIII), abordada por Laqueur (2001), e as transformações presentes no discurso do século XVIII salientadas por Foucault (id.). Ou seja, foram questões políticas, econômicas, intimamente relacionadas ao poder que imprimiram estas novas construções no campo da sexualidade.

Foi então entre os séculos XVIII e XIX, como visto anteriormente, que a ânsia de controlar o comportamento sexual, de disciplinar os corpos, possibilitou o desenvolvimento de discursos de cunho científico sobre o sexo. Cabe aqui ressaltar o papel da medicina, psiquiatria, pedagogia e da justiça. (Foucault, *ibid.*).

Neste quadro de disciplinarização da sexualidade, a “sexologia debutante” (Bozon, 2004, p.41) do século XIX, preocupa-se com o que possa vir a ameaçar a sexualidade normal, englobando, dentre as ameaças, as doenças venéreas e as perversões. Nesta primeira sexologia, as fronteiras do normal e do anormal eram diferentes para homens e mulheres. Para as mulheres, por exemplo, ficava determinado que o cerne da sexualidade normal seria a maternagem e o papel de esposa, associado à submissão.

A segunda sexologia relega a questão da normalidade sexual a um segundo plano. Ela surge a partir da segunda metade do século XX, primeiramente com Kinsey, seguido por Masters e Johnson. O foco, nesse momento, passa a ser o prazer e o orgasmo

¹⁰ Apesar da discussão presente neste trabalho não se pautar em Foucault, considera-se importante trazer à baila alguns pontos discutidos por este autor, no que concerne à sexualidade.

(principalmente o feminino), sendo estes encarados como fundamentais para o bom funcionamento conjugal. (Bozon, 2004). Surgem, assim, preocupações com as disfunções sexuais, onde a figura do sexólogo teria papel fundamental, procurando, através dos mais diversos tipos de tratamentos, resolver os problemas sexuais, visando a satisfação de ambos os parceiros¹¹.

Estas duas sexologias discutidas por Bozon (id.), estão consonantes com o que Foucault (1988) fala a respeito de duas rupturas na história da sexualidade, caso a centremos nos mecanismos de repressão, destacando aqui em especial a segunda ruptura, que aconteceria no século XX, caracterizada por um afrouxamento destes mecanismos de repressão.

Estas diferentes abordagens com relação à história da sexualidade são aqui explanadas com o intuito de frisar o caráter móvel das fronteiras entre o que, em determinado momento, é ou não considerado sexual (Bozon, 2004) e também para destacá-la como um construto social. Indo além, Loyola (1999) afirma que o debate sobre a sexualidade

(...) envolve e decorre, em grande parte, das numerosas e importantes transformações que vêm ocorrendo, principalmente nas últimas décadas, no pensamento, nas instituições e nas subjetividades ocidentais, ele constitui, também, e em si mesmo, uma forma de reflexão sobre a sociedade contemporânea e sobre os instrumentos teórico-conceituais que utilizamos para pensá-la e interpretá-la. (p. 36).

4.2 A construção do gênero

Segundo a perspectiva histórico-cultural, todas as atividades humanas são mediadas pela cultura. Logo, quando se fala de humano, não existem fenômenos naturais. Saffioti (1994), socióloga feminista de base marxista, trabalha a concepção de gênero como construção social, compreendendo relações de gênero como relações entre sujeitos

¹¹ A discussão concernente às transformações advindas com a segunda sexologia, em especial a partir dos anos 1960, será retomada ainda neste capítulo no tópico Sexualidade, gênero, amor e mulheres.

historicamente situados. Na mesma direção, Nogueira (2001, p.123) afirma que gênero “não é um atributo individual, mas uma forma de dar sentido às transações: ele não existe nas pessoas mas sim nas relações sociais.” Portanto, as relações de gênero se dão não apenas entre homens e mulheres, mas também entre homens e homens, e, mulheres e mulheres (Lago, 1999; Saffioti, 1994).

Gênero é, desta forma, relacional,

(...) quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. (Saffioti, 1992, p.187).

Entretanto, cabe lembrar que “as diferenças de gênero são perpassadas por outras diferenças, de raças, classes sociais, idades, etc. Infinitudes de diferenças através das quais construímos nossas subjetividades.” (Lago, 1999, p.6). Considera-se então que o sujeito é constituído tanto em gênero quanto em raça/etnia e classe social. (Saffioti, 1994). Nesse sentido, as categorias gênero, classe e raça, por exemplo, são constitutivas umas das outras, e, assim não se pode buscar a primazia desta ou daquela, nem mesmo vê-las como estruturas separadas. Elas se fundem histórica e socialmente e, de acordo com a perspectiva histórico-dialética, será a conjuntura do momento, que determinará qual das categorias terá maior ascendência sobre os sujeitos. (Saffioti, 1992). Busca-se então, desconstruir a lógica cartesiana, linear e dicotômica que determina aos sujeitos certas características, dependendo da “gaveta” na qual eles se encaixam.

Lauretis (1994) contribui para essa discussão, ao afirmar que o sujeito é constituído no gênero, mas não apenas nele e muito menos unicamente pela diferença sexual, mas sim constituído no e através dos códigos linguísticos e representações culturais. Dessa forma, é perpassado pelas relações de classe e raça, além das relações de gênero, ou seja, “um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.” (p. 208). Seguindo este pensamento, Saffioti (1992) afirma que:

A construção do gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humano, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres e homens. Também as classes sociais se formam na e através das relações sociais. Pensar estes agrupamentos humanos como estruturalmente dados, quando a estrutura consiste apenas numa possibilidade, significa congelá-los, retirando da cena a personagem central da história, ou seja, as relações sociais. (p.211).

4.3 Articulando gênero e sexualidade

A partir do conceito de gênero, mais especificamente das relações de gênero, tornou-se possível uma reflexão a respeito da construção sócio histórica da sexualidade partindo da significação das diferenças biológicas. Da mesma forma que gênero não se resume à diferença orgânica entre os sexos, ou seja, gênero não é sinônimo de sexo, sexualidade também não o é. Falar de sexualidade vai muito além das mudanças físicas ou da relação sexual, compreendendo, portanto, falar de sujeitos, da constituição destes abarcando sua multicplidade, sua dinâmica, seu processo histórico. As mesmas palavras servem para expressar o que é falar sobre gênero¹².

Visto dessa maneira, pode-se acrescentar que o conceito gênero veio somar elementos à discussão acerca da sexualidade. Nesse sentido,

permite uma passagem da análise do sexo biológico/genético para as relações entre o masculino e o feminino como construções sociais e históricas. Assim, o que define a sexualidade [e as relações de gênero] depende do momento histórico da humanidade e das condições concretas nas quais o homem está inserido. (Kahhale, 2001, p.180)

¹² Cabe aqui um adendo com vistas a justificar o uso da negação nas definições de sexualidade e de gênero. Para tanto, a citação de Bozon (2004) vem ao encontro do pretendido: “A sexualidade é uma esfera específica, mas não autônoma, do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados. E é o não-sexual que confere significado ao sexual, nunca o inverso. Histórica, sexual e socialmente, os próprios limites do sexual são movediços.” (p.14)

Entretanto, cabe lembrar que a sexualidade não se resume, nem está subordinada exclusivamente ao gênero, isto seria incongruente com sua diversidade. Villela e Barbosa (1996) acrescentam que:

sendo o corpo um *locus* de significados sexuais, práticas históricas e sensações físicas, simultaneamente sujeito e objeto de construções sociais, e estando a sexualidade referida a este complexo, o gênero seria apenas uma das dimensões a serem consideradas na sua abordagem. (p.190).

No mesmo caminho desta discussão encontra-se a questão abordada por Butler (2000) a respeito da distinção entre sexo e gênero, segundo a qual sexo seria natural e gênero, social, ou melhor, a construção social do sexo. Esta suposição desconsidera que a natureza também tem uma história e que, por conseguinte, “o conceito de sexo tem uma história que fica ocultada pela figura do lugar ou da superfície de inscrição.” (p.157). Esta desnaturalização do gênero, marcando-o como social, cai na armadilha da polarização, da dicotomização. Podendo-se, até mesmo, pensar nas dicotomias da seguinte maneira: natural/ social, privado/público, sexo/cultura, mulher/homem. A esse respeito, Flax (1992) afirma que “o que permanece mascarado nesses modos de pensamento é a possibilidade de que nossos conceitos de biologia/natureza sejam enraizados nas relações sociais; eles não refletem apenas a dada estrutura da própria realidade.”(p.238).

O determinismo biológico aparece como justificando as diferenças qualitativas entre homens e mulheres. Esta maneira de compreender as mulheres como pertencentes à vida privada e os homens à vida pública, social, amplia-se com o processo de divisão da vida nas esferas pública e doméstica, proporcionada pela ascensão da industrialização e urbanização. Passa-se a acreditar na existência de apenas dois tipos de sujeitos: homens e mulheres, ignorando os matizes que constituem o espectro das masculinidades e das feminilidades.

Bozon (2004) critica a correlação entre diferença sexual e natureza, que tem sua origem na visão do modelo de dois sexos, citado em momento anterior. A diferença que no modelo de sexo único era uma diferença de graus, pautada numa escala de perfeição, passa a ser uma diferença de espécie. Dessa forma,

o pudor, a possibilidade da continência sexual, a moderação, a ausência de desejo passaram a ser considerados qualidades naturais das mulheres, vinculados à perda da antiga função do prazer feminino. Inversamente, o desejo, a agressividade e a atividade foram definidos como próprios do indivíduo masculino. (Bozon, 2004. p.37)

Joan Scott, em entrevista concedida a Miriam Grossi, Carmen Rial e Maria Luiza Heilborn (1998), comenta que:

Penso que dizer “diferença de sexos” ou “diferença sexual” é muito menos importante do que colocar a questão em termos históricos. Ou seja, no perguntar como as relações entre os sexos foram construídas em um momento histórico, por que razão, com que conceitos de relação de forças, e em que contexto político. Este é o verdadeiro problema: historicizar a idéia homem/mulher e encontrar uma forma de escrever uma verdadeira história das relações homens/mulheres, das idéias sobre sexualidade etc. (...) são as grandes generalizações que fazem perder a ressonância histórica. A diferença dos sexos é um jogo político que é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social. (p.5).

Com relação à discussão dos aspectos biológicos, não se pode desconsiderar que uma vez que a sexualidade e as relações de gênero são constituintes dos sujeitos e de sua materialidade, de seus corpos, tanto sexualidade quanto gênero têm lugar nesses corpos. Longe da visão naturalizante, o corpo, como afirmado por Villela e Barbosa (1996), passa por modificações físicas, de ordem biológica, mas estas são significadas histórica e culturalmente, de acordo com o contexto no qual estes sujeitos estão inseridos. Butler (2000) da mesma maneira que afirma que o sexo possui uma história, também ressalta a historicidade do corpo.

Nesse sentido encontra-se também Laqueur (2001), quando afirma que “o corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das noções modernas de diferença sexual, é também produto de momentos específicos, históricos e culturais. Ele também, como os sexos opostos, entra e sai de foco.” (p.27)

Assim como os corpos possuem história e são significados pela cultura, também os conceitos de masculino e de feminino passam pelo mesmo processo. Há uma tendência em classificar o feminino como sendo característica inerente às mulheres, compreendendo a sensibilidade, maternagem, afetuosidade. Já a masculinidade é exclusividade dos homens, associada à força, agressividade, determinação, ao social.

Na mesma entrevista citada anteriormente (Grossi, Rial & Heilborn, 1998), quando questionada sobre a existência de uma subjetividade feminina, Joan Scott responde com um “sim e não”. Ela nega uma essência feminina, ligada a aspectos biológicos e a uma mulher sem história; mas concebe a existência de uma subjetividade criada para as mulheres, em determinado contexto histórico, cultural e político. Assim, afasta-se da armadilha de uma identidade feminina, de uma mulher universal, o que representaria, novamente, a essencialização e a naturalização das relações entre homens e mulheres, sem considerar as diversidades, a história. A mesma reflexão pode ser transportada para as discussões sobre sexualidade: naturalizá-la, associando-a a diferenças biológicas inscritas em corpos a-históricos, ou então enxergar a heterossexualidade como a única maneira de viver a sexualidade, é ignorar seus diversos tons e ritmos (Paiva, 1996), a sua plasticidade.

4.4. Sexualidade, gênero, amor e mulheres

Este item se propõe apresentar, de maneira sinóptica, uma explanação das transformações referentes à sexualidade, gênero e relacionamentos, em especial no tocante às mulheres. Tal contextualização é propícia uma vez que este trabalho abarca edições de uma revista feminina pertencentes a cinco diferentes décadas. Para esta discussão, contar-se-á com os escritos de Bozon (2004)¹³, sociólogo que tão bem retrata as mudanças no que tange à sexualidade.

Casamento, só por amor. Esta máxima, que soa como o “natural”, o esperado, nem sempre foi assim. No século XII tem-se a presença do amor cortês, definindo condições à relação amorosa. Esse amor possuía a característica de ser adúltero, uma vez que o amor ideal só poderia acontecer fora do casamento, pois dentro dele sua existência era

¹³ Apesar de Bozon ilustrar seus estudos com dados provenientes de seu país de origem, a França, isso não impede que sua teoria seja aqui utilizada, desde que contextualizada. Cabe ressaltar ainda que pesquisadoras brasileiras como Afonso (1997), Heilborn (1999), Paiva (1996), Villela & Barbosa (1996), já citadas ou que logo serão referenciadas, encontraram resultados semelhantes em seus estudos.

incompatível com a presença de um marido bruto, que não havia sido escolhido e que mais se assemelhava a um senhor. A sociedade ocidental fica com a oposição entre fora e dentro do casamento como herança do amor cortês, fazendo jus à dicotomia sentimento e desejo.

Foi durante o século XVIII que se deu início a uma transformação no que tange ao lugar do amor. Este, que antes era dispensável ao casamento, passa a ser não somente esperado entre marido e mulher, como também a grande razão da escolha pelo seu parceiro. O amor deixa a marginalidade e passa a ocupar posição central, sendo não apenas proclamado, mas também imposto pela Igreja Católica, no século XX, como o alicerce do casamento. Nesse contexto, a relação sexual passa a ser uma das formas de demonstração do amor conjugal. Casar-se por amor passa a ser uma norma.

É sob a batuta do casamento por amor que se assiste, na segunda metade do século XX, a uma série de transformações. Transformações estas que afetaram principalmente as mulheres. Os anos 1960 marcam o início de significativas mudanças que se refletiram na situação social e familiar das mulheres. Muitas destas mudanças estão associadas aos movimentos feministas que proporcionaram, dentre outras conquistas, a politização da sexualidade e a possibilidade de perceber os seres humanos em seus diversos matizes e singularidades. No rol das mudanças, é possível citar o aumento de escolaridade entre as mulheres e o crescimento da participação destas no mercado de trabalho.

Uma outra mudança bastante significativa foi o surgimento de métodos contraceptivos controlados pelas mulheres, conferindo a estas maior autonomia e gerência de seu próprio corpo, possibilitando assim a dissociação entre sexualidade e procriação. Relacionado a esta conquista, encontra-se o prolongamento da vida sexual, em especial das mulheres. Este reordenamento do calendário sexual está ligado à redefinição do significado de sexualidade e das relações entre os sexos. Assiste-se a uma diminuição da idade referente à iniciação sexual (para as mulheres principalmente), bem como a manutenção de uma vida sexualmente ativa para além dos 50 anos. Outro diferencial é a existência, para as mulheres, de uma vida sexual pré-marital (especialmente após os anos 1970), antes apanágio do sexo masculino.

Este alongamento da vida sexual, especialmente quando se fala do início da vida sexual ocorrendo mais cedo, acarreta grandes transformações nas relações entre diferentes gerações, principalmente naquelas pertencentes entre os anos 60 e 90. “Os pais são cada

vez mais testemunhas e cúmplices da sexualidade de seus filhos solteiros. (...) a geração de pais renuncia a estabelecer normas restritivas à sexualidade dos jovens, ainda que continue a se preocupar com isso.” (Bozon, 2004, p.71). Os filhos jovens passam a morar mais tempo com os pais, e é justamente a não interferência direta na vida sexual dos filhos que permite o prolongamento desta coabitação. Não apenas os pais passam a conviver com a sexualidade dos filhos como o contrário também, em especial quando os pais se separam e recomeçam uma nova vida conjugal.

Seria talvez interessante abrir um parêntese antes de prosseguir a discussão e abordar brevemente a visão que este trabalho possui do conceito de geração. Seguindo a idéia de adolescências construídas historicamente, longe de ser um evento naturalizado e universal, não se pode pensar também na existência de uma geração-padrão. Sirineli (1991), ao discutir se geração seria um padrão que permite dividir o tempo, defende a plasticidade das gerações, uma vez que os fatos inauguradores acontecem sem qualquer regularidade designando, assim, a existência de gerações com diferentes durações. Este autor utiliza o termo “história em sanfona” (p.134), para caracterizar a história ritmada pelas gerações.

Pode-se dizer então, que a geração “(...) é também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial. Além disso (...) a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula.”(Sirineli, 1991, p.133).

O ideal do casamento por amor abre espaço, nas últimas décadas do século XX, ao ideal do “juntos por amor” (Bozon, 2004, p.48). Estes relacionamentos, segundo o autor, caracterizam-se por serem mais frágeis e mais informais. Neste estilo contemporâneo de funcionamento conjugal, cresce a importância dos interesses individuais dos cônjuges e a sexualidade passa a assumir uma posição especial.

A relação de dependência que, outrora, ligava a sexualidade ao casamento foi completamente invertida: da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual, passou-se à troca sexual, motor interno da conjugalidade. A sexualidade, que

antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento. (Bozon, 2004, p.49).

Esse papel de destaque conferido à sexualidade na relação conjugal favorece o aumento do repertório sexual (masturbação mútua, sexo oral), valorizando a reciprocidade na atividade sexual. Dessa forma, a passividade deixou de ser uma característica “inerente” às mulheres, passando estas, principalmente a partir da década de 90, a tomar mais a iniciativa, apresentando-se mais ativas em seus relacionamentos amorosos. Bozon (id.) chama atenção para o fato de que a tendência de “(...) aproximação das trajetórias e das atitudes sexuais de homens e mulheres pode ser observada na maior parte dos países desenvolvidos.” (p.84). É importante ressaltar que estas mudanças não são universais, podendo variar entre países, estados, regiões, comunidades, indivíduos.

Bozon (ibid.), após destacar as transformações e conquistas que permearam o âmbito da sexualidade, especialmente a sexualidade feminina, questiona a profundidade destas mudanças, chegando a afirmar que “no entanto, tampouco neste domínio [da sexualidade] o estilo das relações entre os sexos mudou tão radicalmente quanto seria possível imaginar.”(p. 82). Segundo este autor mantém-se uma assimetria dos papéis na sexualidade, retratada nas diferentes maneiras como homens e mulheres lidam e vivenciam a sexualidade.¹⁴ Alguns exemplos destas diferenças são o fato das mulheres verem a relação afetiva ou conjugal “(...)como a moldura normativa da relação sexual.” (Bozon, 2004, p.88), e o movimento que estas fazem de interiorizar as expectativas sociais, funcionando reguladas por pré-julgamentos.

No que diz respeito a esta interiorização de expectativas, Bozon (2004) afirma que “estas últimas décadas assistiram a uma aceleração do processo de substituição de controles e disciplinas externos aos indivíduos, por meio de controles e disciplinas internos, que aprofundam as exigências sociais.” (p.152).

A convivência entre tantas transformações na esfera da sexualidade e na vida das mulheres e a permanência de dicotomias e desigualdades entre os diferentes sexos

¹⁴ Esse aspecto será também apresentado no item seguinte.

demonstra a hibridez da contemporaneidade, com suas diferentes nuances e particularidades. É inegável que alguns comportamentos, conceitos e valores de cinco décadas atrás continuam a vigorar na atualidade, estando apenas, algumas vezes, sob uma nova roupagem. Entretanto, esta permanência não pode ocultar nem roubar o colorido das mudanças, das transformações nos relacionamentos e das conquistas efetivadas pelas mulheres.

4.5 Adolescência, gênero e sexualidade

“O poder dos hormônios”, esta concepção é um dos responsáveis pela dificuldade de se compreender a sexualidade do adolescente de maneira diversa do viés biologicista, universalizante e a-histórico (Paiva, 1996). São os hormônios, a explosão do desejo, o efervescer da sexualidade (vista como sexo, naturalmente), o “fogo” da adolescência, que servem de motivo para trabalhos educacionais voltados para a “repressão” destes sentimentos incontroláveis e inconcebíveis. Tal discurso é reforçado pela visão biomédica, reduzindo a “gramática cultural da sexualidade adolescente” (Paiva, id., p.213), a um fenômeno que precisa ser controlado.

Entretanto, ao mesmo tempo que a sexualidade adolescente é vista como ameaçadora, “condenada” a uma “gravidez indesejada” ou a uma doença sexualmente transmissível e à AIDS, ela também é esperada. Afirma Paiva (ibid, p.214) que

No Brasil, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que jovens sejam sexuados. Mas essa sexualidade deve ser diferenciada por gênero e se estabelecer na adolescência como uma sexualidade heterossexual e não reprodutiva.

No que diz respeito à vivência da sexualidade pelos diferentes gêneros, Heilborn (1999), baseada em uma pesquisa por ela desenvolvida sobre as carreiras afetivo-sexuais de homens e mulheres de camadas populares, destaca o quão imbricadas estão as trajetórias de gênero e o processo de iniciação sexual dos adolescentes.

Ocorreram transformações no que concerne à entrada na vida sexual adulta e à moral sexual. Um exemplo é a relativa perda do valor associado à virgindade feminina que,

por sua vez, proporcionou uma aproximação do calendário da iniciação sexual dos adolescentes do sexo masculino e feminino (meninas iniciando sua vida sexual mais cedo). Com relação a estas mudanças, Arilha & Calazans (1998) destacam o fato de que tais transformações atingiram mais diretamente às adolescentes, uma vez que os adolescentes do sexo masculino sempre dispuseram de um conjunto de práticas sexuais mais livres, menos vigiadas. As autoras afirmam que

(...) o que parece ter ocorrido é uma mudança importante no campo dos valores e repertórios sexuais entre garotas, que estariam mais afeitas às possibilidades de mudanças diante de sua sexualidade, de seu corpo sexual e erótico. Maior flexibilidade diante da virgindade e a possibilidade de “ficar”, indicando percursos de uma sociedade mais permeável à aceitação de práticas sexuais mais inovadoras, que só puderam nascer em um contexto de transformações dos valores da sociedade em relação à sexualidade. (id., p.691)

Entretanto, apesar destas transformações, o que se verifica é a manutenção da diferença no que diz respeito a maneira como homens e mulheres vivem a iniciação sexual. Heilborn (1999) aponta que adolescentes do sexo masculino encaram a entrada na vida sexual como um momento de iniciação pessoal, um ritual de passagem que visa a constituição da virilidade. Para as adolescentes, a iniciação sexual estaria relacionada ao estabelecimento de um vínculo afetivo, um importante momento na constituição de um relacionamento amoroso mais sério.

Percebe-se assim, que os menos atingidos pelas mudanças nas últimas décadas no que concerne à sexualidade foram os jovens do sexo masculino, como visto anteriormente, e em especial, os pertencentes às camadas populares. Estudos como o de Heilborn (id.) sobre camadas populares, indicam a permanência de algum espaço para os valores tradicionais e para as representações de gênero hierárquicas (Arilha & Calazans, 1998). Isto demonstra o quão imiscuídas estão variáveis como gênero e camada social.

Cabe entretanto, mais uma vez ressaltar que as constatações acima relatadas não estão pautadas em uma visão naturalizante e universalizadora de sexo e gênero, onde as características atribuídas aos gêneros são encaradas como naturais e inerentes a cada um

dos sexos. Estão sim baseadas nos discursos produzidos por sujeitos históricos, sujeitos do seu tempo, que expressam a maneira como estes vêm se constituindo nos mais diversos contextos. Complementando, Arilha & Calazans (1998, p.689) afirmam que “mudanças significativas no tocante à atitude dos jovens diante da sexualidade aconteceram, mas, no entanto, não devem ser pensadas como uniformes para todo o país, e sim, como experiências moldadas pelas perspectivas de gênero, raça, idade e classe social.”

A maneira de lidar com a sexualidade adolescente, acompanha a história da construção das adolescências. Ou seja, com o advento da sociedade moderna capitalista, a adolescência passa a ocupar um lugar de destaque, sendo o momento destinado ao preparo do jovem para a vida adulta, para o mercado de trabalho. Cabe aos adolescentes algumas tarefas: lidar com as transformações de seu corpo, fazer sua opção sexual, buscar independência afetiva e econômica, lidar de forma “madura” com sua sexualidade. Porém, este “amadurecimento” deve acontecer seguindo alguns padrões, onde as diferenças de gênero são visíveis, como visto anteriormente. Dessa maneira, e principalmente com o aparecimento da AIDS e da preocupação atual¹⁵ com a gravidez na adolescência, a atividade sexual do adolescente é vista pela sociedade como um problema econômico e social, um problema de saúde pública (Paiva, 1996). Eis aqui uma contradição: ao adolescente é exigida maturidade com relação à sua sexualidade, mas tudo deve ser feito de acordo com as regras do jogo. Sem se esquecer dos mitos e tabus que cercam esse tema, ou seja, ele deve ser bem informado e colocar esta informação em prática, mas sem falar sobre “isso”, seja com os pais ou na escola.

Jamais foi tão fundamental, como agora, falar sobre sexualidade aos adolescentes, tendo em vista o quadro atual com relação ao número de casos notificados de adolescentes soropositivos¹⁶. No que diz respeito à visão acerca das relações de gênero entre os adolescentes e as informações sobre sexualidade, Afonso (2001), encontrou em sua pesquisa uma correlação positiva entre o nível de informação e as representações

¹⁵ Usa-se o termo “atual” por se saber que há algumas décadas as pessoas casavam-se e tinham seus filhos na faixa etária que hoje é classificada como adolescência, e tal fato não era considerado um problema social.

¹⁶ Tal como foi exposto na introdução.

igualitárias de gênero¹⁷. Sendo as mulheres e os jovens de maior poder aquisitivo os que apresentam com maior frequência representações igualitárias, compreendendo, assim, os que detêm o maior número de informações.

Fatores culturais podem ser levantados para a explicação de estar entre as mulheres o mais alto escore de informação, podendo ser um deles o fato de que em nossa cultura é destinada às mulheres a responsabilidade nas questões relacionadas à concepção e contracepção. Outra implicação é associada com as mudanças culturais ocorridas com relação às representações de gênero, passando a mulher a ter mais acesso a informações anteriormente “proibidas” a ela, como pôde ser visto no item anterior. Percebe-se a influência do contexto sócio-histórico no grau de informação entre homens e mulheres, descentrando dos fatores biológicos os interesses e curiosidades característicos do ser humano (Afonso, 2001).

Faz-se importante considerar a relevância de se atentar ao discurso implícito que serve como pano de fundo para os debates sobre sexualidade. Ao discutir esse tema é necessário um olhar que contemple sua historicidade e sua singularidade, considerando as distinções entre diferentes classes sociais, raças e etnias, opções sexuais, as relações de gênero, ou seja, uma multiplicidade de possibilidades. Assim,

sair do âmbito individual da sexualidade para colocá-la, nas suas formas singulares, no contexto sociocultural, tomando-a na sua historicidade (...) é permitir que o jovem perceba “sua” sexualidade a partir da história de sua vida e da vida de seu grupo social, assim como a história social da sexualidade humana. (Kahhale, 2001, p.189).

Quando se fala em um “olhar caleidoscópico”, pretende-se contemplar esta dimensão tanto da sexualidade, das relações de gênero, da adolescência, quanto dos sujeitos constituídos historicamente, produtores e produtos do contexto onde vivem. O caleidoscópico proporciona a materialização desta visão.

¹⁷ Afonso (2001) não divide as representações de gênero a partir de um referencial biológico (feminino e masculino), mas sim partindo de um referencial ideológico, classificando-as como tradicionais ou hierárquicas e modernizantes ou igualitárias.

Originado a partir de três palavras gregas: *kalos*/belo, *eidos*/forma, *scopeo*/vejo; formando a frase: vejo belas formas, o caleidoscópio é um tubo cilíndrico, com fundo de vidro opaco, contendo em seu interior cristais coloridos e espelhos. Quando colocado diante da luz, girando-o lentamente e observando o interior do tubo através de um furo na tampa, assiste-se a um belo espetáculo de formas e cores mutantes. As imagens formadas com o movimento do caleidoscópio são infinitas, modificando o arranjo dos elementos a cada momento. Parece que esta definição traduz, com uma certa dose de poesia e de colorido, o eixo norteador de toda essa pesquisa: a complexidade dos sujeitos, as possibilidades diversas de sua constituição, de vir a ser, a compreensão de que em um mesmo contexto há inúmeras, infinitas formas de olhar, de se apropriar, de significar... Basta um simples movimento...

5. MÍDIA

Primeiramente será apresentada a visão de mídia que norteia este trabalho. Em seguida encontrar-se-á uma explanação a respeito da imprensa feminina e suas particularidades, uma vez que a mídia utilizada nesta pesquisa é uma revista destinada a um público de sexo feminino. Para finalizar este capítulo, será apresentado um breve panorama acerca da produção científica sobre a temática adolescência, sexualidade e mídia.

5.1. A mídia – o outro: produção de discursos sobre gênero e sexualidade.

A mídia será aqui considerada instrumento de mediação que, ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição dos sujeitos, retrata um contexto cultural e social construído e transformado por estes sujeitos. Os significados veiculados pela mídia são apropriados pelos sujeitos e transformados em mediações na constituição destes.

Como instrumento de mediação, a mídia pode ser vista como o outro, categoria esta fundamental para a constituição do sujeito. Uma vez que a atividade humana apresenta como característica fundante o fato de ser mediada, são os signos os instrumentos mediadores, que

permitem, assim, a inserção do homem na ordem da cultura e o estabelecimento de relações qualitativamente diferenciadas com a realidade: ao invés de diretas e imediatas, passam a ser mediadas pela cultura. (...) os signos, portanto, relacionam inexoravelmente sujeito e sociedade, eu e outro. (Zanella, 2003b, p.6/7).

A relação com o outro, realizada através de signos em uma atividade humana mediada, é constituinte do próprio sujeito. O encontro com o outro é que possibilitará encontrar a diferença, fazendo com que o sujeito se reconheça e se constitua através da diferença, através da alteridade. Compreender a mídia como o outro pode ser útil, uma vez que os signos “comportam inexoravelmente tanto uma dimensão coletiva quanto privada, são porta vozes tanto da história social humana quanto das histórias dos sujeitos que os produzem/utilizam.” (id., p.8).

Dessa forma, a mídia poderia ser um instrumento possibilitador de mudança, caso contemplasse a multiplicidade dos sujeitos, a “verdade plural, definida pelo local, pelo particular pelo limitado, pelo provisório” (Louro, 2003, p.51), ao mesmo tempo que inserida em um momento histórico, social e político, desconstruindo a naturalidade e a universalidade, que compreenda o movimento e as possibilidades inúmeras das relações.

5.2. Imprensa feminina

A revista, o jornal: revista para as mulheres, jornal para os homens. Segundo Mira (2003), “A revista é a mídia mais feminina que existe.”(p.43). Baseada em pesquisas realizadas pelo Ibope, Maria Celeste Mira (id.) afirma que a imprensa feminina mantém-se atualmente como o mais rico filão do setor. A mesma autora discute a origem da íntima relação que as mulheres estabelecem com as revistas femininas, destacando que esta ligação deve ser buscada no lar. Tal fato retrata-se principalmente quando se pensa nas mulheres de décadas passadas, ou nas donas de casa. Para estas mulheres, em especial, a revista é significada como a mídia que menos interfere negativamente no andamento dos trabalhos domésticos. A leitura de revistas é associada a momentos de relaxamento e descanso durante um dia de trabalho, principalmente no lar, sendo uma leitura que pode ser facilmente retomada e que não exige tanta concentração quanto um livro.

Uma característica marcante da imprensa feminina é seu cunho de imprensa sentimental. Esta mídia desenvolve uma função psicoterápica buscando, através de seções como correio sentimental, fotonovelas, contos e artigos psicológicos; aliviar e confortar suas leitoras. As revistas femininas passam a ser companheiras, amigas das mulheres, dialogando com elas sobre problemas cotidianos. Neste mesmo sentido, Buitoni (1981), afirma que:

“Vós, tu, você: o texto da imprensa feminina sempre vai procurar dirigir à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as idéias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. A razão não se arma para uma conversa de amiga. Nem é preciso raciocinar argumentos complicados: as

coisas parecem que sempre foram assim. Ou então é apenas mais um momento de emoção, cujo único requisito é sentir junto.”(Buitoni, 1981, p 125)

Mais do que uma amiga, as revistas femininas mostram-se como amigas mais velhas, conselheiras, logo, empregam em suas falas um tom impositivo, utilizando com frequência o imperativo. Tanto nas matérias de culinária, quanto nas de moda, beleza e comportamento, a função conativa está presente. “Tudo vira receita de como se deve fazer para ser o modelo de mulher apresentado.”(id., p. 127).

Desta forma, estas revistas podem colaborar para a manutenção de padrões, da ordem, veiculando papéis tradicionais de mulher, de comportamento, de sexualidade e das relações de gênero. Em um primeiro momento, partindo dos mais variados conselhos que as revistas femininas dispõem às leitoras, aquelas parecem ser favoráveis à mulher. Entretanto, analisando-as melhor é possível verificar a existência de discursos de manutenção da dominação masculina, sem chance de questionamento (Bassanezi, 1993). Além de reproduzirem e reforçarem as relações de gênero dominantes, as revistas destinadas às mulheres também participam da construção destas relações:

O discurso das revistas tenta corresponder à demanda, aos interesses e aspirações do público leitor. E, concomitantemente, com suas repetições e constância de assuntos e idéias, procura moldar este público – formar gostos, opiniões e padrões de consumo e de conduta – de acordo com certas normas que reforçam as distinções e desigualdades de gênero ainda que haja mudanças (e apesar destas) ao longo do tempo. (id., p.145)

A imprensa feminina informa pouco, mas desempenha importante função como formadora. Isso se deve principalmente ao fato de que “as revistas femininas são textos sociais que participam da construção da percepção acerca do que é ser mulher, sugerindo formas de pensar sobre elas mesmas e tipos de estilos de vida, sugestões estas que são processadas ativamente pelas leitoras, de acordo com suas experiências pessoais.”(Miranda-Ribeiro & Moore, 2003).

Tal fato vem ao encontro de a imprensa feminina ser, predominantemente, atemporal, ou seja, as matérias publicadas em fevereiro poderiam estar presentes em revistas do mês de agosto ou de outubro. Isso mostra o pouco comprometimento desta mídia com a atualidade, salvo no que concerne à moda e à exposição da vida de famosos de sucesso no momento. Outra característica, é o que Buitoni (1981) chama de “pauta perene”, que seria o fato de existirem certos tópicos, certos assuntos, que são repetidos todos os anos, da mesma forma, “(...) com um ligeiro verniz de novidade.” (p.137). A novidade é muito mais privilegiada por este tipo de revista do que a atualidade. Segundo Buitoni (id.), isso acontece porque “a imprensa feminina (...) não se interessa pela mulher individual e histórica, mulher que tem nação, cor de pele, classe, enfim, elementos concretos e mais situadores.”(p.138).

As revistas femininas direcionadas às adolescentes, mantêm as mesmas características. Pode-se até mesmo dizer que se a mulher tem a revista como uma amiga, este sentimento é ainda mais forte entre as adolescentes, para quem as amizades assumem grande importância. A revista pode, então, fazer as vezes de irmã, amiga, confidente; procurando dialogar com a leitora no sentido de auxiliá-la a se descobrir, a criar seu estilo pessoal (Mira, 2003). Onde já é possível perceber que da mesma forma que as revistas femininas trabalham com uma mulher padrão, desconsiderando as diversidades, o mesmo acontece com relação à adolescência, encarando-a como algo universal, partindo do pressuposto de que todas suas jovens leitoras passam pelas mesmas angústias, conflitos e necessidades.

Complementando, Miranda-Ribeiro & Moore (2003) afirmam que:

“No caso das adolescentes, as revistas são eficazes na transmissão de cultura por se apresentarem como uma parte dela que fala diretamente com as meninas, na linguagem delas. Esse tipo de revista é um elemento que as adolescentes absorvem e assimilam na formação e transformação da identidade. Além de fonte de informação, as revistas funcionam como balizador daquilo que é considerado comportamento normal na adolescência.” (p.7)

A perpetuação de papéis tradicionais e valores está presente, outrossim, nas revistas para as adolescentes. Tal fato é apontado por algumas autoras (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; Bassanezi, 1993) como algo bastante sério, uma vez que as revistas são utilizadas, com grande frequência, pelas adolescentes como fonte de informação. Estas preocupações estão dentre os motivadores para a realização desta pesquisa, na qual se pretende analisar quais as concepções de sexualidade, gênero e adolescência que vem sendo perpetuadas por uma revista de forte penetração dentre as adolescentes.

5.3. Produção acadêmica sobre adolescência, sexualidade e mídia

As informações a serem apresentadas neste item fazem parte de uma breve revisão de literatura¹⁸ realizada pela autora desta pesquisa em bases de dados nacionais e internacionais. As bases de dados consultadas visando a produção nacional foram: Biblioteca Ana Maria Poppovic (Fundação Carlos Chagas) e LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde). Com relação à produção internacional, consultou-se a base PSYCLIT, com o intuito de identificar a produção existente acerca dos temas adolescência, sexualidade e mídia.

Com relação ao levantamento internacional na base de dados PSYCLIT, verificou-se que estudos sobre a temática em questão representam 0,11% dos estudos sobre adolescência e sexualidade encontrados nesta base.

Examinando os resumos pôde-se identificar três autoras de destaque. Tal relevância advém do número de estudos por elas realizados e por serem citadas em estudos de outros autores. As autoras são: Jane D. Brown, Laura W. Carpenter, Jeanne Rogge Steele. Todas possuem vinculação com a Universidade da Carolina do Norte – EUA, o que destaca esta instituição dentre as demais.

No que concerne a periódicos de relevância na área, encontrou-se com significativa frequência, artigos ou referências relacionados aos seguintes periódicos: *Journal of Sex Research*, *Adolescence*, *Journal of Sex Education and Therapy*, *Journal of Youth & Adolescent e Youth and Society*, sendo todos estadunidenses.

¹⁸ O trabalho completo desta revisão de literatura foi elaborado na forma de um artigo, o qual pretende-se publicar em 2005.

Foi possível outrossim, identificar um livro como sendo de referência na área em questão, tanto pela frequência com que foi citado quanto pela dedicação à temática adolescência, sexualidade e mídia. O livro em questão intitula-se *Sexual teens, sexual media: investigating media's influence on adolescent sexuality*. Tendo como organizadoras Jane D. Brown, Jeanne R. Steele (citadas anteriormente) e Kim Walsh Childers, 2002, perfazendo um total de 14 capítulos distribuídos em 308 páginas.

Através da análise dos resumos presentes nesta base de dados, foram identificadas cinco categorias temáticas nas quais os trabalhos estão inseridos: influência da mídia na sexualidade do adolescentes, que corresponde ao tema de maior interesse, enfatizando a influência da mídia em questões como comportamento sexual, identidade sexual, atitudes, valores e crenças e questões de gênero; mídia como veículo de informação sobre sexualidade para adolescentes, onde se discute a importância e responsabilidade da mídia na transmissão de conhecimento sobre relacionamento, saúde reprodutiva, DST, HIV/AIDS, iniciação sexual; a maneira como a mídia aborda questões relacionadas à sexualidade, dando ênfase a questões relacionadas ao uso da mídia reforçando o paradigma dominante, perpetuando as diferenças e desigualdades de gênero, preservando o *status quo*, reproduzindo valores e crenças, além de tratar também do aumento de conteúdo sexual na mídia, o erotismo e a pornografia; adolescentes utilizando a mídia, destacando o frequente uso da mídia pelos adolescentes na busca de informações sobre sexualidade, assim como a maneira como o adolescente aplica este conhecimento; revisão de literatura, com o objetivo de realizar um estado da arte da relação entre mídia e adolescência.

Chama atenção a ênfase que alguns trabalhos colocam nas diferenças entre grupos étnicos e também em questões de gênero. A discussão referente a questões de gênero esteve presente em aproximadamente 27% dos trabalhos. Destes, a maioria tinham adolescentes do sexo feminino como foco, apenas um abordou a questão da homossexualidade e dois discutiram gênero de maneira geral.

Vários dos trabalhos examinados fizeram menção a algum veículo midiático, dessa forma pode-se verificar que os mais citados foram a televisão e as revistas (principalmente as destinadas às adolescentes), seguidos pelo filmes *teen*, vídeos musicais e pela internet.

No que diz respeito ao levantamento da produção nacional, a discrepância entre o número de trabalhos sobre adolescência, sexualidade e mídia dentro do universo de

trabalhos sobre adolescência e sexualidade vai ao encontro dos números encontrados na produção internacional, ou seja, foi encontrada a mesma negligência com relação à temática em questão.

Somando-se os resultados dos levantamentos nas duas bases de dados consultadas, foram encontradas cinco referências, sendo que destas, duas tinham relação direta com a temática. A primeira é uma produção da ECOS - Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana - de 1991, intitulada “Sexualidade na adolescência: educação e mídia”, perfazendo 195 páginas. Esta consiste numa compilação de trabalhos apresentados no seminário de mesmo nome.

Ainda com relação a esta referência, seria importante destacar que Calazans (1999), através de uma análise da bibliografia brasileira sobre saúde sexual e reprodutiva do adolescente, produzida e publicada no período entre os anos de 1990 e 1998, aponta a existência de cinco trabalhos sobre mídia, e todos eles fazem parte da produção da ECOS em questão. Destes cinco trabalhos, quatro examinam revistas destinadas ao público adolescente feminino, tendo os seguintes enfoques: investigação de cartas enviadas por adolescentes à revista *Capricho*; reflexão sobre a transformação do papel da revista *Capricho*, salientando a responsabilidade do comunicador que redige informações referentes à sexualidade para as adolescentes; experiência editorial da revista *Carícia* com o público adolescente feminino; o discurso sobre e para adolescentes veiculado na revista *Capricho*, pautado na concepção de poder de Foucault. O quinto trabalho diz respeito a uma reflexão crítica sobre o papel “formatador” da mídia sobre a sexualidade dos adolescentes. Calazans (1999) observa que nenhuma das autoras dos trabalhos citados faz referências às outras.¹⁹

A segunda referência que tem relação direta com a tríade adolescência, sexualidade e mídia é: “Anais Jovens na mídia: o desafio da AIDS” oriundo do Seminário os jovens na mídia: o desafio da AIDS, promovido pela organização não governamental ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância - em 2001, compreendendo 116 páginas.

Apesar de não estarem presentes nas bases de dados consultadas, além dos trabalhos citados acima, pode-se indicar outros pesquisadores brasileiros e grupos que se dedicam ao

¹⁹ Infelizmente não foi possível o acesso a este material, devido ao fato de ele encontrar-se disponível para consulta apenas na sede da ECOS.

estudo, principalmente, do tema mídia, sendo possível em alguns de seus trabalhos encontrar a relação entre mídia, adolescência e sexualidade. Dentre estes, encontram-se: o Grupo de Estudos e Representações Sociais do Instituto de Psicologia da PUC do Rio Grande do Sul, tendo como expoente o Prof. Pedrinho A Guareschi; a linha de pesquisa Mídia e Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos no Rio Grande do Sul; bem como as pesquisadoras Rosa Maria Bueno Fischer e Andréa Campos Padilha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Vale ressaltar também o papel da ONG ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), na realização de pesquisas enfocando o papel da mídia e sua relação com a garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Além da produção citada anteriormente, é possível destacar os livros: “A mídia como consultório? Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas na mídia impressa”, de 2002; e “Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes”, de 2004.

Com a realização desta revisão de literatura foi possível detectar a exígua produção, tanto nacional quanto internacional, de trabalhos sobre adolescência sexualidade e mídia, principalmente quando comparados com o número de referências sobre adolescência e sexualidade. No Brasil esta disparidade é ainda maior. Tal fato é um contra-senso por se saber, inclusive por intermédio dos trabalhos analisados nesta pesquisa, da ampla participação da mídia destinada ao público adolescente.

Entretanto, este levantamento permitiu vislumbrar que o interesse por esta temática vem aumentando no decorrer dos anos. Das cinco referências nacionais analisadas, duas pertencem à década de 90, as outras três foram publicadas entre os anos 2000 e 2003. Com relação à produção internacional, a grande concentração de pesquisas ocorre entre 2000 e 2003, somando-se 29 trabalhos. Na década de 90 têm-se 15 estudos, na década de 80 são nove e na década de 70 apenas um. Tal fato pode apontar um crescimento no interesse de pesquisadores para com essa área até então negligenciada no meio acadêmico.

Outro fato curioso diz respeito à esmagadora maioria de pesquisadoras do sexo feminino quando se trata da temática em pauta. Nas referências analisadas na PSYCLIT é possível encontrar 42 autoras contra 21 autores, vale ressaltar que um mesmo estudo pode

ser assinado por mais de um pesquisador. A princípio pode ser mera especulação, mas à guisa de reflexão pode ser interessante: temas negligenciados, talvez por serem considerados de menor importância, a cargo de pesquisadoras do sexo feminino. Contudo, outra reflexão pode ser feita, que seria o crescimento na participação das mulheres em pesquisas científicas, no meio acadêmico.

Trabalhos internacionais dão ênfase à influência da mídia sobre a sexualidade adolescente, bem como ao papel informativo dos veículos midiáticos entretanto, pouco se discute sobre o uso que os adolescentes fazem da informação oriunda da mídia, a leitura que dela fazem e sua aplicação no cotidiano. O fato de salientarem o termo “influência” denuncia o viés através do qual os pesquisadores conduzem seus estudos. A utilização imperiosa deste termo não abre espaço para uma discussão que abranja o outro lado da história, da mídia que ao mesmo tempo que participa da constituição de sujeitos é também por eles constituída.

Sentiu-se falta também de trabalhos voltados para a busca de aperfeiçoamento e da melhor utilização dos veículos midiáticos voltado para o público adolescente, visando uma produção qualificada e que contribua de maneira crítica na constituição do sujeito.

6. MÉTODO

O referencial, em que se pauta o método aqui utilizado, constitui o pano de fundo de toda a pesquisa. Ao dar os primeiros passos rumo à formulação do problema de pesquisa, o método adequado a ele está sendo simultaneamente desenvolvido. A relação estreita entre objeto de pesquisa e método foi preconizada por Vygotski (1995, p.47):

A elaboração do problema e do método se desenvolve conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. A busca do método se converte em uma das tarefas de maior importância na investigação. O método, nesse caso, é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação.

Na perspectiva materialista-histórica, o método deve considerar o caráter histórico do tema investigado, uma vez que

(...) o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, neste sentido, antecede ao método. Este se constitui numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais.(id., p.77).

Tendo como base a premissa de que cada pesquisa deve se propor a elaborar o método que a ela melhor se adequa, para a realização deste estudo elegeu-se como técnica a análise documental, uma vez que o objeto de investigação é o discurso presente nas perguntas sobre sexualidade enviadas à revista *Capricho* por suas leitoras e as respectivas respostas elaboradas pela revista.

A análise documental é técnica que tem como base documentos, não necessariamente elaborados para fins de uma investigação social. Segundo Lüdke e André (1986, p.38) “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.”

Ressaltando a importância e a possibilidade da utilização da análise documental pela psicologia, Menandro (1998) afirma que:

(...) o sujeito da pesquisa social nem precisa ser abordado diretamente (através de entrevistas, questionários, escalas ou testes). Documentos institucionais ou jornalísticos, produções culturais (documentais, comerciais e/ou artísticas) ou registros pessoais, todos podem ser tomados como fontes válidas de informações para a pesquisa social, em uma perspectiva análoga à do historiador. (p.410).

Uma vez que esta pesquisa tem, como material a ser analisado, textos de uma revista de grande circulação, cabe acrescentar que veículos como esse, são classificados por Spink (1999), como documentos de domínio público seriados. Segundo o autor,

Usar documentos desse tipo (...) é um excelente caminho para a compreensão da gradativa emergência, consolidação e reformulações dos saberes e fazeres. Não se trata, lembramos, da busca de uma cronologia ou ponto 0 – porque isso nada mais seria do que a construção moderna de uma versão narrativizada do tópico em foco -, mas da identificação dos conflitos e diálogos diferentes que refletem a processualidade das práticas discursivas. (id., p.146).

Uma das críticas, direcionadas ao uso de documentos como material de investigação, diz respeito às inferências e escolhas arbitrárias, por parte dos autores, sobre os aspectos e temas que terão destaque. Partindo desta afirmação, é importante ressaltar que o pesquisador deve estar atento à intencionalidade do documento analisado, bem como a qual realidade social refere-se o documento, em qual contexto ele foi criado, com qual objetivo e direcionado a qual público. Os documentos, quando utilizados levando-se em conta todas as inferências nele presentes (que por si só são dados importantes a respeito do material ou, até mesmo, da instituição responsável por sua elaboração), constituem uma rica fonte de informação. A análise documental proporciona a realização de uma retrospectiva histórica o que, muitas vezes, é fundamental para a compreensão de um

determinado fenômeno, sendo, geralmente, os documentos o único meio de acesso a essa história.

6.1 Fonte de informação

O material utilizado como fonte de informação para esta pesquisa, é o discurso produzido e publicado pela revista *Capricho* (Editora Abril). Esta é uma das revistas destinadas ao público adolescente de maior destaque, tendo grande aceitação entre os jovens, especialmente do sexo feminino, e por este motivo foi escolhida como fonte de informação para esta pesquisa. A *Capricho* possui uma longa história, podendo-se através da consulta de suas edições esquadriñar um panorama de como são abordadas as questões relacionadas à sexualidade, ao gênero e à adolescência no decorrer das últimas décadas.

A revista *Capricho* foi criada em 1952.²⁰ Seu conteúdo era constituído de fotonovelas, dirigidas a um público mais adulto. Ainda nesse ano, a revista foi ampliada e passou a abordar temas como moda, beleza, comportamento, contos e variedades; contemplando assuntos como: técnicas de conquista, namoro e virgindade. No ano de 1956, a *Capricho* atingiu a até então maior tiragem de uma revista da América Latina, rompendo a marca dos quinhentos mil exemplares. Em 1982, a revista sofreu uma grande mudança editorial. As fotonovelas saíram de cena, abrindo espaço para a moda, beleza e comportamento, passando a se direcionar para a faixa etária entre os 15 e 29 anos. Em 1985, a revista reforçou seu perfil de revista direcionada a adolescentes do sexo feminino, adotando o slogan “a revista da gatinha”. Seu público era constituído por meninas entre 15 e 22 anos. No ano de 1989, após novas reformulações, a revista passou a ter como alvo leitoras adolescentes de 12 a 19 anos. Em 1997, a *Capricho*, sob nova direção, novamente redefiniu a faixa etária a ser atingida: adolescentes do sexo feminino entre 12 e 16 anos. Em 1999, outra mudança na direção foi efetuada, buscando ampliar seu público alvo: meninas, vivendo a adolescência, independente da idade.

6.2 A amostra

Partindo de um olhar à luz da perspectiva histórico-cultural, segundo o qual se concebe tanto a adolescência, quanto as relações de gênero e a sexualidade, como

²⁰ As informações deste breve histórico sobre a Revista *Capricho* foram cedidas, via e-mail, por Simone Miranda, responsável pelo serviço de atendimento ao leitor desta revista.

construídas historicamente, de acordo com o contexto no qual estão inseridas, optou-se por formar a amostra com edições da revista que pertençam aos anos onde aconteceram reformulações editoriais.

Estas reformulações podem ser identificadas no histórico da revista, tendo elas ocorrido em: 1982, 1985, 1989, 1997 e 1999. Os exemplares que compõem a amostra pertencem a estes anos. Além destes, também foram escolhidos números pertencentes ao período que vai de 1952 a 1982, e aos anos de 2000, 2001 e 2003. Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, optou-se por trabalhar com um número de revistas que possibilitasse os procedimentos de coleta de informação e análise dentro do período de tempo determinado.

Optou-se por uma amostra de 27 revistas, escolhidas aleatoriamente nos períodos selecionados e distribuídas da seguinte maneira: 1952 a 1962 – três revistas, 1963 a 1972 – três revistas, 1973 a 1981 – três revistas, três revistas publicadas em 1982, três em 1985, três em 1989, três em 1997, três em 1999, uma em 2000, uma em 2001 e uma em 2003.

Justifica-se o levantamento das revistas editadas nas últimas cinco décadas devido ao fato de que

Sendo o produtor, [autor] ele próprio, um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence etc. (...) ele é formado no espírito de uma teoria da qual é expositor. Teoria que (...) transforma seus divulgadores muito mais em executores de determinadas teorias do que em seus próprios senhores. (Franco, 1994, p.168)

O que a revista apresenta, os assuntos que aborda, a maneira como o faz, são reflexos de um contexto histórico, cultural, econômico e político. Ao entrar em contato com as revistas das últimas cinco décadas, será possível obter indicações de como o contexto social brasileiro vem significando a adolescência e as relações de gênero.

Nas revistas que fizeram parte da amostra, foram procurados espaços que contivessem **perguntas sobre sexualidade enviadas pelas leitoras e suas respectivas respostas**. Além destes espaços específicos, em alguns momentos lançou-se mão de artigos e matérias que abordavam questões relativas à sexualidade, a fim de enriquecer a discussão.

Por que a escolha pelas perguntas e respostas?

Pesquisa realizada pela ONG ANDI, que resultou no material “A mídia como consultório? Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas pela mídia impressa e eletrônica” (2001), revela que, no universo dos 706 adolescentes entrevistados, 89,1% lêem as colunas de consulta (espaço destinado a responder as dúvidas enviadas pelas leitoras) de vez em quando ou sempre. Deste universo, 47,5% procuram essas colunas por serem fontes esclarecedoras e 30,7% por timidez ou vergonha de expor as dúvidas aos pais.

Segundo Rosely Sayão (1997), as colunas de consulta oferecem ao jovem a oportunidade de se reconhecer na mídia, de ter a sua dúvida ouvida, esclarecida, respeitada, ao mesmo tempo em que sua privacidade é preservada. Os jovens identificam-se com as dúvidas e problemas expostos nessas colunas, reconhecendo que aquela história assemelha-se a sua própria experiência. Este espaço público, possibilitado pelas colunas de consulta, permite ao jovem experimentar a sensação de ser ouvido e de se sentir amparado, acolhido, da mesma forma que permite que ele compartilhe sua angústia com milhares de outros adolescentes. Ademais, “O teor das dúvidas e respostas divulgadas pelos veículos são retrato e termômetro do próprio desafio da vivência sexual.” (ANDI, 2001, p.7).

A análise das respostas fornecidas pela revista possibilitam o acesso ao discurso, às ideologias, à concepção de homem e de mundo que norteiam o trabalho da *Capricho* e que são transmitidas aos adolescentes. Por outro lado, as perguntas enviadas trazem indícios da forma como essas adolescentes²¹ estão se constituindo enquanto tal, baseadas em quais valores e princípios, se coniventes com os perpetuados pela revista ou não. Buscou-se, com essa análise das últimas cinco décadas, visualizar o processo de construção da adolescência, bem como a maneira como os temas sexualidade e gêneros foram transformados e significados ao longo desses anos na sociedade brasileira.

Escolheu-se perguntas sobre sexualidade, ou artigos sobre esse assunto, pois tendo esse tema como alvo foi possível entrar em contato com a sua relação com as questões de gênero e com a adolescência.

²¹ Cabe ressaltar que o público para o qual a revista *Capricho* fala é formado por adolescentes do sexo feminino, brancas, de camadas médias e heterossexuais.

6.3 Coleta das informações - Caminho percorrido

Logo que definido o tema desta pesquisa, no mês de abril de 2003, entrei em contato com a revista Capricho. Para tanto consultei o site da revista (<http://capricho.abril.uol.com.br>), tendo acesso ao endereço eletrônico do atendimento ao leitor. Enviei uma mensagem apresentando-me, contando sobre o meu interesse em desenvolver uma pesquisa tendo a revista como fonte de informação. Solicitei um histórico, bem como informações sobre a possibilidade de acesso aos números antigos da Capricho. No mesmo dia recebi a resposta, bastante simpática, de uma das responsáveis pelo serviço de atendimento ao leitor. Em sua mensagem, além do histórico da revista, recebi informações sobre a missão da Capricho, seu formato, tiragem e números antigos. A atendente deixou um telefone para que, se eu assim desejasse, marcasse uma visita à redação da revista, a fim de ter acesso aos números antigos. Retornei a mensagem agradecendo e reiterando o meu interesse em desenvolver esta pesquisa. A partir desta troca de mensagens, pude confirmar a viabilidade de minha pesquisa, já que me foi concedido o acesso ao material necessário para a realização desta.

Em outubro deste mesmo ano, estabeleci outro contato, via e-mail, perguntando sobre a possibilidade de fotocopiar as edições que me interessassem, o qual foi prontamente respondido afirmativamente.

6.3.1. A primeira visita

A primeira visita à Revista Capricho na editora Abril em São Paulo, aconteceu em três dias: 9, 10 e 11 de março de 2004. Todo o contato anterior efetuado com a revista, até então via e-mail e telefone, foi feito com Simone Miranda, responsável pelo atendimento ao leitor, incluindo o agendamento das visitas à redação.

No dia 8 de março, Simone Miranda não pôde me receber, pois estava participando de uma reunião. Seguindo sua orientação, dirigi-me no dia seguinte (9 de março) à Editora Abril, mais especificamente à redação da Revista Capricho, no período da tarde, uma vez que o horário de trabalho de Simone é das 14 às 18 horas.

Primeiro dia de visita (9 de março)

Cheguei à redação da revista às 14h30, Simone recepcionou-me, nos apresentamos e em seguida ela mostrou-me o local onde todas as edições da Capricho estavam guardadas, indicando-me uma mesa na qual poderia instalar-me para realizar o meu trabalho, sendo esta uma grande mesa retangular, em torno da qual as reuniões acontecem.

As edições da revista, desde o número dois, publicado em 1952, encontravam-se na grande sala, em um armário do tipo balcão, sem portas, de fácil acesso a quem desejasse consultá-las. As revistas estavam encadernadas – capa dura vermelha, por ano (nos períodos em que a revista é mensal) ou por semestre (nos períodos em que a revista é quinzenal).

Neste primeiro dia, fiquei na redação das 14h30 até às 18h. Examinei exemplares dos seguintes anos: 1952, 1953, 1954, 1956, 1960. Fiquei fascinada com o que vi. Encontrei-me absorvida, mergulhada naquele material. Foi como uma viagem no tempo. Ao mesmo tempo em que me deparava com conceitos, valores totalmente diferentes dos da atualidade, surpreendia-me com importantes semelhanças, conceitos de cinco décadas atrás vivos atualmente, mudando apenas sua roupagem (aprofundarei esta discussão em momento oportuno).

Do período de 1952 a 1962, três revistas, de anos diferentes, deveriam fazer parte da amostra. Os anos escolhidos para compor esta amostra foram: 1954, 1956, e 1960. A escolha dos anos ocorreu de maneira aleatória, com exceção do ano de 1954. Isso se deve ao fato de que, ao examinar as edições de 1952 e 1953, verifiquei que nestas ainda não havia uma seção destinada a perguntas das leitoras, esta teve início em 1954. Por este motivo, este ano foi escolhido como o primeiro a fazer parte da amostra.

O primeiro dia foi, inicialmente, para familiarização com o material. Em muitos momentos não consegui me limitar aos anos escolhidos, era impossível resistir à sensação de, ao virar as páginas da revista, conhecer parte da construção da história das mulheres e, mais especificamente, da sexualidade feminina. E, ao mesmo tempo, poder reconhecer na minha história traços desta história.

Marquei com pedaços de papel aquilo que julguei interessante nos anos de 1952, 53, 54, 56 e 60, bem como as sessões de perguntas das leitoras das edições escolhidas. Simone guardou o material pesquisado, para que no dia seguinte eu fizesse as fotocópias.

Segundo dia de visita (10 de março)

No segundo dia de visita, permaneci na redação das 14h às 18h30. Consultei as revistas dos períodos de 1963 a 1972 e de 1973 a 1981. Os anos escolhidos aleatoriamente foram: 1963, 1968, 1972 e 1974, 1976, 1980. Neste dia, após a seleção do material presente nas edições escolhidas dos anos acima citados, fiz a fotocópia deste material e do selecionado no dia anterior.

Antes de ir embora, perguntei a uma das recepcionistas (Simone já havia ido embora), se haveria alguém na redação pela manhã. Ela respondeu-me que estaria na redação às 9 horas, e que liberaria a minha entrada caso eu resolvesse ir no período da manhã.

Terceiro dia de visita (11 de março)

No terceiro e último dia de visita, cheguei às 9 horas da manhã, devido ao grande volume de trabalho a ser feito. Consultei as revistas dos anos que faltavam, sendo três revistas por ano. Vale lembrar que os anos foram escolhidos obedecendo ao critério de serem os anos nos quais aconteceram mudanças no editorial da revista *Capricho*; já as edições de cada um desses anos, foram escolhidas aleatoriamente.

Os exemplares examinados foram os seguintes: 1982 – fevereiro, julho e outubro; 1985 – fevereiro, julho e novembro; 1989 – abril, agosto e dezembro; 1997 – janeiro, maio e outubro; 1999 – agosto, outubro e dezembro; 2000 - outubro; 2001 – abril; 2003 – janeiro.

Segui o mesmo procedimento executado nas consultas anteriores: marquei aquilo que parecia interessante bem como as sessões de perguntas das leitoras das edições escolhidas. Posteriormente, fiz as fotocópias do respectivo material selecionado. Finalizei a coleta do material por volta das 16h30.

Em seguida, tive uma conversa com Simone a fim de esclarecer algumas dúvidas e coletar informações²².

²² O conteúdo desta conversa estará presente no capítulo Resultados.

6.3.2. A segunda visita

Estabeleci contato, via telefone, com Simone Miranda em novembro de 2004 a fim de saber da possibilidade de voltar à redação da *Capricho* com o objetivo de tirar fotografias digitalizadas de algumas edições da revista que compõem minha amostra. Simone foi, como das outras vezes, bastante receptiva e me deu permissão para ir quando quisesse à redação.

Estive na redação da revista, na Editora Abril em São Paulo, dia 12 de novembro de 2004, das 9:30h às 12:30h. Fui recepcionada por Simone, que me deixou à vontade para executar meu trabalho. A redação estava diferente, havia mudado de sala e de andar (mas continuava vizinha à revista *Playboy*), entretanto, o *layout* manteve-se semelhante.

Eu havia previamente selecionado quais capas, matérias e imagens eu gostaria de fotografar. Procurei fazer fotos de todas as capas das revistas que fazem parte da amostra e também de grande parte das seções de cartas das leitoras. Além destas, fotografei algumas matérias e propagandas que julguei interessantes. Foram tiradas 83 fotografias, tendo sido estas gravadas em cd e armazenadas em computador.

A idéia de tirar estas fotografias veio com o intuito de ilustrar aquilo que irei discutir. Dessa forma, pretendo que o leitor possa sentir-se um pouco mais próximo do material analisado, procurando suscitar, ao menos em parte, as emoções e sentimentos em mim despertados ao manusear tal material.

6.4. Tratamento das informações coletadas

Munida das informações que eu havia coletado na primeira visita (dias 9, 10 e 11 de março de 2004), o primeiro passo foi elaborar uma caracterização, um perfil das edições examinadas e escolhidas para comporem a amostra. Nesta caracterização foram contemplados aspectos como: conteúdo das capas, slogans, propagandas e seções presentes. Esta etapa possibilitou uma maior familiarização com o material, familiarização esta vista como indispensável para o trabalho que aqui se propõe.

Em seguida foi feita também uma caracterização, só que agora sobre as seções destinadas a responder as cartas das leitoras. Em um primeiro momento, todas as perguntas e suas respectivas respostas foram transcritas, separadas de acordo com a edição a qual pertenciam, visando um mergulho neste universo. Posteriormente, realizou-se uma

classificação do material, demarcando os seguintes pontos: nome da seção, nome do responsável pela seção, número de páginas ocupados por ela, propagandas que dividiam as páginas com a seção, conteúdo das perguntas e das respostas, seleção de perguntas e respostas que representassem cada edição.

Com estas informações esmiuçadas, foi possível a visualização de dados até então não percebidos. Saltaram aos olhos algumas particularidades. Estas foram registradas, assim como as outras que iam surgindo a cada novo contato com o material, a cada novo encontro teórico realizado.

6.5 Análise das informações

A técnica utilizada para a análise das informações coletadas será a análise de conteúdo temática. Entende-se por análise de conteúdo uma técnica de pesquisa que busca os sentidos de um texto, tendo como base uma mensagem. (Franco, 1994).

Para este tipo de análise, o ponto de partida é o conteúdo manifesto, o que está escrito. Entretanto, nada impede que o conteúdo latente, aquilo que está nas entrelinhas, possa ser olhado e considerado, desde que seja contextualizado social e historicamente. Dessa forma, “a análise de conteúdo tem por finalidade produzir inferências sobre qualquer um dos elementos básicos do processo de comunicação” (id., p.170), pressupondo a comparação entre as informações obtidas e as abordagens teóricas, assim como com o contexto de seus produtores e receptores. A unidade de análise escolhida para esta pesquisa é o tema, uma vez que “é a mais útil unidade de registro, em análise de conteúdo.” (ibid., p.172).

Após a realização de leituras do material coletado, o próximo passo foi a criação de categorias de análise. Tal escolha acontecerá *a posteriori*. Foram buscadas as concepções a respeito de adolescência, sexualidade e gênero, sendo que as categorias de análise emergiram do discurso da revista e das leitoras. Tal atividade exigiu um constante ir e vir entre material coletado e teoria norteadora, procurando abarcar o movimento e a complexidade do tema investigado.

Dessa forma, os dados foram analisados e interpretados sob o olhar da abordagem histórico-cultural, esperando-se que, com os resultados dessa pesquisa, seja possível contribuir para as discussões sobre adolescência, gênero, sexualidade e mídia.

7. RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentadas as informações coletadas e devidamente tratadas. Primeiro os dados referentes às visitas à redação da revista *Capricho*, em seguida a caracterização das edições que compõem a amostra, bem como das seções de cartas das leitoras.

7.1. Sobre as visitas

Desde logo, uma observação. Ainda no saguão da editora, enquanto aguardava o elevador, pude notar que no 9º andar, para o qual eu iria, encontravam-se a redação da *Capricho* e da *Playboy*. No mesmo instante passou-me o quanto isso poderia ser significativo afinal, para meninas adolescentes há uma revista que, de maneira leve, algumas vezes sutil, mesmo que falando abertamente, aborda, dentre outros assuntos, questões relacionadas à sexualidade. Por outro lado, para meninos nesta mesma faixa etária, não há uma revista específica, mas sim uma revista destinada a homens, englobando aqueles que vivem a adolescência, onde a sexualidade é abordada explicitamente, enfatizando o papel da mulher como fonte de prazer para o homem. Tal fato parece retratar a maneira como social e culturalmente o tema sexualidade é encarado de uma maneira diferente, quando se está falando de homens ou de mulheres.

7.1.1. O ambiente da redação da Revista *Capricho*

O ambiente da redação da *Capricho* é “a cara” da revista. Com fotos ampliadas de capas recentes, figuras coloridas, painéis com fotos dos jornalistas que nela trabalham, ou seja, com aspecto jovem e descontraído.

É uma grande sala, na qual cada jornalista tem seu computador. São separados por divisórias baixas, permitindo que, ao ficarem de pé, todos se vejam. Nesta mesma sala estavam presentes duas secretárias e, em frente a elas, uma mesa retangular utilizada para reuniões (mesa em que examinei o material). Existe uma sala envidraçada, da diretora da revista. Separada por divisórias do restante da grande sala, há outra sala, também com paredes de vidro, bastante colorida e jovial: paredes, *puffs* e almofadas coloridas e um

quadro de anotações. Este ambiente serve para o encontro da “galera da Capricho”. Tive a oportunidade de presenciar um destes encontros, explicarei mais adiante do que se trata.

Simone Miranda também possui seu computador. Sua posição na sala parece estratégica, todos a vêem e ela vê a todos. Simone recebe os e-mails, cartas e telefonemas das leitoras. Responde-os e/ou os repassa, de acordo com o assunto, para os respectivos editores, para que as dúvidas sejam respondidas. No momento em que for relatada a entrevista com Simone, estas questões serão tratadas novamente.

Na semana em que estive na redação, estavam fechando a próxima edição, que teria como matéria de capa as dez meninas mais poderosas do momento. Pude acompanhar toda movimentação, todo frenesi do fechamento das matérias.

7.1.2. Conversa com Simone Miranda – atendimento ao leitor da revista Capricho

Comuniquei à Simone a minha intenção de lhe fazer algumas perguntas. Ela falou ter pouco tempo, pois estavam fechando a edição da revista. Ao afirmar que seria rápido, ela concordou. A conversa aconteceu no local onde Simone trabalha. Enquanto conversávamos, ela atendia a telefonemas e auxiliava seus colegas de redação quando solicitada. Por uma questão de espaço e praticidade, sentei-me no chão durante nossa conversa. Apesar da agitação, Simone deu-me atenção durante nosso bate-papo.

Fui para esta conversa com um roteiro composto por algumas perguntas que julguei serem importantes para enriquecer meu conhecimento acerca da revista Capricho. No decorrer, outras foram sendo feitas. Seguem em forma de texto as informações que me foram passadas por Simone.

Segundo Simone, são realizados aproximadamente 4000 contatos de leitoras por mês com a revista, sendo que destes, 80% são via e-mail ou carta, havendo predomínio dos advindos via correio eletrônico. Os conteúdos presentes nestes contatos compreendem opiniões sobre edição anterior, os “micos” pelo qual a leitora já passou (segundo Simone isso é um grande sucesso, os melhores micos são publicados na revista), dúvidas sobre beleza e sobre comportamento. Dentre as dúvidas ou comentários sobre comportamento, predominam aqueles relacionados a assuntos que envolvam os meninos e amizade, numa porcentagem menor encontram-se temas relacionados à sexualidade e numa proporção ainda menor, os que envolvem assuntos voltados ao relacionamento familiar.

Simone responde a todos os contatos com uma carta padrão, onde informa que a pergunta foi encaminhada para a editora correspondente a tal assunto, solicitando que aguarde a resposta numa próxima edição. Caso o assunto da pergunta tenha sido discutido em edições anteriores, Simone envia o texto dessa matéria. Outro procedimento é indicar à leitora *sites* na internet que possam ajudá-la a esclarecer suas dúvidas.

As perguntas são classificadas por Simone e encaminhadas para os respectivos editores. No caso das perguntas sobre comportamento, onde as dúvidas sobre sexualidade estão incluídas, a editora de comportamento, Érika Kobayashi, costuma associar as perguntas recebidas com pesquisa recentes construindo, dessa forma, matérias para próximas edições.

Segundo Simone, as perguntas são editadas antes de irem para a revista, principalmente no que diz respeito às gírias. Com relação às perguntas sobre sexualidade, predominam as dúvidas básicas sobre sexo enviadas, principalmente, por meninas mais novas, entre 13 e 14 anos. As campeãs, de acordo com Simone, são as relacionadas à gravidez, incluindo aí a clássica sobre ser possível engravidar virgem, caso o menino ejacule próximo à vagina.

Atualmente, a seção Sexo é mensal, fazendo parte da seção quinzenal Assunto de Amiga. As respostas às perguntas sobre sexualidade são formuladas pela educadora sexual Laura Müller, consultora da Capricho.

Ao descrever a revista Capricho, Simone a caracterizou como uma revista jovem, que fala sobre temas que interessam à menina, dando ênfase à presença dos ídolos das adolescentes tanto nas capas quanto em matérias no interior da revista. Volta-se para meninas entre 13 e 18 anos, tendo as de 15 anos como público alvo. Vê a leitora da Capricho como uma adolescente com mais atitude, mais descolada, ligada, interessada, uma protagonista de sua juventude.

De acordo com Simone, o preconceito com meninos que lêem a revista hoje em dia está menor. Acha que a Capricho está mais jovem, menos “meiguinha, frufu”. Entretanto, salienta que a revista é feita para as meninas. Atualmente existe uma seção feita por meninos chamada “Papo cueca”, escrita por eles para elas.

Perguntei à Simone o que era a “galera da Capricho”. Segundo ela, compreende um grupo de aproximadamente dez adolescentes (meninos e meninas) que tem duração de seis

meses, quando então, um novo grupo é formado. Eles são selecionados pela revista e participam de alguns momentos da preparação das edições, como as reuniões de pauta nas quais sugerem temas de interesse para futuras matérias. Participam de algumas matérias de comportamento, sendo, por exemplo, reproduzida na revista a discussão que esse grupo desenvolveu sobre determinado assunto. A “galera” também é solicitada na hora de testar produtos de beleza, suas opiniões são divulgadas na revista. Os integrantes da galera da Capricho são conhecidos das leitoras e a cada mês o perfil de um deles é exibido na seção “Diário da galera”.

Além da ajuda dos adolescentes da galera, a Capricho tem por hábito convidar escolas para visitarem a redação, momento aproveitado pelos jornalistas para bater um papo com os adolescentes. Segundo Simone é muito importante manter o contato com os jovens, uma vez que é um público que muda muito, “não se pode perder a sintonia, tem que estar por dentro das gírias do momento, falar a linguagem que eles utilizam”.

Simone trabalha na Capricho há 14 anos, na mesma função. Quando questionei se ela percebia mudanças nesses 14 anos no que diz respeito às perguntas enviadas pelas leitoras, a princípio ela respondeu que não. Em seguida, disse que atualmente diminuíram muito os contatos nos quais são abordados problemas com a família, principalmente com a mãe, como queixas por não ter espaço para conversar com a mãe sobre sexo. Para Simone, as mães se modernizaram, discutem mais sobre sexualidade com as filhas, até mesmo porque muitas dessas mães também foram leitoras da Capricho.

Outro ponto de mudança no decorrer desses 14 anos é a queda acentuada do número de meninas que escrevem perguntado sobre sexo. Segundo Simone, isso é consequência do fato de as mães falarem mais com as filhas sobre sexualidade e, principalmente, devido a um maior número de canais onde a menina pode pesquisar sobre sexo, como a internet. A adolescente de hoje possui outras ferramentas para sanar suas dúvidas.

Durante minha conversa com Simone, comentei sobre os projetos que desenvolvo no CASA com adolescentes, mostrei as revistas que temos publicadas. Ela interessou-se bastante, dizendo que eu deveria mostrar esse material à Érika, editora de comportamento. Simone apresentou-me para Érika, mostrei o material do CASA e ela gostou muito, quis saber mais sobre a minha pesquisa e convidou-me para participar do encontro da “galera da Capricho” que iria começar naquele instante. Aceitei o convite. Antes de iniciar o encontro,

estava conversando com Érika sobre minha pesquisa e ela contou-me que desde 1999 a menina passou a se expor mais nas matérias sobre sexualidade, “mostrando sua cara” com a presença de sua fotografia. E que mesmo tendo como procedimento pedir a autorização dos pais da menina que participará de uma matéria, a revista já passou por situações complicadas criadas pelos pais das adolescentes.

7.1.3. Encontro da Galera da Capricho

Quando chegamos (Érika e eu) na sala onde seria o encontro, os integrantes da “galera” estavam com a editora de beleza, recebendo os produtos de beleza que deveriam testar e dar sua opinião. Érika apresentou-me para a “galera” e juntei-me a eles. O encontro foi coordenado por João Felipe, um ex-integrante da “galera”, com o auxílio de Érika.. Participavam cinco meninas e um menino, entre 15 e 17 anos.

Nesse encontro eles deveriam discutir um projeto para trabalhar a auto-estima, a fim de proferir uma palestra sobre esse tema para adolescentes em colégios de São Paulo. O coordenador e outra menina, que haviam participado do grupo da “galera” anterior contavam como foi a experiência deles nesse projeto. Inicialmente discutiram o que seria auto-estima, mediados por João e Érika. Os tópicos levantados eram escritos num quadro. Durante a discussão eles traziam relatos pessoais, de momentos em que sentiram sua auto-estima abalada e o que fizera sentirem-se melhor. Precisei sair antes do término do encontro e coloquei-me à disposição do grupo, caso precisassem de alguma ajuda. O coordenador pegou meu e-mail, desejaram-me boa sorte em minha pesquisa, foram bastante acolhedores. Érika também foi muito simpática, pegou meu e-mail e telefone, passou-me o dela e apresentou-se solícita para me ajudar no que for preciso para a minha pesquisa, manifestando curiosidade em lê-la quando a mesma estiver concluída.

7.2. Caracterização das edições da revista Capricho examinadas

São agora apresentadas as características gerais das revistas pertencentes aos anos escolhidos para compor a amostra, a fim de que se possa esboçar um perfil peculiar a cada momento nesses cinquenta anos.

1952 e 1953



Figura 1 - Capa da revista número 2



Figura 2 - Capa abril de 1953

Apesar destes anos não fazerem parte da amostra, julguei ser interessante expor algumas curiosidades referentes a eles, uma vez que compreendem os dois primeiros anos da revista.

A revista teve o formato 14x19 cm até a Capricho número 8. Após esta edição a revista passou a ter o formato 20,5x27,5 cm, o mesmo utilizado nos dias atuais. A partir de 1953 a revista passa a exibir na capa o slogan “a revista da moça moderna”. A primeira foto exibida é de julho de 1952, a outra é de abril de 1953.

O carro chefe das revistas neste período era as fotonovelas, ocupando a maior parcela do editorial. Seguem os títulos de algumas dessas histórias: “Doce embriaguez”, “Fabiola”, “Romance de um jovem pobre”, “Sublime dedicação”. Além das fotonovelas, havia espaço também para contos relacionados a temas românticos, cotidianos.

As fotonovelas e os contos dividiam espaço com as seguintes seções: psicologia, modas e beleza, vida e atualidade, fatos reais e variedades. Chamou atenção, em uma das matérias da seção psicologia de 1953, sob o título “será ele um homem de linha?” a abordagem, mesmo que sutil, da homossexualidade masculina, incluindo um teste para a moça descobrir se seu noivo era um homem de verdade ou se tinha “atitudes afetadas”.

Neste mesmo ano fez-se presente também, um reportagem intitulada “A garota de 1953”, com o intuito de descrever como é e como deverá comportar-se a garota de 1953.

Na seção referente à moda e beleza, já era possível verificar a preocupação com a silhueta, com matérias como “evite os pneus”, ou “linhas esculturais: obter um corpo sem defeitos, igual a uma estátua”. Estão presentes também reportagens ensinando a moça a maquiarse, pentear-se, vestir-se de acordo com a moda, sobre exercícios físicos... Ídolos, homens e mulheres, tanto nacionais quanto internacionais também dividiam as páginas da Capricho.

Dentre as propagandas veiculadas na revista, encontram-se as de utilidades domésticas (panelas, enceradeira), colchão, absorvente íntimo, papel higiênico, biotônico Fontoura, Leite de Colônia, Maizena.

A título de curiosidade, citarei uma passagem da revista Capricho número 22 de 1953 que, de certa forma, retrata o tom da revista nestes primeiros anos:

“Frases que agradam ao marido:

- É natural, meu bem, que você saia com seus amigos.
- Você tem razão.
- Como lhe ocorreu gastar 100 cruzeiros nas meias que me deu?”

1954



Figura 3 - Capa fevereiro de 1954

A revista tem em sua capa, em letras pequenas no alto da página, o slogan “revista mensal da mulher moderna”. O perfil é semelhante ao dos anos anteriores: fotonovelas, contos, psicologia, moda, beleza, acrescenta-se a seção de horóscopo.

Na edição número 23 deste ano, abre-se o espaço para o envio de cartas das leitoras. As cartas deveriam ser endereçadas à seção “seu destino”. As respostas estariam a cargo do psicólogo, grafólogo e astrólogo Louis Paulin.

Na edição número 27, a seção muda de nome para “seu destino, sua vida (o coração pergunta)”, e quem passa a ser responsável pelas respostas é Marga Mason, conselheira sentimental. Justificam a alteração comunicando às leitoras que Louis Paulin teve que se ausentar repentinamente para a Europa, mas que Marga Mason, “uma mulher culta, inteligente, de altas qualidades morais que tem amplo conhecimento da vida e sabe compreender, excepcionalmente, a alma de seus semelhantes”, estaria à disposição das leitoras como “uma verdadeira amiga e confidente”. Esta seção ocupava, em média, duas páginas da revista, onde eram respondidas aproximadamente vinte cartas.

1956



Figura 4 - Capa outubro de 1956

Segue a mesma linha de editorial. Permanece o slogan “revista mensal da mulher moderna”. Os produtos divulgados nas páginas da revista mantêm-se, acrescentando sutiãs, máquina de costura, esmalte, livro de receitas da Dona Benta, entre outros.

Marga Mason continua à frente da seção de cartas, agora com outro nome: “O coração pergunta ... e Marga Mason responde”, correspondendo a, em média, três páginas da revista, com cerca de vinte cartas por edição.

1960



Figura 5 - Capa outubro de 1960

Além do slogan utilizado nos anos anteriores, que este ano passa a ficar logo abaixo do nome da revista, a Capricho passa a exibir no alto de sua capa a seguinte frase: “A maior revista feminina da América do Sul”.

A revista, que até então era composta por aproximadamente 66 páginas, passa a conter 110 páginas em média. São mantidas a fotonovela e as seções referentes a horóscopo, beleza, moda, contos e personalidades (nacionais e estrelas de Hollywood). A estes somam-se as seções: “os conselhos de Bárbara Davis”, sobre saúde e beleza; “capricho cozinha”, trazendo receitas, onde em uma das edições traz a chamada “seu marido não vai resistir a estes pratos”; os testes ganham força, como: “você está disposta a se casar com um rapaz pobre?” ou “causas e vantagens da timidez”. A revista passa a

contar com artigos de Brunello Vandamo, jornalista e psicólogo italiano que escreve sobre amor e “sobre os problemas que surgem entre o homem e a mulher”. Dentre alguns de seus artigos, pode-se encontrar: “primeiro amor”, “amores perigosos” e “quando a paixão se apaga”.

A seção “O coração pergunta e Marga Mason responde”, passa a ocupar de cinco a sete páginas da revista, respondendo em torno de 35 cartas por edição.

Com relação às propagandas, continuam exibindo a mesma linha de produtos, acrescentando a divulgação da revista *Manequim*.

1963



Figura 6 - Capa novembro de 1963

Permanecem os slogans do ano anteriormente descrito. As seções continuam as mesmas, aparecendo como novidade a coluna “o ângulo feminino”, escrita por Isa Leal.

Marga Mason continua à frente da seção “O coração pergunta e Marga Mason responde”, ocupando uma média de três páginas da revista perfazendo, aproximadamente, 20 perguntas por edição. É possível perceber um aumento no número de anúncios publicitários nas páginas destinadas à coluna de Marga Mason. Estão presentes anúncios dos mais variados: Ferro Quina Bisleri (tônico fortificante), Rugaplex (eliminador de rugas), revista Quatro Rodas (se ele dirige, gostará de quatro rodas – a chamada da revista), cursos de português e taquigrafia por correspondência, depilador galvânico RH, Hemo-virtus (para hemorróida), Cravosan (para limpeza de pele), Guia perpétuo para controle da gravidez (“Para sua maior felicidade conjugal e em seu próprio benefício você não deve ignorar o método natural mais moderno, seguro e de precisão científica. Aprovado pela ciência médica e por todas as religiões.” – era o que dizia o anúncio).

Assim como em 1953, a Capricho de 1963 apresentou a matéria “A garota de 63”, descrevendo-a como uma jovem prática e moderna²³.

1968



Figura 7 - Capa fevereiro de 1968 – Leila Diniz

Neste ano, a revista é quinzenal. Apresenta na capa, logo abaixo do nome da revista, o slogan “a maior revista feminina da América do Sul.”

Nas capas predominam atrizes, personalidades nacionais e internacionais, como: Leila Diniz, Ursula Andress, Virna Lisi, Norma Benguell. Estão também presentes nas capas personalidades do sexo masculino: Francisco Cuoco, Paul Newman, Sean Connery.

No interior, encontram-se matérias com as estrelas da capa, bem como reportagens sobre a vida dos famosos. Fica evidente a presença de temas mais avançados quando comparados com os até então expostos como famosas falando sobre suas experiências: “eu adoro ser desejada”, “não quero ter filhos”, sobre trabalhar fora... Dividindo espaço com estas matérias, encontram-se seções sobre culinária, mulheres audaciosas, moda, cartas com comentários sobre reportagens anteriores, contos, fotonovela, horóscopo, crônicas (assinadas por Carmem da Silva).

Continua Marga Mason, mas ocorrem algumas modificações, a começar pelo título da coluna que passa a se chamar apenas “o coração pergunta”, e a inserção de um logotipo (um coração com dois rostos de perfil, um masculino e um feminino). O número de perguntas diminui, aproximadamente sete por edição, ocupando apenas uma página. A seção parece ter ficado restrita às perguntas sentimentais. Tal fato ocorreu, provavelmente, devido à presença de uma nova coluna assinada por Valéria Ramos, chamada “entre mulheres”. Esta responde às cartas das leitoras referentes a beleza, moda, profissão, saúde,

²³ Maiores detalhes sobre essa reportagem estarão presentes em momento oportuno.

artesanato, lazer, etc. Esta seção tem como logotipo o desenho de duas mulheres de perfil, de cabelos curtos, sendo que uma delas tem um cigarro aceso na mão.

Vale a pena ressaltar que na mesma página da seção de Marga Mason, encontrava-se uma propaganda de livros disponíveis por reembolso postal. Dentre os títulos apresentados, estavam: Melodia do sexo, Sexo em delírio, Contos de alcova, A carne, Freud – atos maníacos, A juventude diante do sexo.

Neste ano, a Capricho divulga, em sua série “Pesquisa Capricho”, a matéria “Tomo pílula, sou uma criminosa?”, relatando a opinião de várias mulheres com relação ao uso da pílula anticoncepcional. Nessa mesma série, apresenta a matéria “Meu pai é prá frente”, onde são expostos depoimentos de moças entre 16 e 20 anos, revelando “o pensamento de uma geração que exige uma educação moderna como ela”.

Era possível encontrar também, em algumas edições da Capricho de 1968, um romance de Simone de Beauvoir, intitulado “Mulher em pedaços”, dividido em quatro capítulos. Trata-se, segundo a revista, de “uma análise preciosa sobre o que passa na cabeça, no coração e na vida de uma mulher quando o homem que ela ama, e em quem confia, a engana.”

Com relação aos produtos anunciados, continuam seguindo a mesma linha dos citados anteriormente, com adição de alguns como: Lacto Purga, Leite Moça, cotonete, batedeira, Pó Royal.

1972



Figura 8 - Capa maio de 1972

Permanece o slogan do ano descrito anteriormente e é acrescida na capa, na parte inferior, a seguinte advertência: “desaconselhável para menores de 16 anos.”

As capas apresentam mulheres mais jovens e não famosas. Com relação às seções, constam: horóscopo, artesanato, moda, decoração, culinária, beleza, fotonovela, contos, boa

forma, capricho se diverte (cruzadinhas e outros passatempos), pesquisa capricho, cartas de leitoras, testes. Com relação aos testes, estes exibem temas mais “ousados”, como: “o homem nu”, “você é fria ou quente?”, onde falam das diferentes visões das mulheres sobre sexo (“seria melhor se não controlasse seus desejos”).

Mais ousadas também são algumas fotografias presentes em certas propagandas como uma de roupa de cama, exibindo um homem e uma mulher supostamente nus, em baixo dos lençóis.

No início da revista encontram-se quatro páginas em papel jornal, como um encarte, trazendo notícias e fofocas sobre os famosos nacionais e internacionais.

Neste ano não existe mais a coluna de Marga Mason. As perguntas das leitoras são divididas ao longo de quatro novas colunas: “entre amigos”, “consultório médico”, “em nome da lei”, “Stela Maria responde”. A seção “entre amigos”, abarca as perguntas relacionadas a problemas sentimentais. As respostas ficam a cargo de Siqueira Santos e Lúcia Silveira: “um homem e uma mulher estão aqui para ajudar você a resolver seus problemas sentimentais.”- é o que diz a revista. A seção “consultório médico”, responde às dúvidas sobre saúde de modo geral, contando com o auxílio de consultores da área médica. “Em nome da lei”, fica responsável por atender questões ligadas a leis e direitos, as leitoras recebem orientações de advogados consultores da revista. “Stela Maria responde”, é uma seção onde as leitoras esclarecem suas dúvidas de moda, beleza, culinária, decoração e trabalhos manuais. Cada uma dessas seções compreendia em torno de cinco perguntas.

Além dessas seções, as leitoras, e leitores, podiam contar com o “cantinho da amizade”, um espaço para publicar anúncios com seu dados pessoais com o objetivo de se corresponderem com pessoas de outras partes do Brasil.

1974



Figura 9 - Capa junho de 1974

Permanece, em sua capa, o slogan “a maior revista feminina da América do Sul”, assim como a advertência que constava no ano de 1972, mas agora esta se encontra na lateral direita da capa. As jovens não conhecidas continuam a ilustrar as capas da Capricho.

A maior parte das seções continua: moda, beleza, decoração, culinária, passatempo, horóscopo, fotonovela, testes. As primeiras páginas, em papel jornal, com fofoca dos famosos, aumentaram, trazendo também reportagens sobre moda, beleza e saúde.

As seções de perguntas da leitora sofrem modificações. A seção “entre amigos” é substituída por “o coração pergunta”, onde Maria Beatriz ajuda a resolver problemas sentimentais. “Stela Maria responde” deixa de existir e em seu lugar encontra-se a seção “serviço especial”. Neste espaço Clarissa dá conselhos sobre moda, culinária, beleza, decoração e trabalhos manuais. “Consultório médico” e “em nome da lei”, permanecem como descritas anteriormente, assim como o “cantinho da amizade”. Abriu-se espaço para que as leitoras vendessem, comprassem ou trocassem o que desejassem, chamado “supermercado”. Outra novidade é a seção “telegrama íntimo”, onde as leitoras enviam recados amorosos: “se na hora H você tiver uma tremedeira, deixa a coisa por nossa conta. A gente manda o recado”- é o que diz a revista. Todas essas seções fazem parte de uma grande seção intitulada “bate-papo”.

1976



Figura 10 - Capa julho de 1976

Na capa encontram-se os mesmos slogans descritos em 1974, da mesma forma, permanecem modelos jovens e não famosas nas capas da revista. Algumas edições deste ano trazem brindes às suas leitoras (anéis, adesivos, etc.).

A revista passa a exibir, junto ao sumário, uma pequena carta à leitora, escrita de forma bastante jovem e descontraída, como se a Capricho fosse uma amiga da leitora. Essas cartas falam um pouco sobre os assuntos que serão abordados na edição. Percebe-se ao

longo de toda revista um ar mais jovem, algumas frases imitando a escrita à mão, figuras, estrelinhas, flores, etc.

A seção em papel jornal, agora chamada “confidencial” e no final da revista, conta com aproximadamente oito páginas. Seu conteúdo continua o mesmo descrito no ano anteriormente apresentado.

Permanecem as seções moda, beleza, decoração, culinária, testes, horóscopo, fotonovela. Com relação às seções de perguntas das leitoras, continuam: “o coração pergunta – sua amiga Maria Beatriz ajuda você a resolver seus problemas de amor”, “consultório médico”, “serviço especial”, “em nome da lei”. “Bate-papo” agora é uma seção específica, onde a leitora dá o seu recado, manda sua opinião, conta uma passagem de sua vida, fala dos problemas que a afligem. Nesta edição, “Bate-papo” apresenta o seguinte depoimento: “Descobri que não sou a companheira ideal” – Isabel (RJ). É a história de uma mulher de 22 anos, casada há pouco tempo, que começa a questionar o papel de esposa, diz que a mãe dela era uma “Amélia” e seu pai o chefe da família. “Será que cuidar do marido significa lavar e passar suas roupas, para que vá impecável ao trabalho, preparar sua comida ou, mesmo, dar-lhe um beijinho quando aparece cansado em casa, sem nem perguntar o que aconteceu no escritório? (...) Resolvi assumir uma nova posição. Isso não quer dizer que eu vá negar os velhos valores. Apenas acrescentar outros muito importantes.”

Cada uma dessas seções ocupa em torno de meia página ou uma página, com aproximadamente quatro perguntas cada. “Conte com a sua revista em todos os momentos da sua vida! Se você tiver algum problema, escreva para as nossas seções.” - é desta forma que a revista convida as leitoras a participarem com suas cartas.

Neste ano puderam ser encontradas propagandas do absorvente interno OB e da revista Manequim Jovem.

Em fevereiro de 1982, a revista exibe no topo de sua capa a frase “desaconselhável para menores de 16 anos”. Mantêm-se jovens modelos nas capas. Cabe ressaltar que neste período a revista era quinzenal.

Dentre as seções presentes, tem-se: moda, beleza, faça você mesma, teste, cozinha, reportagem (entrevista com famosos, depoimentos...), horóscopo, foto-romance (não chamam mais de fotonovela). Existe, também, a seção “caixa postal”, que abarca perguntas da leitoras sobre vários temas (moda, beleza, saúde, sexo). Permanece, no início da revista e em papel jornal, um espaço destinado a fofocas sobre artistas, dicas e matérias variadas.

Na edição de 3 de fevereiro deste ano, a revista traz a seção especial “sexo no consultório”, onde as perguntas relacionadas a esse tema enviadas para a seção “caixa postal” nesta edição foram respondidas. Na seção “sexo no consultório”, foram respondidas as perguntas feitas com maior frequência, segundo a Capricho, nos consultórios dos ginecologistas. A proposta era que este caderno especial, com doze páginas, servisse como manual a ser consultado sempre que necessário. Maiores detalhes sobre o conteúdo das perguntas e respostas serão apresentados e discutidos na seção referente à análise das perguntas. Entretanto, é importante destacar o caráter científico e pedagógico das respostas. A matéria era ilustrada por fotos de jovens do sexo feminino conversando com adultos (supostamente a mãe e um médico, ou pai), casais adolescentes abraçados, uma foto de uma adolescente nua, sem mostrar o rosto, exibindo a barriga e a vulva, e a foto dos seios de uma jovem.

Até o momento, pouquíssimas vezes, no material examinado pela pesquisadora, verificou-se a incidência da palavra adolescência. Na Capricho de 17 de fevereiro de 1982, verificou-se uma pequena matéria intitulada “A adolescência é uma idade chata e perigosa. Mesmo!”, exibindo uma imagem da adolescência como um período crítico, conflituoso e problemático. A ilustração de tal matéria é uma menina de trança, com as mão sob o queixo e com cara emburrada (ver página 133).

A fim de verificar e levantar questões sobre a maneira como as mulheres vêm se constituindo ao longo destas cinco décadas, qual a imagem perpetuada pela mídia, chamou-me atenção a matéria da seção “reportagem” de 31 de março deste mesmo ano. Esta diz respeito ao depoimento “estou marcada pela fama de ser uma garota fácil”, de uma jovem chocada com o fato de seu jeito extrovertido ser interpretado de forma errônea pelos

rapazes, afirmando que “eu não sou a mulher que eles querem para casar. Sou a garota que eles convidam para um fim de semana divertido.” O conteúdo desta reportagem de três páginas, pode trazer subsídios para a discussão acerca da imagem das mulheres e a construção destas imagens ao longo dos últimos 50 anos.

Com relação à publicidade divulgada, destaco a presença de propagandas de pequenos biquínis de lacinho, com moças exibindo os modelos. Outra divulgação interessante, é a da revista *Carícia Sexo*, trazendo os dizeres: “edição especial – fora de série”, apresentando uma capa bastante ousada, quando comparada com as até então veiculadas pela *Capricho*, com a presença de dois adolescentes nus, mas sem exibição da genitália: um menino sentado e uma menina deitada em seu colo.

Julho



Figura 13 - Capa julho de 1982

Nesse período a revista passa a ser mensal. Deixa de exibir na capa a advertência presente em fevereiro do ano em questão. Junto ao nome da revista, logo abaixo à esquerda, encontra-se a palavra “mais!”. Tal fato ocorre em outras edições deste ano, exibindo palavras como: uau!, demais!, quente!. Junto ao sumário, encontra-se a “carta da redação”, destacando algumas das matérias da edição. Neste período a revista apresenta as edições mais extensas, com aproximadamente 170 páginas.

Entre as seções, estão presentes: sexo e saúde, vida prática (dietas, idéias), beleza (transformação, dicas de maquiagem, etc.), moda (certo e errado, dicas, etc.), artigos, atualidades, fotonovela (agora como encarte, em formato menor), amor e sexo em questão, guia de amor e sexo, sempre em forma, horóscopo, guia prático de etiqueta, alto astral, papo com ele. É possível verificar que, pela primeira vez, não aparece a seção “cozinha”.

Pode-se perceber a presença de três seções fixas relacionadas à sexualidade: “sexo e saúde”, “amor e sexo em questão” e “guia de amor e sexo”. Em “sexo e saúde” de julho,

por exemplo, abordou-se, dentre outros temas, a tensão pré-menstrual – suas causas, sintomas e soluções. A seção “amor e sexo em questão”, é a única destas destinada a responder dúvidas das leitoras (geralmente três perguntas), estas são respondidas pelo psicólogo Salomão Rabinovich. Em “guia de amor e sexo”, fala-se a respeito de um tema relacionado a esses assuntos, na edição de julho a matéria é “tudo o que é bom saber sobre masturbação”, assinada pelo mesmo psicólogo da seção “amor e sexo em questão”. Na seção “artigos” do mês em questão, a revista traz as matérias “o que os homens mais gostam no nosso corpo” e “o que nós, mulheres, mais gostamos no corpo dos homens”.

Na edição de agosto de 1982, Capricho exibe a reportagem “falando da primeira vez (depois de ter passado por ela)”, com depoimentos de jovens, solteiras, entre 17 e 21 anos a respeito de suas experiências.

A nova seção “papo com eles”, traz, a cada mês, um texto escrito por um homem (jornalista, professor, etc.) expondo seu ponto de vista a respeito do “universo feminino”. Alguns exemplos de título destes artigos são: “o que é uma mulher chata” e “receita de mulher a que nenhum homem resiste”.

Outubro



Figura 14 - Capa outubro de 1982

Capricho traz em sua capa a palavra “uau!”, como descrito no mês anterior.

As seções presentes nessa edição são as mesmas do mês de julho, com exceção das fotonovelas, que deixam de ser publicadas. A seção “atualidades”, exibe matérias sobre temas diversos, entre elas, na edição do mês em pauta, a revista traz em uma mesma página quatro pequenos artigos: “um país onde os homens são raptados e forçados a casar”, “logo, logo, lugar de homem vai ser em casa”, “o marido ideal: um santo homem” e “será o capitão gay do zoo?” (sobre um macaco “dengoso e afetadíssimo” que faz poses diante dos visitantes que o fotografam).

Na seção “sexo e saúde” de outubro, é discutido o vício de roer unhas e a cistite - “uma infecção que pode começar assim que você inicia sua vida sexual”. “Amor e sexo em questão”, apresenta cinco perguntas enviadas pelas leitoras e suas respectivas respostas, sem dar o crédito do profissional que as respondeu. Em “guia de amor e sexo”, apresenta-se a matéria “conheça as diferenças que existem entre o orgasmo do homem e o orgasmo da mulher e entenda mais o seu prazer (e o prazer dele).”

A seção “artigos” desta edição, traz a matéria, de três páginas: “sexo: na hora da prática, quem se lembra da teoria? “, onde a sexóloga Maria Edi Carneiro Travi mostra “porque, na hora de fazer amor, todas as informações que você tem sobre sexo cruzam na sua cabeça provocando um verdadeiro curto-circuito, impedindo o seu prazer total.”

Tanto nesta edição quanto na do mês de julho, pôde-se verificar que grande parte da revista é dedicada à moda e à beleza. Verificou-se, também, a discussão de forma mais direta de temas relacionados à sexualidade, com ênfase na questão do prazer.

Com relação à publicidade, ao mesmo tempo que a revista veicula propagandas de linha de costura, estão também presentes anúncios de calça *jeans*, com modelos exibindo calças bastante justas. Vale destacar outra propaganda da revista Carícia, as seguintes chamadas: “Carícia de outubro ajuda você a superar problemas sexuais. Vença bloqueios que roubam seu prazer. Os medos dele na hora do sexo. Quando se tem vergonha do próprio corpo.”

1985

Fevereiro



Figura 15 - Capa fevereiro de 1985

O número pertencente a este ano consultado, traz na capa a palavra “mais!”, seguindo a mesma linha de outubro de 1982.

A seção “sexo e saúde” encontra-se dividida em: o Dr. Responde e Saúde. Em o Dr. Responde, apresentam-se perguntas enviadas (em média quinze perguntas) pelas leitoras a respeito de clínica geral, ginecologia, veterinária e cirurgia plástica; as respostas são fornecidas por profissionais das respectivas áreas. Cabe ressaltar a existência, mesmo que exígua, de cartas enviadas por leitores do sexo masculino. Em “saúde”, encontra-se uma matéria esclarecedora sobre algum tema. Nesta edição o tema discutido foi a vaginite.

As seções presentes neste mês são: moda, beleza, boa idéia, etc e tal, teste, gente, sexo e saúde, artigos, a sua opinião, alimentação, de olho neles, informática, escolhendo a profissão, help, etiqueta, horóscopo, papo com ele. Grande destaque é dado às seções moda e beleza, ocupando a maior parte da revista.

Na segunda página, junto ao sumário, pode ser encontrada a carta da editora da revista, Célia Pardi, como foi citado em números anteriores. Esta chamou atenção por falar da felicidade do Brasil, “um país constituído de 60% de jovens ansiosos por um tempo melhor”, ao ter Tancredo Neves como presidente da República. Fala também do Rock in Rio e da promoção de um novo concurso de beleza, o “Look of The Year.” A carta é encerrada da seguinte maneira: “mil beijos superdemocráticos pra você e até mês que vem.”

Julho



Figura 16 - Capa julho de 1985

“Miau!” é a palavra que acompanha o nome da revista na capa. Desta vez está presente também a volta do slogan “a revista da gatinha”.

As seções encontradas são praticamente as mesmas da edição descrita anteriormente, com o acréscimo da seção “psicologia”, que traz, neste número, a seguinte reportagem: “Socorro! Acho que estou grávida”

A seção “sexo e saúde”, é dividida em: “amor e sexo em questão”, “saúde” (sobre olhos), “ABC do amor e do sexo”, “o dr. Responde”. Em “amor e sexo em questão”,

encontra-se a carta enviada por uma leitora sobre seu medo de amar. A carta é comentada e respondida pelo Dr. Ivan Rojas, psicólogo. “ABC do amor e do sexo” é um livro de orientação sexual para adolescentes publicado no Brasil e nos EUA, de Alex e Jane Comfort. A Capricho reproduziu-o em capítulos, nesta edição foi apresentado o terceiro capítulo. Segundo a revista, “mais do que uma lição de anatomia, ele ensina um comportamento baseado no amor e na responsabilidade”. Neste capítulo (exibido em duas páginas) são discutidas as primeiras mudanças físicas que ocorrem na adolescência, trazendo como ilustração as fotos de um adolescente do sexo masculino e de uma do sexo feminino (aparentando 12 anos), nus de frente e de costas.

Em “o Dr. Responde”, permanecem as perguntas enviadas pelas leitoras sobre ginecologia, clínico geral, veterinária e cirurgia plástica, respondidas por profissionais das respectivas áreas.

Novembro



Figura 17 - Capa novembro de 1985

Assim como descrito na edição anteriormente descrita, esta traz em sua capa os dizeres “miau!” e “revista da gatinha”.

As seções que constam na edição de novembro são: moda, beleza, reportagem, teste, especial, astrologia, gente, etc. e tal, artigos, sexo e saúde, papo com ele, help, profissão, decoração; dentre outras. Neste número há a inclusão da coluna “meu diário” assinada por Miguel Paiva.

Na seção “artigos”, encontra-se a subseção Psicologia, que traz a matéria “quando ele quer controlar você”, que consiste numa discussão a respeito de namorados que tentam controlar suas namoradas, chamando a atenção das adolescentes para não se submeterem a situações semelhantes. Dentro desta mesma subseção, está presente também o artigo “sua primeira visita ao ginecologista”

Dentro da seção “sexo e saúde”, pode-se encontrar a subseção “amor e sexo em questão”, que neste mês apresenta a seguinte pergunta enviada por uma leitora: “posso engravidar sem completar a relação sexual?”, respondida pela psicóloga Evelise M. Cuariglia. Inserida nesta mesma seção, encontra-se a reportagem: “debate: você conversa sobre sexo?” Vale ressaltar a presença da chamada desta matéria na capa da revista, em lugar de destaque, logo acima do nome Capricho. Esta reportagem, de três páginas, apresenta um bate-papo entre cinco adolescentes (três do sexo masculino e duas do sexo feminino), de 17 e 18, com a psicóloga Sônia Knopf e a editora Célia Pardi. Ao final da matéria, a Revista pede a contribuição dos leitores, solicitando que enviem para a redação seu depoimento, sua opinião sobre o tema “conversar sobre sexo”.

Ainda na seção “amor e sexo em questão” do mês de novembro, está presente a matéria: “15 respostas para suas dúvidas sobre AIDS”, que contou com a consultoria da Dra. Teresa Estrella Kliemann. Da mesma forma que a subseção “o Dr. Responde”, com o mesmo formato descrito no mês de julho. Com relação ao livro “ABC do amor e do sexo”, na presente edição a revista traz o oitavo capítulo.

1989

Abril



Figura 18 - Capa abril de1989

Na capa permanece o slogan “a revista da gatinha”.

As seções presentes são: moda, beleza, comportamento, gente, especial, atualidades (opinião do gato, etc e tal, boa idéia ...), você em capricho. Nesta última seção, encontra-se a subseção “cartas”: cartas enviadas pelas leitoras comentando matérias da edição anterior. A seção “Dr. Responde”, passa a pertencer a esta mesma seção (você em capricho), continua obedecendo ao mesmo formato descrito em 1985.

Em “comportamento” deste mês, foram apresentadas, dentre outras, duas matérias: uma dentro da subseção “ABC do sexo”: “livre para descobrir os mistérios do orgasmo” e a outra intitulada “um território onde nada é proibido”, sobre zonas erógenas. Esta última teve como consultoras a sexóloga Rosa Azelo e a psicóloga Ane Júlia Santana.

Pode-se encontrar nesta edição a história em quadrinhos Guta, assinada por Marcelo Rubens Paiva, que aborda temas femininos.

Agosto



Figura 19 - Capa agosto de 1989

Presença do slogan “a revista da gatinha”. Mesmas seções da edição anterior.

Em “ABC do sexo”, na seção “comportamento”, é discutida a ejaculação precoce na matéria “quando o prazer dura pouco”. Em “opinião do gato”, agora na seção “comportamento”, os meninos revelam o que acham anti-sexy nas meninas. Ainda em “comportamento”, está presente a matéria “o momento de dizer não”, discutindo o prazer e o dever no relacionamento.

“Dr. Responde” (na seção “você em capricho”), mantém o formato do mês anterior.

Dezembro



Figura 20 - Capa dezembro de 1989

Não há slogan na capa da revista.

As seções não se encontram mais divididas em blocos como anteriormente, ou seja, as chamadas anteriormente de subseção, figuram no sumário, cada uma delas, como seções

independentes. Entretanto, os assuntos abordados assemelham-se com os apresentados nos meses anteriores.

A seção “eu e meu gato”, traz a matéria “transar ou não transar, eis a questão”.

Em “help”, estão presentes perguntas enviadas pelas leitoras sobre diversos assuntos: moda, saúde, comportamento, música, sexualidade.

1997

Janeiro



Figura 21 - Capa janeiro de 1997

A periodicidade da revista passa a ser quinzenal.

As seções encontram-se divididas em: seções (que engloba a maior parte das seções da revista), moda, perfil, beleza & saúde.

Esta edição apresenta a seção “cartas (sexo & help)”. Esta traz perguntas das leitoras sobre sexo e perguntas, sobre assuntos diversos, em busca de ajuda, informações ou esclarecimentos. Ainda nesta seção, encontram-se cartas enviadas pelas leitoras comentando matérias da edição anterior.

Ressalta-se, também, a seção “notícias de meninos”, onde se fala de meninos famosos e eles respondem a uma pergunta emitida por leitoras (exemplo: “o que é sexy numa menina?”).

Maio



Figura 22 - Capa maio de 1997

As seções encontradas são as seguintes: seções (como descrito anteriormente), perfil, relações, beleza & saúde, moda.

A diferença neste mês é a existência de uma seção “cartas” e outra “sexo”. Na seção sexo, diferente da outra que contém cartas sobre diversos assuntos, está presente uma pergunta enviada por uma leitora sobre sexo. Cabe ressaltar a presença, nesta seção, da campanha a favor do uso da camisinha, com o slogan “camisinha, tem que usar”, associada à figura de uma personalidade conhecida entre os jovens. No final da página desta seção, a revista traz o seguinte recado: “se você tiver qualquer dúvida sobre sexo, meninos, ou namoro, escreva para a redação Capricho seção ‘sexo’”.

Na seção “notícias de meninos”, são apresentadas três respostas de meninos à seguinte pergunta: “o que faz você querer sair com uma menina pela segunda vez?”

Outubro



Figura 23 - Capa outubro de 1997

As seções presentes são as mesmas do mês de maio.

Em “sexo” deste mês, está presente uma pergunta emitida por uma leitora e um comentário sobre um diálogo aberto a respeito de sexo entre mãe e filha veiculado pela novela “A Indomada”, elogiando a atitude da mãe na ficção. Jorge Bem Jor participa da campanha pelo uso da camisinha.

Na seção “pense nisso”, é discutido o aborto, trazendo a opinião de três adolescentes sobre o assunto.

Em “notícias de meninos” desta edição, um jovem ator responde à seguinte pergunta feita por uma leitora: “dá para perdoar uma traição?”.

1999

Agosto



Figura 24 - Capa agosto de 1999

As capas passam a exibir, predominantemente, jovens artistas (do meio musical e televisivo), diferentemente dos anos anteriores, onde figuravam modelos.

Esta edição é composta pelas seguintes seções: gente (matérias com artistas), moda, beleza e saúde, sua vida (matérias sobre comportamento), sempre aqui (as seções presentes em todas as edições, exemplo: eles por eles, colírio, teste, signos, sem dúvida, certo e errado). “Gente” é a seção que ocupa maior parte da revista, seguida de “sua vida”.

Em “sua vida” deste número há a matéria “Conversa sem vergonha” (de quatro páginas) com Babi, na época apresentadora do MTV Erótica, onde ela responde algumas dúvidas sobre sexo das leitoras da Capricho e conta suas experiências pessoais sobre suas “primeiras vezes”. Outra matéria presente nesta seção está relacionada ao aborto, contando histórias de meninas que ficaram grávidas sem querer e o depoimento de uma atriz sobre sua opção pelo aborto.

“Sem dúvida”, seção incluída no “sempre aqui”, é destinada a responder dúvidas das leitoras, sendo também um espaço aberto a sugestões, críticas e recados. A pergunta enviada pela leitora é respondida pela revista e a mesma pergunta é feita a outras adolescentes, que dão sua opinião no intuito de ajudar a leitora. As perguntas enviadas a esta seção, que ocupa aproximadamente cinco páginas desta revista, são relacionadas à sexualidade, artistas, comportamento, amizade. Junto às perguntas relativas à sexualidade, mantém-se a campanha, veiculada pela revista, “camisinha tem que usar”.

Outubro



Figura 25 - Capa outubro de 1999

As seções são as mesma descritas no mês anterior.

“Sua vida” traz a matéria “Cedo ou cedo demais?”, sobre o aumento do número de adolescentes que “perdem a virgindade antes dos 15 anos”. É uma longa matéria (de seis páginas), com dados estatísticos, depoimentos de adolescentes e o teste “você está pronta para transar?” Complementando a matéria, apesar de fazer parte da seção “gente”, encontra-se, sob o título “Como foi? Quando foi?”, depoimentos de famosos revelando a idade com que transaram pela primeira vez (perfazendo o total de seis páginas).

Como descrito no mês anterior, a seção “sem dúvida” responde a perguntas enviadas pelas leitoras.

Na seção “eles por eles”, os meninos dão sua opinião sobre a relação entre usar brinco na orelha direita e a homossexualidade.

Dezembro



Figura 26 - Capa dezembro de 1999

No geral, a divisão das seções permanece a mesma. Ocorreu uma alteração no que se refere ao nome da seção “sem dúvida”, que passou a se chamar “sua vida”, continuando com o mesmo formato. A seção anteriormente intitulada “sua vida”, mantém o mesmo nome.

Uma das matérias de “sua vida” exibida nesta edição, faz alusão à gravidez na adolescência: “O filho que chegou cedo”. Compreende um total de seis páginas com

depoimentos sobre a experiência de meninas que tiveram filho na adolescência, dados estatísticos e, ao longo das páginas da reportagem, a presença da campanha “camisinha tem que usar”.

2000 (22 de outubro)



Figura 27 - Capa 22 de outubro de 2000

As seções que compõem esta edição são: moda, gente, vida real, beleza e saúde e sempre aqui.

“Sua vida”, incluída em “sempre aqui”, continua trazendo perguntas das leitoras, mas agora esta seção é dividida em “sexo” (perguntas sobre esse assunto) e “help” (perguntas sobre comportamento).

Em “vida real”, encontra-se a matéria “Vocês perguntaram...”, onde oito meninos respondem as dez dúvidas sobre sexo enviadas com maior frequência pelas leitoras.

2001 (8 de abril)



Figura 28 - Capa 8 de abril de 2001

A divisão das seções deste número é a mesma descrita no ano anterior.

A seção “sua vida”, traz agora a subseção “sexo atitude relações”, compreendendo as perguntas enviadas pelas leitoras sobre sexualidade e comportamento, bem como pequenas reportagens. Nesta edição, por exemplo, fala sobre o preconceito diante da homossexualidade feminina.

“Eles por eles” desta edição, traz a opinião de garotos sobre a menina que transa no primeiro encontro.

2003 (26 de janeiro)



Figura 29 - Capa 26 janeiro de 2003

De uma maneira geral, as seções permanecem as mesmas.

“Assunto de amiga” é a seção destinada a responder perguntas enviadas pelas leitoras sobre comportamento e sexualidade.

“Vida real” traz a matéria “carícias que dão vergonha de falar” (de seis páginas), sobre a masturbação feminina, consistindo na exposição de um debate sobre o tema com oito meninas entre 14 e 20 anos, destacando-se que uma delas é casada. Ao longo da matéria estão presentes quadros com os resultados de enquetes realizadas pela Capricho sobre o assunto em questão.

Na Capricho de 9 de fevereiro de 2003, a seção “vida real” apresentou a matéria “elas chegam junto...”, sobre meninas que tomam a iniciativa no relacionamento, trazendo a opinião dos meninos e das meninas.

7.3. Caracterização das seções de cartas das leitoras

Este item será esquemático uma vez que, no item anterior, as seções de cartas das leitoras aqui apresentadas já foram citadas, explicando-se suas mudanças e algumas especificidades.

Serão apresentados os seguintes pontos, nesta ordem: nome da seção, nome do responsável pela seção, número de páginas ocupados por ela, número de perguntas respondidas, propagandas que dividem as páginas com a seção, particularidades (quando se fizer necessário), conteúdo das perguntas e das respostas, exemplo de algumas perguntas e respostas²⁴. Estas mesmas informações serão capturadas em cada uma das edições consultadas que compõem a amostra.

1954

- **Nome da seção:** “Seu destino”
- **Responsável:** **Louis Paulin:** astrólogo, grafólogo e psicólogo – “A ajudará a encontrar uma solução e a conhecer-se a si mesma e também lhe indicará o caminho que deve seguir para triunfar na vida.”
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas /
- **Propagandas:** sabonete defesa Pae Jacob
- **Particularidades:** Apenas as respostas e o pseudônimo da leitora. Fala intimamente com a leitora, como amigo. Indica o planeta, a pedra, perfume, cor e signo da leitora. Descreve sua personalidade, analisa sua letra
- **Conteúdo das respostas:** Previsões, profecias, conselhos, temas religiosos, valores morais, pensamento positivo.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *Moreninha sem esperança * Procure esclarecer o mistério escrevendo-lhe. Estamos no século vinte, minha filha! Agora ninguém fica se mortificando fazendo suposições; é “pão pão, queijo queijo.” (...) Nada de paixão recolhida. Você é muito boazinha, conscienciosa, tem personalidade atrativa, a vida vai lhe sorrir deliciosamente. Sua*

²⁴ As perguntas serão separadas das respostas por este símbolo: *

Em alguns momentos tanto as perguntas quanto as respostas serão encontradas resumidas, devido ao grande volume a ser apresentado.

pedra é safira. (...) Leia anedotas, assista a filmes cômicos, ouça músicas alegres e o otimismo lhe voltará com seus elementos de sorte e bem-estar.

- *Superly * Tem aptidões terapêuticas, intelectuais e musicais. (...) Deve, contudo, suavizar o gênio e cultivar meiguice, para se tornar ainda mais atrativa.*
- *Olhos apaixonados * Interrogue-o com jeitinho, quando estiver bem disposto. Terá paz, felicidade conjugal e sorte nos projetos.*
- *Adelamara * Necessita perder a tendência à discussão. Ouça, reflita e, com bom senso, compreensão e bondade, fale como deseja que lhe falem: com humildade.*
- *Rosa desfolhada do Parque da Lapa * Sua letra mostra ser muito boazinha, conscienciosa, romântica. Mas, precisa ser mais prática na vida. (...) Continue suas preces, mas no sentido que “venha a você o que for para seu bem.” Só a Providência o sabe.*



Figura 30 – Parte da primeira coluna de Marga Mason, 1954

- **Nome da seção:** “Seu destino, sua vida (o coração pergunta)”
- **Responsável:** Marga Mason “uma mulher culta, inteligente, de altas qualidades morais que tem amplo conhecimento da vida e sabe compreender, excepcionalmente, a alma de seus semelhantes”, estaria à disposição das leitoras como “uma verdadeira amiga e confidente”.
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas, 20 perguntas
- **Propagandas:** maizena, elgin (máquina de costura)
- **Particularidades:** Trata intimamente as leitoras: “amiguinha”, “minha querida.” Utiliza o imperativo, indica o caminho certo, não proporciona a reflexão. Vale-se de sua experiência (mais velha). Presença de perguntas e respostas (pseudônimos)
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Mulher deve adaptar-se ao homem, agradá-lo, abnegar-se. É o homem quem toma as iniciativas, quem tem a direção do relacionamento. Homem: ativo, mulher: passiva.

- **Exemplos de perguntas * respostas**

- *Rosita: casada há 12 anos, 3 filhos, marido chega tarde, às vezes de madrugada. “Estou farta dessa vida!” * Falar com o marido sobre o assunto, mas com calma, dizendo que o ama. “Não faça cenas. Peça-lhe que pelo menos uma vez por semana fique com você. Cuide para que a casa esteja sempre bem arrumada, os filhos sempre limpinhos e você, arrume-se também para ficar mais bonita”.*
- *Ilerig: Ex namorado namora outra moça, mas falaram que ele ainda gosta dela e talvez volte. * “A única coisa que você pode fazer é esperar”. Não procure-o, se ele voltar, não toque no passado, demonstre que confia nele.*
- *Salomé Loura: 19 anos, teve flertes, mas se afastaram, está nervosa, responde os pais, sente-se infeliz. * Pode ter dito coisas sem sentido nas suas conversas com rapazes nos flertes. “Os moços gostam de companheiras sensatas.” É preciso ler muito para ter argumento nas conversas. “Quando não souber o que dizer, escute os outros falarem demonstrando interesse”. “O amor não tardará a chegar, e sem que você tenha que buscá-lo”.*

1956



Figura 31 – Parte da coluna de Marga Mason, 1956

- **Nome da seção:** O coração pergunta ... e Marga Mason responde
- **Responsável:** Marga Mason
- **Número de páginas / número de perguntas:** 3 páginas, 23 perguntas
- **Propagandas:** motor Amo para máquina de costura: “a Senhora estava se cansando à toa.”, soutiens Vivian, Maizena, Iãs Santista.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Mesmos anteriores, acrescentando: função do homem – ter bom trabalho, boa posição para se casar, é sinal de que realmente se

interessa pela moça. A idéia de que aquelas que têm atitudes corretas, que são boas, serão recompensadas com bons casamentos.

- **Exemplos de perguntas * respostas**

- *Branca de Neve: seu ex tem outra e vai se casar, mas ele a olha diferente, ela gosta dele * Ele tem simpatia por ela, “mas para que procurá-lo se ele ficará noivo? Não acha que isso não seria digno do comportamento duma jovem decente?”*
- *Morena indecisa de algum lugar: pediu para pertencer-lhe, se recusou, ele disse que agora só podem ser amigos. * “Não dê crédito ao que ele lhe disse. Não ceda. Arranje outro namorado, pois segundo o que você me diz, ele é um indivíduo que só procura divertir-se”.*
- *Coração sem decisão: Se amam, mas a mãe não confia nele porque não tem colocação. * insistir para ele arrumar um trabalho, é a prova de amor dele, “senão teremos que dar razão à sua mãe.”*
- *Indeciso de Carlos Gomes: ele tem 17, ama uma garota de 17, quer propor-lhe namoro. * Tome coragem e fale com ela. Você é muito jovem, “pense em preparar uma posição para o futuro e casar com ela. Só assim poderá lhe demonstrar quanto a ama e demonstrar-se a si mesmo a firmeza de seus sentimentos.”*

1960

- **Nome da seção:** O coração pergunta ... e Marga Mason responde
- **Responsável:** Marga Mason
- **Número de páginas / número de perguntas:** 7 páginas, 32 perguntas
- **Propagandas:** soutiens, cola tudo Duco, lacto purga, triofon (picada de inseto), instituto preparatório cultural, esbelt (emagrecer), dermocaína (creme rejuvenescimento), nuit bleu (colônia), cursos por correspondência, tônico, biscoitos, curso de madureza, wellaton, etc.
- **Particularidades:** Fala no início da importância do exame pré-nupcial.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Casamento só com amor e para sempre e traz os filhos como conseqüência lógica. Várias perguntas relacionadas a “ter cedido” para o namorado – as respostas são diferentes: se a moça está grávida, Marga é simpática, compreensiva, se não, é rígida, rude.

- **Exemplos de perguntas * respostas**

- *Loirinha desesperada número 15: “concordei e agora ele não fala mais em se casar comigo.” * Deve falar seriamente com calma com ele. Diga-lhe que ele precisa cumprir a sua promessa, invente mesmo que sua família já está desconfiada. Mas não fale em fugir, fale em casar. Ele lhe deve essa reparação, Loirinha! Não compreendo como há garotas ingênuas a ponto de acreditarem em promessas assim! Se for preciso, ameace-o de contar tudo a seu pai.:*
- *Coração amargurado: (...) não gosta de olhar para os rapazes, tem medo que a achem oferecida. * “Acho que deve olhar para os rapazes, minha querida. Não os encare, é claro, mas olhe-os ligeiramente, para que eles tenham a oportunidade de cumprimentá-la (...) Se não olhar para ninguém, acabará ficando solteira.”*
- *Esposa desesperada: casada com jogador, teme o futuro, por isso não quer ter o filho que ele tanto deseja. Ele anda tratando-a com rispidez. * “Você não tem o direito de negar um filho ao seu marido. Diga-lhe que não tem sido muito compreensiva, mas está disposta a reparar seu erro. Faça o possível para salvar seu casamento, querida!”*
- *Triste orgulhosa: (...) * Evite brigas com seu noivo. “Por que ficar sempre na defensiva, pensando que ele quer mandar em você? Experimente fazer o que ele quer, bem entendido: desde que não afete a decência e a moral. Afinal, você se veste e penteia para que ele a ache bonita, não é? Pois então procure harmonizar seu gosto com o dele e tudo dará certo. Quando um não quer, dois não brigam.”*
- *Loura dos olhos verdes: ama e é amada pelo marido, mas ele não quer que ela visite a mãe. Se teimar ele se separa dela. * “Pois não teime, minha querida! Não insista! Conserve a felicidade em seu lar, pelo que você me diz seu marido tem sérios motivos para fazer isso. Seja compreensiva e não toque mais nesse assunto com ele. Quando quiser desabafar, escreva-me.”*
- *Lia: não deixa o namorado beijá-la, somente depois de conhecê-lo bem. Deve continuar assim? * Está procedendo corretamente. “Os rapazes não têm nenhuma consideração por essas garotas que consentem que qualquer rapaz as beije. (...) Seu príncipe encantado chegará e ficará muito feliz ao saber que você reservou para ele seu primeiro beijo.”*

1963

- **Nome da seção:** O coração pergunta ... e Marga Mason responde
- **Responsável:** Marga Mason
- **Número de páginas / número de perguntas:** 4 páginas, 20 perguntas
- **Propagandas:** dentre outras, 2 métodos contraceptivos: indicador e guia perpétuo para controle da gravidez: “ambos naturais, aprovados pela igreja e ciência, para serem usados pelas mulheres casadas, assegurando sua tranquilidade conjugal”.
- **Particularidades:** Fala no início da importância do exame pré-nupcial.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Diante de uma traição do marido, cabe à mulher conformar-se. O marido é quem deve tomar as rédeas das situações.
- **Exemplos de perguntas* respostas**
- *Maria Madalena de Guarulhos: fui visitar meu marido na prisão, havia várias visitas para ele, inclusive sua amante. Ele falou que queria ver qualquer pessoa, menos eu. * “É triste, mas fazer o que?” Conformer-se com a situação, criar os filhos. Você não tem culpa, deixe o tempo correr. “Quem sabe se, ao sair da prisão ele voltará arrependido para você?”*
- *Olhos verdes tristes: era viúva, casou-se de novo com separação de bens, trabalha e ganha razoavelmente. * “Se seu marido não quer que você trabalhe, seria melhor satisfazê-lo, minha amiga. O amor de seu marido e a paz do seu lar, são mais importantes que seu ordenado, não acha? Entre num entendimento com ele, sobre uma mesada para você, para suas despesas particulares. Foi uma sorte Ter arranjado tão bom esposo, Olhos verdes, trate de conservá-lo. (...) Sobre a separação de bens, seria interessante se seu marido comprasse uma casa em seu nome, para que você não fique ao desamparo e sem seu emprego, caso venha a acontecer qualquer coisa a ele.”*

1968



Figura 32 – “Entre mulheres” e Coluna de Marga Mason, 1968

- **Nome da seção: “O coração pergunta”**
- **Responsável:** Marga Mason
- **Número de páginas / número de perguntas:** meia página, 7 perguntas
- **Propagandas:** livros através de reembolso postal, títulos “ousados”: Ex: Melodia do sexo, Sexo em delírio, Contos de alcova, A carne, Freud – atos maníacos, A juventude diante do sexo.
- **Particularidades:** Chama atenção a redução da seção. Também a presença de livros sobre sexo na página desta seção, apesar de nela não aparecerem questões que falem, diretamente, sobre esse tema. Marga Mason parece “parada” no tempo, como se não acompanhasse o restante da revista: métodos, pílula, biquíni, livros sobre sexo...
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Os mesmos dos anos anteriores.
- **Exemplos de perguntas * respostas**
- *Maria que dá na vista: quando sai na rua os homens bulam (sic) com ela. * Não sei o que tem você, Maria. Mas deve ser algo muito visível, já que os homens todos notam. Talvez se vista, se penteie ou se pinte em exagero. Nenhum homem bole com uma garota séria e discreta, por mais bonita que ela seja.*
- *Triste Juriti: Acha que ele voltará? * Não, acho que não. Isso de dizer-se “indigno de você” foi um pretexto elegante para desaparecer da sua vida. Esqueça-o, minha querida.*
- *Indiana: Está noiva e irá se casar, mas apaixonou-se por outro. O que fazer? * Não se case antes de estar bem certa de seus sentimentos. Adie o casamento se for preciso. Mas Indiana, a paixão por esse outro não será apenas uma ilusão? Não faça tolices. Não deixe um futuro certo e feliz ao lado de um bom rapaz que a ama tanto, por uma ilusão sem dia seguinte.*

1972

- **Nome das seções:** “entre amigos” e “consultório médico”²⁵
- **Responsáveis pela seção “Entre amigos”:** Siqueira Santos e Lúcia Silveira

²⁵ Nesta edição a coluna “Consultório médico” não exibiu perguntas relacionadas à sexualidade, apenas à saúde de maneira geral. Por este motivo ela não será aqui analisada.

- **Número de páginas / número de perguntas:** meia página, 4 perguntas (divide a página com a seção “Consultório Médico”)
- **Propagandas:** Sem publicidade.
- **Particularidades:** Separação entre perguntas sentimentais e biológicas (amor/sexo). As perguntas passam a ter título, seguidas pelo pseudônimo da leitora. Cada um dos responsáveis responde duas perguntas.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Perguntas mantêm-se parecidas, já as respostas modificaram-se: casamento deixa de ser o centro da vida da mulher, desvincula roupa à moral, incitam as mulheres à ação.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Esse amor já era.” A esperançosa (MG): namora rapaz há 4 anos, mora em outra cidade, o viram com outra namorada. “Ele falou que era coisa passageira, que só eu sou importante para ele, pois as outras serão sempre filiais e eu a matriz.” * “Antigamente a mulher se contentava em ser a preferida na vida do homem. Hoje ela tomou consciência do seu valor e sabe que pode exigir fidelidade. Você acha que será feliz ao lado de alguém que já confessou a intenção de fazer do casamento um comércio tão fora de moda, com matriz e filial? Se acha...”* (resposta de Siqueira Santos)
- *“Ninguém está só” – Solitária (RS): Será que se casará um dia? Não agüenta a solidão, sente-se velha. * “Nem sempre o casamento livra a gente da solidão, minha amiga. (...) Para combater a sensação de velhice, querida, não é indispensável um namorado, noivo ou marido. Basta abrir os olhos para o mundo e sentir a beleza da vida. Procure se interessar pelos outros, aceitando e retribuindo a amizade que lhe oferecem. Felicidades.”* (resposta de Lúcia Silveira)
- *“Dois problemas” – Moreninha desesperada (SP): ama e o rapaz sabe mas não lhe dá nem um alô. O pai dela é muito quadrado e não a deixa usar micro nem macaquinho. * É muito jovem para ficar desesperada. “Cuidado para não se fazer de oferecida, caso ele não esteja mesmo interessado. (...) Quanto ao seu pai, procure fazer que ele entenda que o juízo dos brotinhos não se revela nas roupas e sim nas atitudes.”* (resposta de Lúcia Silveira)

1974



Figura 33 – Coluna “O coração pergunta”



Figura 34 – Colunas “consultório médico” “Em nome da lei”

- **Nome das seções:** “O coração pergunta” e “Consultório médico”²⁶
- **Responsável:** Maria Beatriz – “Maria Beatriz está aqui para ajudar você a resolver seus problemas sentimentais”
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 página, 4 perguntas
- **Propagandas:** Sem publicidade
- **Particularidades:** As perguntas mantêm-se com título, seguidas pelo pseudônimo ou nome da leitora.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Perguntas parecidas, respostas menos convencionais. Apenas uma pergunta insinua a sexualidade, pedindo orientação, na resposta Maria Beatriz se esquivava (ver pergunta “Inocência”).
- **Exemplos de perguntas * respostas**
- “*À procura de um novo amor*” – *Evange (BA) Terminaram há seis anos, mas não o esquece. Ele está de casamento marcado e ela desesperada com medo de ficar para titia. * “Isso de medo de ficar para titia não se usa mais, Evange! As moças de hoje em dia podem ter independência, vida própria, e o casamento só se justifica quando aparece alguém que a gente ame e que nos retribua esse amor.”*
- “*Inocência*”- *Mariana (ES) Pedir orientações sobre problemas que envolvem um homem e uma mulher, pois foi criada em regime muito rigoroso pelo pai. Tem 20 anos e sente-se perdida no mundo, sem entender nada de nada. * Uma orientação pessoal é muito importante no seu caso, Mariana. Deve procurar uma pessoa esclarecida para orientá-la (médica, assistente social). Se não encontrar ninguém, escreva-me outra vez,*

²⁶ Também nesta edição a coluna “Consultório médico” não exibiu perguntas relacionadas à sexualidade, apenas à saúde de maneira geral. Por este motivo ela não será aqui analisada.

lhe mandarei uma resposta pessoal, bem detalhada, esclarecendo suas dúvidas. Também posso organizar uma lista de livros especializados para você comprar. Enquanto isso, não deixe que coisas simples e naturais perturbem sua cabecinha apenas por falta de maiores conhecimentos. Estou às ordens.

1976

- **Nome das seções:** “O coração pergunta” – “sua amiga Maria Beatriz ajuda a resolver seus problemas de amor” e “Consultório médico”
- **Responsáveis:** Maria Beatriz, Dr. Luiz de Toledo (responde pela coluna “Consultório Médico”).
- **Número de páginas / número de perguntas:** “O coração pergunta”: 1 página, 4 perguntas; “Consultório Médico”: meia página, 3 perguntas
- **Propagandas:** Sem publicidade
- **Particularidades:** As perguntas mantêm-se com título, seguidas pelo pseudônimo ou nome da leitora. Dentre as três perguntas presentes na coluna “Consultório médico”, apenas uma é relacionada à sexualidade.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Mantém o processo apresentado em 1974. As perguntas respondidas pelo médico são bastante técnicas.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *“Devo contar ao meu noivo que não sou mais virgem?” – Rosa ferida (RS): tem 18 anos, perdeu a virgindade aos 15, é noiva de outro rapaz, com casamento marcado, mas tem remorso, se contar ele sofrerá e estragará o amor deles, ao mesmo tempo não que enganá-lo, angustiada por não saber se deve dar a ele contas do seu passado. * “Uma pétala roubada de uma rosa não diminui seu perfume nem sua beleza.” O importante não é o que aconteceu, mas o que ela é agora. As mulheres, assim como os homens, precisam ser aceitas pelo que são e não pelo que foram.*
 - *Quando uma moça virgem engravida a ruptura do hímem deve ser feita pelo médico ou esperar a hora do parto? * É raro, geralmente espera-se o parto, a não ser que necessite um exame e disso depender a integridade física de ambos, nesse caso o hímem passa a ter valor secundário. (Pergunta da seção “Consultório médico”)*

1980

- **Nome da seção:** “Caixa postal”, dividida em amor e sexo.
- **Responsáveis:** Amor: Maria Beatriz, Sexo: Daisy Ramos
- **Número de páginas / número de perguntas:** Amor: meia página, 3 perguntas; Sexo: meia página, 2 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Títulos nas perguntas, leitoras identificadas pelas iniciais.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** diferentes níveis de perguntas, desde as mais “ingênuas” até as mais ousadas. As perguntas da seção sexo trazem temas como: orgasmo, masturbação, prazer e métodos contraceptivos. As respostas deixam de tratar as leitoras com intimidade, são mais objetivas, algumas dão opções para a leitora tomar a sua decisão. Cada vez mais explícita a separação entre amor e sexo. As repostas trazem, com frequência, a sugestão de dialogo entre o casal.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *“Ele precisa saber que não sou virgem?” – J.L. (DF) Ama-o e pretendem se casar, não teve coragem de lhe contar que há dois anos se entregou para outro rapaz. Ele pensa que ela é virgem, nunca tentou nada com ela. Sente-se indigna e infiel, teme perdê-lo. * Você não é indigna e infiel porque pertenceu a outro homem, não o traiu, pois na época ele não existia. Importante é ser fiel e sincera ao seu amor. Quando sentir clima favorável, converse com ele, sem sentimentos de culpa. “Uma rosa não será nada menos bela e perfumada se antes de ser colhida alguém tiver aspirado com profundidade seu perfume.”* (Pergunta da subseção Amor)
 - *“Ele me deixou. Então, morri para o mundo.”- S.S (PR) 29 anos, é infeliz. Aos 18 anos teve namorado que amou e se entregou a ele, depois ele sumiu. Resolveu morrer para o mundo, pois caso se apaixone novamente será o fim. “Serei desprezada pelo rapaz que descobrir que me perdi com outro.” * Não deve estragar sua existência por isso, já deveria ter esquecido. Não se julgue, não se condene. “Em tudo que lhe aconteceu, aposto que houve também uma parte boa e gostosa, não é? Lembre-se disso. Procure fazer com que coisas boas aconteçam de novo. Recupere o tempo perdido.”* (Pergunta da subseção Amor)

- *“Estou cansada de fingir que sinto prazer!” – M.S.L. (MT) É uma mulher fria, tem 20 anos, uma filha de dois anos e nunca sentiu prazer, nunca chegou ao orgasmo. Ama o pai da filha, não são casados. Ele já a levou a médicos, mas não resolveram seu problema. Tentou experimentar outros rapazes, mas não adiantou. * Orgasmo feminino é uma experiência física e psicológica, a mulher precisa estar à vontade, ser estimulada. É necessário muito diálogo e compreensão do parceiro, que geralmente não sente essas dificuldades. Deprimir-se e fingir não resolvem, muito menos mudar de parceiro. Deve enfrentar o problema falando com ele. Procure um psicólogo para ajudá-la a verificar o que a impede de sentir prazer sexual. (Pergunta da subseção Sexo).*
- *“O que é normal dentro de um casamento?”- J.R.B (CE) Gostaria que me orientasse sobre o casamento. Se na hora da relação é normal o marido pedir para a mulher ficar nua. Ou ela vai estranhar o pedido? * É importante que os dois conversem sobre isso antes do casamento, trocando idéias, falando dos seus medos. Parece que são dois estranhos, um com medo do outro. O ato sexual é antes de tudo uma aproximação amorosa e terna do casal, sendo um fator importante para o bom relacionamento do casal. Quando casados, devem agir com amor, compreensão, dispostos a esperar, se for preciso, antes de tentar a consumação. Com calma e naturalidade.” (Pergunta da subseção Sexo)*

1982 – Fevereiro



Figura 35 – Parte da seção “Sexo no consultório”

- **Nome da seção:** “Caixa postal”
- **Responsável:** não mencionam
- **Observação:** nesta edição, publicou-se uma seção especial: “Sexo no consultório”. As perguntas sobre sexo enviadas para “Caixa Postal” foram respondidas nesta seção especial. Então, os dados abaixo são referentes à seção “Sexo no consultório”.

- **Número de páginas / número de perguntas:** 12 páginas, 40 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Seção dividida em 11 tópicos, com de duas a cinco perguntas cada. Os tópicos são: a primeira consulta, as questões menstruais, hímen e virgindade, o tamanho dos órgãos sexuais, as variações do coito, doenças genitais, a saúde genital, o cuidado com os seios, pílula anticoncepcional, outros métodos, aborto. Ilustrações de nu feminino (seios e vulva), sem exibir o rosto. Utilização dos termos “regras” e “defloramento”.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Respostas direcionadas a adolescentes do sexo feminino e mulheres. Respostas de cunho científico, pedagógico e impessoal.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *Tenho 15 anos e sou virgem. Preciso ir ao ginecologista? Morro de medo. O que o médico faz? Dói? * Seria bom você procurar um ginecologista para um exame geral. Não dói, a sensação é de desconforto, não de dor. (...) Os ginecologistas (tanto homens como mulheres) atuam como verdadeiras “damas” em seus consultórios. São de uma delicadeza extrema e costumam conversar longamente antes de fazer qualquer exame. (...) A Posição na cama, muito mais que o exame, parecerá desagradável da primeira vez. Não por motivos físicos, mas sim psicológicos – é uma posição em que a mulher se sente totalmente “exposta” diante do médico. Mas veja bem: a partir do primeiro exame, o ginecologista vai se tornar uma figura muito importante na sua vida, e vai tratar de todos os seus problemas ginecológicos e sexuais. Assim, essa dificuldade inicial passará aos poucos.*
 - *O coito oral e o coito anal funcionam como métodos anticoncepcionais? * Sim, já que o sêmen não é depositado na vagina, não tendo chance de atingir o óvulo. Só não são métodos consagrados porque poucos casais concordam em restringir sua ação sexual., mesmo que apenas nos cinco dias em que uma mulher corre o risco de engravidar. Mas se o casal não se aflige com essa restrição temporária, e se a mulher controla devidamente seu período fértil, pode usar esses métodos.*

1982 – Julho

- **Nome da seção:** “Amor e sexo em questão”
- **Responsável:** Psicólogo Salomão Rabinovich
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 página, 3 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Leitoras identificadas pelo primeiro nome. Presença de título nas cartas.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Respostas mesclando cunho biológico e psicológico. Bastante técnicas e impessoais. Perguntas relacionadas á satisfação sexual, orgasmo e prazer.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *“Estou com medo que meu namorado seja homossexual” - Camila (MA) Meu namorado tem comportamento que me intriga: ele me respeita demais. Evita beijos quentes, abraços mais apertados. Não será sinal de que ele é homossexual? Estou com medo.* A não ser que o comportamento do homem seja muito evidente, é difícil saber se ele é ou não um homossexual. (...) Não é tão fácil identificar se o parceiro – e aqui vale para ambos os sexos – tem tendência à homossexualidade. (...) O fato de um homem apresentar comportamento respeitoso demais é, na maior parte das vezes, consequência da cultura em que vivemos, uma cultura que ainda valoriza a virgindade. Muitos homens, quando estão namorando com fins matrimoniais, evitam carícias mais íntimas à futura mulher. Acreditam ser a maneira de levar a futura mãe dos seus filhos imaculada para o casamento. Em outros casos, o respeito demasiado pode ser uma forma de defesa do homem. (...) ele tem medo de demonstrar sua ineficiência ou incompetência sexual. O melhor caminho é o casal ter um relacionamento aberto. Ou seja, um papo sobre como cada um vê sua sexualidade, as experiências tidas, as sensações que sentem na presença do parceiro. Isso vai facilitar a vida de ambos, mesmo que decidam ter um relacionamento sexual completo só após o casamento.*
 - *“Os homens me atraem. Mas não me satisfazem. Por que será?”- Adriana (RJ) Tenho 18 anos e não consigo me fixar num namorado muito tempo. No começo sinto uma atração incrível pelo novo parceiro, mas depois de algumas semanas o meu interesse desaparece. Será que sou ninfomaniaca? * Normalmente o que acontece é o seguinte: à*

primeira vista a mulher se liga ao parceiro devido à atração física; mas depois em geral descobre que ele não é bem aquele parceiro que procurava, pois ele não a gratifica como um todo. E assim ela sai numa busca desenfreada. A mulher precisa fazer, antes de tudo, é descobrir se não está buscando no parceiro apenas a satisfação de um determinado aspecto. A partir do momento em que ela se ligar no parceiro como um todo, o relacionamento terá muito mais possibilidades de ser duradouro.

1982 – Outubro

- **Nome da seção:** “Amor e sexo em questão”
- **Responsável:** não mencionam
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas, 5 perguntas
- **Propagandas:** Linhas de costura Gutermann, vestidos do Ceará por reembolso, facas de cozinha Tramontina.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Mantém-se a sugestão de diálogo para os casais, assim como as perguntas relacionadas à satisfação sexual. Sugere-se que a leitora procure um psicólogo. Respostas longas.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Tenho medo de transar com ele” – Cândida (AL) Estou vivendo um grande conflito, pois namoro um rapaz há um ano e meio e ele insiste em que devemos começar a ter relações sexuais. Gosto dele, mas tenho medo de perder minha virgindade e, depois, se ele não casar comigo, tenho medo que ninguém mais me queira. Como devo agir? * Parece que esta é uma questão muito atual e eu continuo a preocupar as mulheres. A sociedade ainda valoriza a mulher virgem, porém é ela quem deve decidir, considerando seus preconceitos, valores culturais e religiosos. Ela deve ponderar sua decisão, analisando os prós e contras, para tomar uma atitude bem consciente, sem posteriores crises de arrependimento.*
- *“Ele se acha culpado se não sinto orgasmo” – Maria Sílvia (SP) Tenho relações sexuais com meu noivo há dois anos. Sinto prazer, mas às vezes não consigo atingir o orgasmo. Não me importo com isso, mas ele sim. Fica “griladíssimo”, acha que a culpa é dele e se esforça para agradar-me. Detesto me sentir pressionada, mas não sei como agir. * Culturalmente, a mulher e o homem sempre foram obrigados a sentir*

orgasmo em todas as suas relações. Como hoje em dia existe uma grande preocupação em dar prazer ao parceiro, acaba surgindo a cobrança. O que pressiona a parceira e ela passa a se sentir frígida e insensível. As pessoas devem se relaxar para obter o orgasmo, mas não há obrigatoriedade em senti-lo sempre.

- *“Ele não consegue ter ereção e me evita.”- Ângela (AM) Estou desesperada: casei-me há apenas seis meses e, inexplicavelmente, meu marido não consegue mais ter ereção. Ele se nega a tocar no assunto e a solução que encontrou foi fugir de qualquer contato sexual comigo. O que fazer para salvar meu casamento? * A solução deve partir do casal e não só da mulher.(...) Ele deve enfrentar o problema de frente, sem medos.(...) A reação da mulher pode ter sido tão ruim quando ele falhou que isto o deixou mais angustiado ainda. O mais indicado é a suspensão temporária da relação propriamente dita, buscando outras formas de prazer. Assim ele se sentirá mais tranqüilo e acabará perdendo o medo de manter contatos sexuais com sua mulher.*

1985 – Fevereiro



Figura 36 – Seção “O Dr. Responde”

- **Nome da seção:** “O Dr. Responde”
- **Responsável:** Dra. Norma Pacheco (pela parte de Ginecologia)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas, 14 perguntas (sendo 4 de ginecologia)
- **Propagandas:** não há.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Mantém-se o processo de psicologização das respostas, bem com a presença de respostas técnicas e impessoais.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *Ando preocupada com meu namorado porque, ao invés do seu pênis ficar ereto com minhas carícias, ele tem diminuído. O que será? Como possa ajuda-lo? – Ludmila (RJ)*
- ** Ele pode estar tendo um problema psicológico. Há casos de traumas devido a um*

insucesso ou problemas de criação. A melhor maneira de ajuda-lo é aconselhando-o a procurar um psicólogo.

- *É possível saber se um homem é ou não virgem? Gostaria de identificar esse sinal no meu namorado. – Olga Maria (RS) * No homem não há sinal de virgindade. A mulher pode saber se é ou não a sua primeira relação sexual apenas pelo seu desembaraço durante o ato sexual.*

1985 – Julho



Figura 37 – Seção “O Dr. Responde”

- **Nome das seções:** “O Dr. Responde”, “Amor e sexo em questão”
- **Responsáveis:** Dra. Norma Pacheco (Ginecologista – “O Dr. Responde”), Dr. Ivan Rojas (Psicólogo- “Amor e sexo em questão”)
- **Número de páginas / número de perguntas:** “O Dr. Responde”: 2 páginas, 12 perguntas (sendo 3 de ginecologia); “Amor e sexo em questão”: meia página, 1 pergunta
- **Propagandas:** desodorantes e perfumes Reveillon da Niasi (Na seção “Amor e sexo...”)
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Em “O Dr. Responde”, as perguntas e respostas são mais técnicas, médicas, como: ter pelos no rosto, sobre ultra-sonografia, causas de aborto natural. Já em “Amor e sexo em questão” a pergunta é sobre relacionamentos, comportamento. A resposta é bem mais pessoal, o psicólogo escreve como se estivesse dialogando com a leitora.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Eu sinto medo de amar.” – Guta (ES) Tenho 24 anos, sou solteira e até hoje não consegui amar alguém. Já tive vários namorados, mas acabei rompendo. Sinto que não sou uma pessoa fria, pois tenho muitos amigos.(...) Dizem que é porque não encontrei a pessoa certa. Outra coisa: não consigo ficar excitada. Estou namorando, ele é maravilhoso e sei que me ama. Estamos pensando em casamento. Quero me casar com*

*ele, mas não sinto amor por ele. Minha mãe diz que eu vou aprender a amá-lo. Estou grilada. Será que sou normal? * A questão que você traz é muito comum Guta. Sua preocupação demonstra uma vontade de mudar a situação, o que é muito positivo.(...) Não conseguir se excitar sexualmente e não saber amar são dois aspectos do mesmo problema. (...) Será que aí dentro de você não existe um medo inconsciente de se entregar e de sofrer uma decepção? (...) Lembre-se que a pessoas que está ao seu lado deve merecer sua confiança, saber ouvir seus problemas. Seja sincera.*

1985 – Novembro

- **Nome das seções:** “O Dr. Responde”, “Amor e sexo em questão”
- **Responsáveis:** Dra. Norma Pacheco (Ginecologista – “O Dr. Responde”), Evelise M. Cuariglia (Psicóloga- “Amor e sexo em questão”)
- **Número de páginas / número de perguntas:** “O Dr. Responde”: 2 páginas, 12 perguntas (sendo 5 de ginecologia); “Amor e sexo em questão”: meia página, 1 pergunta
- **Propagandas:** pêndulo mágico, *Le visage* – escova para limpar a pele do rosto (Na seção “Amor e sexo...”)
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** O mesmo relatado na edição anterior.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *Gostaria de saber se é possível gravidez sem que haja penetração. – Roseli (SP) * Sim, desde que o pênis esteja próximo à entrada da vagina e que o esperma penetre nela. Podem existir, portanto, casos de gravidez em mulheres com hímen íntegro. (“O Dr. Responde”)*
 - *Tenho 16 anos, não sou mais virgem e minha família não sabe. Estou com corrimento fora do normal e pretendo ir a um ginecologista. É possível, só de olhar, constatar que não sou mais virgem? * Logicamente, é possível para uma pessoa com um certo conhecimento saber se o hímen é íntegro ou não. Quando a mulher não é virgem, a pele que reveste a entrada da vagina – o hímen, está rota. O que não ocorre quando a mulher ainda é virgem. (“O Dr. Responde”)*
 - *“Posso engravidar sem completar a relação sexual?” – Sandra (ES) Tenho 16 anos e namoro há um ano e meio. Nos amamos muito. Temos um certo relacionamento íntimo, embora sem o ato sexual completo. Existe o risco de gravidez? Ainda sou virgem. Não*

*tenho vontade de tomar pílula, pois sou muito nova e também porque em casa nunca permitiram. (...) Gostaríamos de uma explicação mais detalhada * [Fala primeiramente dos métodos contraceptivos existentes.] O importante é que você discuta e trabalhe esses medos com seu namorado, para que os dois possam ir crescendo juntos. Uma gravidez precoce pode ser vivida como uma punição, pelo fato de vocês terem sentido prazer. Ao mesmo tempo, fiquem atentos para que esse medo de gravidez não impeça vocês de entrarem em contato com o desejo. (...) Quando o desejo sexual reaparece na adolescência, vem acompanhado daquele mesmo medo de punição que ocorria na infância. (“Amor e sexo em questão”)*

1989 – Abril

- **Nome da seção:** “Dr. Responde”
- **Responsável:** Dra. Ceci Lopes Carvalho (pela parte de ginecologia)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas, 8 perguntas (1 sobre ginecologia)
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Pergunta e resposta impessoais e técnicas.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Pílulas causam danos à gravidez inesperada?” - Maria Cecília (SP) Se eu me esquecer de tomar a pílula uma vez ou outra e engravidar, o que ocorrerá com o feto?*
** Os hormônios contidos nos anticoncepcionais orais são muito semelhantes aos produzidos durante a gravidez e por isso não afetam o bebê. Claro que, caso grávida, não tem sentido continuar com os contraceptivos. O que exige cuidado são os medicamentos para “fazer menstruar”. Podem causar sérios danos às células do embrião, causando inclusive defeitos físicos.*

1989 – Agosto

- **Nome da seção:** “Dr. Responde”
- **Responsável:** Dra. Ceci Lopes Carvalho (pela parte de ginecologia)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 páginas, 7 perguntas (1 sobre ginecologia)

- **Propagandas:** sem publicidade
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Pergunta e resposta impessoais e técnicas.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Cisto de ovário: para combatê-lo é bom prevenir-se” – Ana Paula (MG) Como posso reconhecer e tratar adequadamente um cisto ovariano? * [A médica fornece à leitora uma resposta completa e técnica a respeito do cisto ovariano: o que é, sintomas, como tratar.]*

1989 – Dezembro

- **Nome da seção:** “Help”
- **Responsável:** não consta
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 páginas, 6 perguntas (nenhuma relacionada à sexualidade)
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidade:** Nesta edição não constam perguntas sobre sexualidade.

1997 – Janeiro

- **Nome da seção:** “Sexo”
- **Responsável²⁷:** Dr. José C. Richelmann (ginecologista)
- **Número de páginas / número de perguntas:** meia página, 2 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** as leitoras voltam a ser identificadas através de suas iniciais, constando também sua idade.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Pergunta e resposta impessoais e técnicas, de cunho informativo. Uso do termo “transar” como sinônimo de relação sexual.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Vestindo a camisinha.” – C.A.N. 14 anos (MG) Como a camisinha deve ser usada?[O médico fornece todas as informações a respeito do uso da camisinha: como abrir a embalagem, como coloca-la no pênis, validade...]*

²⁷ A partir deste momento, os nomes que constam como responsáveis, na verdade são consultores que a revista ouviu para a elaboração das respostas.

1997 – Maio



Figura 38 – Seção “Sexo”

- **Nome da seção:** “Sexo”
- **Responsável:** não consta
- **Número de páginas / número de perguntas:** meia página, 1 pergunta
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com o ator Marcelo Faustini.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Primeira vez que, nas edições consultadas, se deparou com uma questão a respeito da homossexualidade feminina.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *“Se descobrindo”- A.P. 13 anos (MG) Ano passado fiquei apaixonada por uma amiga, mas eu não tinha coragem de me declarar. Acho que sou lésbica. Comecei a ter crises de depressão e fiquei muito mal com minha mãe, com a escola, comigo mesma.* A descoberta dos próprios sentimentos e da sexualidade é sempre difícil. Às vezes a atração por uma amiga pode não significar que uma menina é homossexual, é apenas uma fase. Só com o tempo você poderá ter certeza. O mais importante é não se achar culpada pelo que você sente. (...) Aceitar o homossexualismo em você ou nos outros não é fácil. Mas não é vergonha nenhuma ser de um jeito ou de outro. (...) Você precisa ter tempo para pensar em outras coisas, estudar e se divertir. Se você sentir necessidade de ajuda, procure um psicólogo ou alguém que possa ajuda-la a se entender.*

1997 – Outubro

- **Nome da seção:** “Sexo”
- **Responsável:** Luís Bahamondez (ginecologista)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 página, 1 pergunta
- **Propagandas:** sem publicidade

- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com o cantor Jorge Bem Jor
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Tanto pergunta quanto resposta escritas de uma maneira mais descontraída, à vontade.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Ponto positivo para a camisinha” – A.B. 16 anos (PR) Sei que vocês não vão gostar disso, mas às vezes transo sem camisinha. Quando isso acontece, sinto que a penetração fica mais difícil. Por quê? * A maior parte dos preservativos são lubrificados, e isso é uma vantagem: faz com que a penetração do pênis seja mais fácil. Isso deixa a transa gostosa. Mas a vagina tem que ter também sua lubrificação natural, que acontece normalmente quando uma menina fica excitada. Cada mulher precisa de um determinado tempo para o corpo se preparar para a transa. É a hora dos beijos, de se sentir perto, de ouvir e dizer coisas carinhosas, de fazer carícias... É preciso aprender a dar tempo para tudo isso e pedir calma para seu namorado. Sabe de mais uma coisa? Como a camisinha deixa você livre de se preocupar com a gravidez e com a Aids, de repente a tranquilidade pode ajudar também.*

1999 – Agosto

- **Nome das seções:** “Sem dúvida – sexo”, “Sem dúvida”, “Conversa sem vergonha” (uma matéria especial com Babi respondendo perguntas das leitoras sobre sexo)
- **Responsáveis:** Maria Inês Gasperini, Shirlei Duarte Miranda e Jorge Andalaft Neto (ginecologistas – seção “Sem dúvida – sexo”)
- **Número de páginas / número de perguntas:** “Sem dúvida – sexo”: 1 página, 3 perguntas; “Sem dúvida”: 1 página, 1 pergunta; “Conversa sem vergonha”: 4 páginas, 9 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com a atriz Juliana Silveira (na seção “Sem dúvida – sexo”). Na matéria especial “Conversa sem vergonha”, alguns e algumas leitoras são identificados pelo nome completo, outras pelas iniciais, tendo em alguns casos a presença de fotos.

- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Perguntas com ênfase no transar: vontade, medo, qual a hora certa, primeira transa, virgindade.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Vibração segura” – A.L. 14 anos (RS) Posso perder a virgindade se eu me masturbar com um vibrador? * Sim, mas só se o vibrador for introduzido dentro da vagina. Mesmo assim nem sempre a menina perde a virgindade, porque ela pode ter o hímen elástico ou o aparelho pode ser pequeno. (“Sem dúvida – sexo”)*
- *“Duas em uma” – Marco Antônio Bogado 17 anos (RJ) Fiquei com uma menina bissexual que me falou que há muitas garotas com tendência ao bissexualismo. É verdade? * Nessa fase da adolescência isso é muito normal. É a fase de descoberta. E a orientação sexual é uma coisa que se define com o tempo. Com as meninas o que acontece é que elas têm uma liberdade muito maior do que a dos meninos em fazer carinho na amiga. (...) É normal você achar que está apaixonada por uma amiga. Rola mesmo, mas depois você vai descobrir que era uma admiração, que era porque você achava a sua amiga muito linda. Pode até dar vontade de dar um beijo na amiga, mas se você vai dar é uma decisão sua, que tem que levar em conta como você vai ficar depois. Lembro desse tipo de confusão acontecendo comigo. Fui cismada com uma amiga. Hoje rimos daquele tempo.” (“Conversa sem vergonha”)*
- *“Sem lamentações” – Marina Teófilo de Souza 15 anos (SP) Namorei dois anos e meio, dos 12 aos 15 anos, e só não transei com o menino porque a gente ficava sempre naquele vai-e-volta. Como as pessoas encaram isso? * Minha opinião é que o momento certo é quando se atinge um relacionamento estável, com um menino que você sabe que não vai abrir tudo para a turma, em quem você confie. E não com aquele cara lindo e experiente. (...) Quanto mais romântico for o menino e a situação, melhor. Afinal, sexo acontece de qualquer forma, mas a primeira vez é a primeira vez. (...) O que não dá é para depois se lamentar. “Caramba, terminou meu namoro e minha virgindade foi embora.” (“Conversa sem vergonha”)*
- *“Ainda bem” – Bruna de Paula Alves 17 anos (RJ) Eu ficava com um garoto que tinha uma namorada. Uma vez tentamos transar, mas ele não conseguiu. Disse que se sentiu culpado. Por que isso aconteceu? * Que bom que ele não conseguiu. E se ele se apaixonou, como fica? A fidelidade é importante para mim. Para mim, você estar com o*

outro é um compromisso de ter uma história juntos. Mas tem pessoas que dissociam amor de sexo. Já eu acho que quando rola amor e sexo junto é tudo. Quando eu era garota, aconteceu de ficar com outro menino enquanto namorava. Mas era só beijo, não incluía sexo. Aliás, se eu achar que é muito sério dar um beijo não vou poder fazer uma novela. (“Conversa sem vergonha”)

- *“Quem muito quer...” – A.P.A. 13 anos (RJ) Eu passo um tempo gostando de um garoto e lutando para conquista-lo. Quando consigo ficar com ele, toda a minha paixão acaba. Por que será que isso acontece? É normal? * Queria A., você não é a primeira e nem será a última menina a passar por isso. Não há uma explicação única para esse desinteresse que nos acomete subitamente quando damos a conquista por encerrada. Mas, na maioria dos casos, ela acontece quando não se trata de paixão verdadeira. Quando surgir um amor verdadeiro, pode apostar que tudo vai ficar melhor depois da conquista. (“Sem dúvida”)*

1999 – Outubro

- **Nome das seções:** “Sem dúvida – sexo” e “Sem dúvida”
- **Responsáveis:** Gerson Lopes (educador sexual – uma pergunta da seção “Sem dúvida – sexo”)
- **Número de páginas / número de perguntas:** “Sem dúvida – sexo”: 1 página, 3 perguntas; “Sem dúvida”: 2 páginas, 3 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com o apresentador Luciano Huck (na seção “Sem dúvida – sexo”). Presença da palavra “tesão”.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Aparece, pela primeira vez, uma pergunta sobre namoro via internet. As respostas continuam sendo como um bate papo com a leitora. Perguntas que envolvam o “ficar” também estão presentes.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Namoro virtual” – I.L. 15 anos (SP) Preciso de ajuda. Conversava com um menino pela internet e começamos a namorar virtualmente, mas passei a achar isso estranho e fiquei um tempo sem contato. Agora, ele sumiu e estou sentindo a maior falta! Isso é*

*normal? * Não tem nada demais em começar um namoro virtual. Às vezes é mesmo estranho, mas e daí? O que você precisa ter em mente é que nem todo mundo – ou quase ninguém – fala só a verdade. Por isso, cuidado ao ir passando endereço, telefone, dados pessoais logo de cara. (“Sem dúvida”)*

- *“Medo de quê?” – M.G.L. 14 anos (DF) Gosto muito de um menino com quem já fiquei e ele também parece interessado em mim. Só que temos um problema: somos muito tímidos e não conseguimos chegar um no outro. O que devo fazer? * Se você está afim, respire fundo e invente um jeito de chegar nele. Afinal, se ele também é tímido, não dá para ficar esperando ele se manifestar. Uma boa tática é pedir para uma amiga ou amigo perguntar se ele quer ficar com você de novo. Assim, você facilita os próximos passos dele. (“Sem dúvida”)*
- *“Medo de perder” - A.C. 18 anos (SP) Gosto de um menino que quer transar comigo. Será que eu devo aceitar só para ele não desistir de mim? * Transar para não perder um menino é uma grande bobagem. (...) Um namoro envolve outras coisas além de sexo, entre elas o respeito pela vontade do outro. (“Sem dúvida – sexo”)*
- *“Escala de prazer” – I.R.A. 15 anos (SP) Sinto muito tesão, mas só nas preliminares. Na hora da transa, o tesão desaparece. O que devo fazer? * Vamos com calma. O que você está chamando de tesão? Para entender um pouco melhor o que você está sentindo, o educador sexual Gerson Lopes propõe uma “escala de prazer.” É que existe tesão, prazer e orgasmo e é muito comum confundir tudo. (...) Mas se algo está cortando a vontade de continuar é importante refletir se você está realmente preparada para transar. (...) Quem está preocupada ou ansiosa tem dificuldade de relaxar e ter prazer.. (“Sem dúvida – sexo”)*

1999 – Dezembro

- **Nome da seção:** “Sua vida – sexo”
- **Responsável:** não consta
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 página, 2 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** As perguntas dividem a página com o teste “Qual a sua intimidade com o prazer?”

- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Pergunta sobre orgasmo e DST.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Muito prazer” – M.C. 14 anos Gostaria de saber mais sobre o orgasmo feminino. É como o orgasmo masculino, que sai do corpo da pessoa? O que a garota sente? * O orgasmo feminino é muito mais sutil que o masculino. A menina não tem uma “prova concreta” como os meninos, que ejaculam quando têm um orgasmo. (...) As sensações do orgasmo variam de menina para menina. Você pode atingi-lo quando se masturba ou transa. (...) Não é comum que a menina alcance o orgasmo na primeira transa. (...) Ter intimidade e conhecer bem seu corpo são itens fundamentais para você descobrir o prazer aos poucos.*

2000 – 27 de outubro



Figura 39 – Seções “Sexo” e “Help”

Nome das seções: “Sexo” e “Help”

- **Responsáveis:** Nelson Vitiello, João Carlos Montese (ginecologistas), Maria Inês Pagano (ginecologista e orientadora sexual), Maria Helena Gherpelli (terapeuta sexual), Anette Lewin (psicóloga)
- **Número de páginas / número de perguntas:** “Sexo”: 1 página, 3 perguntas; “Help”: 1 página, 3 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com o ator Reinaldo Gianecchini (“Sexo”)
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Sobre orgasmo, namoro virtual, namoro, alcoolismo, pílula.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
- *“Muito prazer”- M.O. 17 anos (MG) Todo mundo fala em orgasmo, em clímax, mas ninguém nunca me explicou direito o que é isso. Como eu sei que cheguei lá? * O*

orgasmo é um conjunto de sensações físicas e emocionais muito intensas que marcam o ponto alto da transa ou da masturbação. Apesar de cada pessoa sentir de um jeito, em geral durante o orgasmo o seu coração acelera, você pode sentir uma sensação de pisca-pisca na vulva e contrações na barriga. No final, seu corpo relaxa e vem uma sensação de bem estar. (...) O orgasmo tem a ver com experiência: quanto mais você conhecer o seu corpo e tiver intimidade com o seu parceiro, mais fácil atingi-lo. (“Sexo”)

- *“Esfriou” – C.A. 17anos Namorei escondido dois anos e há pouco tempo contei para os meus pais. Desde então meu namorado foi se distanciando. * É difícil saber o que se passa na cabeça do seu namorado. Só mesmo perguntando para saber. Mas, se ajudar, reflita sobre um palpite: talvez ele não esteja gostando do papel de namorado assumido. Pode ser – é só uma hipótese – que ele tenha gostado mais do ambiente de segredos em que vocês viviam antes. (...) Você deve conversar com seu namorado para saber o que ele pensa. Além disso, retome a antiga rotina do namoro: fiquem menos em casa e saiam mais. (“Help”)*

2001 – 8 de abril

- **Nome da seção:** “Sexo atitude relações”
- **Responsáveis:** Nelson Vitiello, João Carlos Montese (ginecologistas), Maria Inês Pagano (ginecologista e orientadora sexual), Maria Helena Gherpelli (terapeuta sexual), Anette Lewin (psicóloga)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 2 página, 5 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** Presença da campanha “Camisinha, tem que usar”, com o ator Erik Marmo. Junto a esta seção, encontra-se uma pequena reportagem sobre preconceito à homossexualidade feminina e uma lista de atitudes para a leitora ver em quantas delas ela identifica seus pais, está relacionado com a educação que os pais dão aos filhos.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Gravidez, sexo anal, teste de gravidez, relacionamento com os pais.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**

- *“Estou grávida” – R. (por e-mail) Tenho um problemão... Estou grávida e não sei como contar para os meus pais. Eles nem sabem que não sou virgem! Será que conto primeiro para a minha mãe? Meu namorado deve estar junto? * A conversa é difícil, mas inadiável. A melhor solução é aquela em que se sentir mais segura e tranqüila. Você tem que fazer uma análise de como é seu relacionamento com sua mãe e com seu pai antes de decidir por onde começar. (...) A maioria dos pais, passado o susto inicial, tende apoiar a filha. Se o namorado é chegado à família, sua presença na hora da conversa é uma indicação de que ele está ao seu lado. Pode, no entanto, complicar ainda mais as coisas, dando chance para um bate-boca desgastante. Na dificuldade de avaliar procure o conselho de sua tia, madrinha ou irmã mais velha. (...) Como o fato está consumado, quanto antes você se livrar do peso do segredo, mais cedo se ocupará da gravidez, do bebê, do acompanhamento médico e da sua nova situação de vida.*
- *“Papo-cueca” – S.R. 15 anos (RO) Tenho vontade de transar com meu namorado, mas não gosto como ele se refere as ex dele. Uma, ele chama de vagabunda. Outro dia contou uma história da outra e falou que tinha comido a menina. Devo deixa-lo? * Se o jeito dele está despertando em você o medo de não ser respeitada, o incomodo é importante demais para ser deixado de lado. Um garoto que age desta maneira é, no mínimo, imaturo. (...) Se ele quer ficar com você e com meninas legais, precisa rapidamente se situar! Relacionamentos amorosos e sexuais devem ser tratados com mais delicadeza. E o que acontece entre um menino e uma menina é assunto confidencial. Sem sentir firmeza nas atitudes dele, você tem sim, uma boa razão para não transar.*
- *“Implicância de mãe” – F.B. 16 anos (SP) Minha mãe não quer que eu ande mais com minha melhor amiga, porque diz que ela está mal falada na rua. O que dá para eu fazer? * Por trás da implicância das mães está o medo de a filha ser influenciada pelo comportamento da sua amiga. (...) Para negociar é bom ter claro o que, na menina, incomoda tanto a sua mãe (e os vizinhos). (...) Converse com a sua mãe, aproveite um dia em que ela esteja calma, dê seus argumentos, mas sem ser agressiva. Talvez ela não mude de opinião, mas pelo menos vai ser uma oportunidade de vocês conversarem sobre sua forma de pensar e de ver o mundo. E de fazê-la confiar mais em você.*

2003 – 26 de janeiro



Figura 40 – Seção “Assunto de amiga”

- **Nome da seção:** “Assunto de amiga”
- **Responsáveis:** Giovana Gonzáles (assina a seção)
- **Número de páginas / número de perguntas:** 1 página, 4 perguntas
- **Propagandas:** sem publicidade
- **Particularidades:** O nome das leitoras está embutido na pergunta. A seção volta a ter uma responsável que responde às cartas.
- **Conteúdo das perguntas * respostas:** Sentir-se usada pelo menino, morte, rivalidade com amigas. Respostas descontraídas e com uma pitada de humor.
- **Exemplos de perguntas * respostas:**
 - *“Lavou, tá novo” – A sensação acompanha Verônica, 19 anos, desde que ela foi dispensada pelo namorado, dois anos atrás: “Sempre que fico com um garoto, me sinto usada. Rola um tempo, mas depois os caras somem.” Ela está achando que o problema é com ela. Será? * Como não se sentir usada: você logo vai perceber que o problema não é com você; uma ficada é uma troca de favores. No fundo, você também usa o rapaz; lembre-se que você é uma garota romântica a fim de namorar. E eles podem ser garotos nada românticos a fim de cair na gandaia; Desencane. Afinal, lavou, tá novo.*
 - *“Rindo à toa”- Teté, 14 anos, quer saber: “Tem um garoto da minha rua que está dando em cima de mim. O que eu faço para conquista-lo sem que o resto da turma ria de mim? Será que devo inventar alguma mentira? * Ao que parece você não precisa fazer nada. Afinal, ele está dando em cima de você, não é?! Deixe rolar e apague da mente esse terrível pensamento de “o que os outros vão pensar.” Deixe o resto da turma ficar rindo à vontade. Rindo sozinhos e encalhados!*

6.4. Curiosidades imprescindíveis

Como pôde ser visto no item de caracterização das edições consultadas, em diversos momentos, especialmente após o final da década de 80, estiveram presentes matérias onde quem tinha voz eram os meninos, falando das e para as meninas. Com o intuito de poderem contribuir para a reflexão acerca das possíveis transformações no que tange as relações de gênero, serão aqui apresentadas algumas destas matérias.

1985 – Novembro

Matéria “Debate: Você conversa sobre sexo” – uma conversa com meninos e meninas, mediada pela psicóloga Sônia Knopf.

- *Edu (17 anos): Tem aquela menina que passa três meses e não acontece nada, e tem aquela que na primeira noite já acontece tudo. O limite vai até onde ela deixar que vá. Se saio com uma menina que acontece um monte de coisas na primeira noite, fico achando que foi fácil, sei lá, perco um pouco o interesse.*
- *Felipe (18 anos): Sair com uma garota que transa com você no primeiro dia não é muito bem visto mesmo.*
- *Sônia (psicóloga): Mas por que só a menina não pode, e o menino pode?*
- *Edu: É a sociedade que impõe. O homem que sai com muitas meninas é garanhão. A menina é galinha. Para mim a menina tem que ter classe, por mais que goste do cara tem que se preservar. Ser conquistada. Eu gosto mais assim.*
- *Ana (17 anos): Pode parecer careta, mas eu não gosto nem um pouco desse tipo de garota que sai com um carinho numa noite, transa e depois tchau!*
- *Sônia (psicóloga): Pela conversa de hoje, dá para tirarmos algumas conclusões. (...) Vejam que interessante: no relacionamento, numa primeira abordagem, a menina mais atraente é sempre a mais aberta, extrovertida, e o homem é o reservado, misterioso. A seguir, invertem-se as situações. A garota tem que se fazer de difícil, e o rapaz tem que atacar. E acaba sendo dela o papel de impor limites.*

1989 – Agosto

Seção: “Opinião do gato.”

Matéria: “Eles revelam o que acham anti-sexy nelas. Confira.

- *Acho terrível a mulher que fala comendo, que come de boca aberta e que, além do mais, não sabe segurar os talheres direito” (Bruno, 30 anos, guitarrista do Kid Abelha)*
- *Falar alto, gargalhar, sentar de pernas abertas – tudo isso é sinônimo de vulgaridade para o estudante de engenharia Romeu, 19 anos.*
- *Se pequenos detalhes não escapam aos comentários dos gatos, imagine coisas como higiene, mau hálito, unhas maltratadas... Eles simplesmente têm horror a tudo isso, como já era de se esperar.*
- *O modelo João, 23 anos, acha mais do que anti-sexy a menina que dá em cima demais, enquanto o vocalista do conjunto Picassos Falsos, Humberto, 24 anos, abomina burrice.*

1999 – Dezembro

Seção: “Sua vida”

Neste caso, não somente os meninos opinam, mas as meninas também. É uma pequena matéria, relacionada com outra presente na edição anterior. Os adolescentes respondem a seguinte pergunta: As meninas têm responsabilidade quando os meninos transam e desaparecem?

- *A maior parte das meninas hoje me dia não se respeita. Como elas podem esperar que um cara as respeite? A menina que aceita transar com quem não tem relacionamento sólido é a maior responsável pela atitude que ele pode tomar depois. – Entico, 18 anos*
- *As meninas têm responsabilidade, pois ninguém faz sexo sozinho. Se os meninos são assim é porque nós, meninas, cedemos. Às vezes, bem fácil e rápido. – Priscilla, 17 anos*
- *Eu acho que as meninas têm responsabilidade. Eu acho que nós, mulheres, podemos mudar isso. Basta não transar. – Débora, 14 anos*

2000 – Outubro



Figura 41 – Ilustração da matéria “Vocês perguntaram ... e eles responderam”

Seção: “Vida real”

Matéria: “Vocês perguntaram ... e eles responderam” - debate entre oito meninos de 17 a 20 anos, ilustrada com meninos segurando microfones.

- O que você acha de uma menina que toma a iniciativa?
 - *“o menino deve conduzir a transa.” “Não acho normal ela assumir o comando, o homem tem que conduzir, é cultural.” “O homem nasceu para conquistar e a mulher para ser conquistada” “Não gosto de mulher que assume, que fica muito oferecida” “Não concordo, não tem nada de oferecida, ou sem valor nisso”.*
- O que você não suporta na hora da transa?
 - *“olhar para a cintura e ver umas gordurinhas”, “celulite e gordurinhas não!”*
“Não suporto quando a garota não se depila ou usa calcinha furada.”
- O que vocês acham das garotas que transam na primeira ficada?
 - *“Essas aí não se dão o mínimo valor, acho que estão querendo me usar. É meio machista falar isso, mas se eu saio e logo de cara ela quiser ir para a cama, fico com péssima impressão.” “Você pode até não dar valor para a menina, mas acaba indo. E pior, se for bom, vai querer namorar e depois casar com ela.” “Mas se na cama ela for boa, não tem problema.” “Se eu descobrir que fui mais um, aí eu descarto mesmo, ela não presta.”*

2001 – Abril



Figura 42 – Matéria “De uma noite só”

Seção: “Eles por eles”

Matéria: “De uma noite só – o que os garotos acham de uma menina que transa logo no primeiro encontro.” (ilustrada por quatro meninos com as mãos na boca, fazendo gesto de quem está vaiando.)

- *Na hora é uma beleza, mas não dá para ter um relacionamento com uma garota que transa com um cara que acabou de conhecer. Uma menina que faz isso deve ter consciência de que vai ficar malfalada. Eu não gostaria de ter uma namorada assim. – Enzo, 16 anos*
- *Não dá para discriminar uma menina só porque ela transa de primeira. Eu até poderia começar a gostar dela e rolar um namoro. É, poderia, mas acho difícil... Pensando bem, acho que carregaria essa história para o resto da relação. Acho que não confiaria muito nela, não. – Filipe, 19 anos*
- *Só uma garota vulgar transaria no primeiro encontro. Para mim, vira uma mulher-objeto, sem valores morais. Vale por uma noite só. Eu fico inseguro de namorar uma garota assim, mas ela pode virar uma amiga para outros momentos de prazer. – Emmanuel, 21 anos.*

2003 – Janeiro

Seção: “Vida real”

Matéria “Elas chegam junto” – sobre meninas que tomam a iniciativa nos relacionamentos.

- *Opinião dos meninos (entre 16 e 21 anos): “Homem não gosta de mulher muito fácil, não. Homem gosta de ir atrás, tentar, sofrer.” “Os homens não estão acostumados com isso.” “Uma menina fácil, daquelas que dizem ‘me beija’, não tem graça.” “Não é que*

o homem seja machista, mas ele quer que a mulher continue com o valor dela. Quer que a mulher seja mais reservada.” “Se desde o começo foi assim, por que é que vai mudar?” “E mudar para pior... Não dá para namorar uma menina assim, que xaveca.”

- *Opinião das meninas (entre 15 e 20 anos): “Algumas meninas confundem atitude com vulgaridade.” “As meninas estão atiradas, agarram mesmo. Muito vulgar. Não tenho nada contra chegar e conversar, mas costumo ser mais difícil.” “Não sou contra quem corre atrás do que quer. O problema é que às vezes há um excesso de vulgaridade. Agora, tem cara que gosta de menina vulgar.”*

Interessante destacar que a página que traz as opiniões dos meninos é ilustrada pela foto deles sentados no sofá e tapete, sendo que foram cinco os meninos entrevistados. Já na parte das meninas, a ilustração é uma foto no banheiro com elas sentadas dentro de uma banheira. A opinião das meninas foi um complemento à matéria, tendo sido apresentado o depoimento de três meninas.

8. DISCUSSÃO

Uma vez que esta pesquisa se propõe investigar as concepções de adolescência, sexualidade e gênero veiculadas pela revista *Capricho* nas últimas cinco décadas, os resultados apresentados no capítulo anterior serão aqui discutidos em diferentes momentos. Primeiramente serão abordados alguns aspectos, tendo como ponto de partida o fato de a revista em questão fazer parte do universo da imprensa feminina e, mais especificamente, a direcionada a adolescentes, exaltando certas particularidades deste tipo de mídia. Na seqüência, acontecerá a discussão sobre as concepções de adolescência, seguida pelas discussões relativas à sexualidade e às questões de gênero.

Como é sabido, o foco deste trabalho é o conteúdo presente nas perguntas sobre sexualidade enviadas pelas leitoras à revista e suas respectivas respostas. Entretanto, lançou-se mão de algumas matérias presentes nas edições consultadas, por se acreditar que elas trazem importantes contribuições ao que aqui se propõe, principalmente no que tange à reflexão acerca da construção das imagens das mulheres e suas sexualidades, nas últimas cinco décadas.

8.1. Revista *Capricho*: um exemplar da imprensa feminina

Nesta pesquisa, compartilha-se a visão de mídia como um instrumento de mediação que, ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição do sujeito, é constituída por este mesmo sujeito inserido em determinado contexto social. Dessa forma, as produções midiáticas, sendo compreendidas como práticas sociais construídas por um certo grupo, carregam repertórios que retratam sentidos presentes no cotidiano, provocando inúmeras reflexões e discussões. O “produto midiático não se localiza nem se esgota no momento de produção, mas na interação entre *leitor* (categoria que inclui também o pesquisador) e *produto*”. (Medrado, 1999, p.245). É tendo este olhar como pano de fundo que se dará esta discussão.

O trabalho de Buitoni (1981) a respeito da imprensa feminina reúne uma série de características conferidas a esta mídia, que puderam ser encontradas na revista *Capricho*. Como se sabe, esta revista existe desde o início dos anos 50. Cinco décadas se passaram, contudo muitas de suas características se mantiveram ao longo deste tempo.

O tom sentimental emprestado à imprensa feminina é claramente verificável na revista aqui analisada, principalmente na seção de cartas das leitoras. A função psicoterápica citada por Buitoni (1981) fica evidente nesta seção, através do conteúdo presente nas respostas veiculadas pela revista, bem como em alguns artigos de cunho psicológico e nas fotonovelas. A maneira coloquial como a revista se dirige às leitoras evidencia este tom sentimental e, mais do que isso, estabelece uma relação de intimidade, de amizade. Para ilustrar é possível citar o seguinte exemplo, onde quem responde é Marga Mason, no ano de 1960:

*Loura dos olhos verdes: ama e é amada pelo marido, mas ele não quer que ela visite a mãe. Se teimar ele se separa dela. * “Pois não teime, minha querida! Não insista! Conserve a felicidade em seu lar, pelo que você me diz seu marido tem sérios motivos para fazer isso. Seja compreensiva e não toque mais nesse assunto com ele. Quando quiser desabafar, escreva-me.”*

Este exemplo demonstra também o tom impositivo utilizado pela revista ao se remeter às suas leitoras, sendo o imperativo usado com frequência. “Tudo vira receita de como se deve fazer para ser o modelo de mulher apresentado.”(ibid., p.127). Esta maneira de falar não dá chances de defesa, é como uma conversa despreziosa entre amigas. No caso da Capricho isso é ainda mais forte, uma vez que seu público alvo são adolescentes. A revista faz as vezes de uma amiga mais velha, experiente, com os conselhos certos na ponta da língua. Mais do que desarmar a destinatária, este tipo de discurso não abre possibilidade de reflexão, “impondo” à leitora a maneira correta e esperada de proceder.

Nesse ponto é importante ressaltar que este trabalho parte do pressuposto de que as interpretações feitas pelas leitoras, do conteúdo presente nas revistas, não são um processo mecânico (Miranda-Ribeiro & Moore 2003). Ou seja, as leitoras não são passivas, meras espectadoras apenas absorvendo as mensagens enviadas (Ozella, 2002). Trabalha-se, então, com uma visão das leitoras adolescentes como autoras, que estabelecem uma relação ativa com a cultura, “(...)marcada por movimentos de aceitação, oposição, confronto, indiferença.” (Zanella, 2003a, p.11). Tal fato é corroborado por Miranda-Ribeiro & Moore (2003) ao informarem que em uma pesquisa desenvolvida por E. Frazer com leitoras da revista estadunidense *Jackie*, destinada às adolescentes, encontrou-se que as meninas não aceitam as mensagens da revista sem negociação.

Mira (2003) afirma que a origem da íntima relação que as mulheres possuem com as revistas femininas deve ser buscada no lar, principalmente quando se pensa nas mulheres das décadas passadas ou nas donas de casa. É possível encontrar eco nas revistas quando se verifica, em especial nos exemplares da *Capricho* entre a década de 50 e meados de 70, a quantidade de propagandas de eletrodomésticos e demais utensílios para o lar. O público a ser atingido por esta revista nesta época era composto por mulheres jovens, em busca de um casamento, noivas ou casadas, que tinham como objetivo constituir um lar com o que pudesse existir de mais moderno e pudesse ajudá-las a serem ótimas donas de casa e mães. Cabe ressaltar também a grande presença de propagandas de produtos destinados a bebês: talco, fralda, pomadas. A veiculação destes tipos de propaganda indica o papel social das mulheres nesta época: ser esposa e mãe. Papéis estes que, segundo Bozon (2004) seriam o cerne da sexualidade normal das mulheres, apregoados pela primeira sexologia no século XIX.

Buitoni (1981) levanta que a imprensa feminina caracteriza-se por ser, na grande maioria das vezes, atemporal e por apresentar uma “pauta perene”. Estas características ficaram claras ao se examinar as edições da *Capricho*. Os assuntos são os mesmo de acordo com a época do ano: a moda para cada estação, a volta às aulas, o carnaval, o dia dos namorados etc., o que ganha destaque são as novidades do momento, em detrimento da atualidade, da informação. O formar (no sentido de constituir) prevalece sobre o informar. Esta colaboração da revista na manutenção de padrões, de relações tradicionais de gênero, também pôde ser verificado nas edições examinadas, basta voltar às respostas fornecidas pela revista às suas leitoras. E se engana quem pensa que encontrará este discurso de manutenção de papéis tradicionais apenas nas edições das décadas de 50 ou 60. As opiniões dos meninos a respeito do comportamento das meninas, presentes em revistas do século XX e XXI, apresentam este mesmo discurso, apenas sob outra roupagem ou, parafraseando Buitoni (1989), com um verniz de moderno, ousado.²⁸ Discurso este classificado por Afonso (2001) como hierárquico e tradicional, no qual é sustentada a divisão desigual entre homens e mulheres, bem como a normatização da sexualidade dos jovens, visando a construção de um modelo de família tradicional e hierarquizado.

²⁸ Este assunto será retomado e ilustrado quando acontecerem as discussões sobre sexualidade e gênero.

OÉ claro que também não se pode esquecer do importante papel desempenhado pela mídia no Brasil no que diz respeito à abordagem do tema “sexo”, especialmente no século XX. (Parker, 1991). Falar e informar sobre sexualidade torna-se fundamental em um momento histórico no qual a AIDS apresenta números preocupantes, conforme dados apresentados na introdução. Nesse momento é necessário destacar o papel desempenhado pela Capricho. Esta revista, nas diferentes épocas, transmitiu e transmite importantes informações às adolescentes sobre questões relativas à sexualidade, sendo uma fonte de referência para estas jovens.

8.2. Construção da adolescência

A adolescência construída historicamente, devendo ser compreendida inserida no processo histórico de sua constituição é um dos pilares no qual esta pesquisa se baseia. Buscou-se, através do exame de edições da revista Capricho, visualizar a construção das adolescências, as concepções perpetuadas por esta revista sobre esse tema. Pode-se afirmar que o contato com revistas pertencentes a diferentes décadas permitiu esta visualização

A primeira menção feita à adolescência nos números da Capricho consultados foi em 17 de fevereiro de 1982 em uma pequena matéria intitulada “A adolescência é uma idade chata e perigosa. Mesmo!”, onde é exibida uma imagem da adolescência como um período crítico, conflituoso e problemático. Serão reproduzidos a imagem e alguns trechos desta matéria a fim de que o leitor possa visualizar o que está sendo dito.



Figura 43 – Ilustração da matéria sobre adolescência

“Todo mundo muda com o tempo, mas os especialistas descobriram que, dependendo da idade, as pessoas são mais ou menos sensíveis a coisas como a dor e a fossa. E as pesquisas revelaram fatos surpreendentes como este: os adolescentes se entediam muito mais do que os adultos. São também os jovens entre quinze e vinte e quatro anos os que correm mais risco de sofrer acidentes. (...) Ao contrário

do que se pensa, em matéria de grilos, os adolescentes ganham disparado. É o que dizem os pesquisadores da Universidade de Bonn (Alemanha). Em compensação, só vamos passar por outra idade difícil muito mais tarde. As mulheres têm grandes conflitos emocionais novamente por volta dos cinqüenta anos. E os homens, aos sessenta.”

Esta visão da adolescência está em consonância com a “síndrome normal da adolescência” defendida por Aberastury e Knobel, identificando a adolescência como o momento mais difícil da vida do homem, onde “o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas.” (Aberastury & Knobel, 1981, p. 9), sendo esta crise inerente ao sujeito.

Esta imagem da adolescência como um período perigoso e frágil da vida, trazida pela modernidade, incentiva a vigilância e justifica a intervenção constante de instituições na vida dos adolescentes. As ciências modernas, inclusive a Psicologia, atêm suas forças na objetivação e naturalização das faixas etárias (Groppo, 2000). A revista *Capricho* adota essa visão e entra como parceira nessa empreitada. Entendendo a juventude como um momento de preparação do jovem para a vida adulta, a revista lança mão de diferentes artifícios, em diferentes momentos, objetivando a maturação das adolescentes tornando-as aptas para integrarem a sociedade adulta. A própria seção de cartas das leitoras é um exemplo, prescrevendo comportamentos adequados para uma jovem, seja visando o um bom casamento, nas décadas de 50 e 60, seja ensinando-as a buscarem prazer em suas relações amorosas e a se protegerem das DSTs e da AIDS (anos 70 a 2000).

A este respeito, vale destacar a presença marcante, a partir da década de 80, de manuais de educação sexual, dotados de um caráter essencialmente científico, biologicista e pedagógico. Este ponto será retomado no item dedicado à discussão sobre sexualidade.

Mas então, se a primeira menção à adolescência aconteceu em 1982, como a revista abordava esta questão antes deste ano? Como aconteceu e como vem acontecendo a construção deste conceito pela *Capricho*?

Groppo (2000) discorre acerca da importância da categoria social juventude para a compreensão da sociedade moderna. Indo além, é possível acrescentar que conhecer a trajetória das concepções de adolescência e juventude leva à uma discussão sobre os

caminhos percorridos pela história como um todo, os paradigmas que dominaram cada época, os saberes tidos como verdadeiros. Devido ao fato de a adolescência ser um fenômeno construído socialmente e que, concomitantemente, constrói também esse social, conhecê-la é estar dentro da história. Isso foi corroborado na prática. A discussão sobre os lugares e não lugares da adolescência na revista *Capricho*, proporciona uma viagem no tempo, esboçando peculiaridades de cada um dos momentos abarcados nas edições destas últimas cinco décadas.

O histórico desta revista, apresentado no capítulo do método, revela muito da relação entre *Capricho* e adolescência. Todas as reformulações editoriais sofridas pela revista nos anos de 1982, 1985, 1989, 1997, 1999, implicam na mudança da faixa etária do público alvo da revista. Com exceção das mudanças no ano de 1999, nos demais a idade das adolescentes a quem a revista se destinava diminuía a cada reformulação.

Talvez antes de nos aprofundarmos nesta discussão seja interessante, até mesmo por uma questão cronológica, considerar o lugar da adolescência na revista nos anos antecedentes a essas mudanças. Como dito anteriormente, o termo adolescência não esteve presente antes da década de 80 na amostra de edições analisadas. Nos anos 50 e início dos anos 60, a revista parecia destinar-se a jovens em idade de casar ou casadas, mães ou futuras mães e, especialmente, donas de casa. Apesar das seções de cartas das leitoras desta época não apresentarem a idade das remetentes, pode-se imaginar que elas devessem ter 18 anos a mais, sendo difícil precisar a idade máxima, mas certamente atingia mulheres adultas, em torno de 40 anos. Pode-se chegar a esta constatação tanto através de algumas perguntas, onde as leitoras declaram o tempo em que estão casadas, como também devido às propagandas veiculadas pela revista. Um exemplo é a propaganda de *Modes*, destinada a mães de meninas-moças, presente na *Capricho* de 1956, que traz o seguinte enunciado: “*A Sra. deve contar à sua filha ... Antes que ela ouça lá fora, entre cochichos e murmúrios, procure ajudá-la a compreender “certas coisas” sobre a natureza íntima da mulher*”. Junto ao pacote de *Modes* vinha o livrinho *Ser quase mulher ... e ser feliz*, “*em linguagem simples, porém discreta, tudo quanto uma menina-moça necessita saber sobre menstruação.*” Outras propagandas também tratam as leitoras por “senhora”. Nem mesmo a palavra “jovem” aparece, salvo poucas exceções, os termos utilizados com maior

freqüência são: mulher, amiga, amiguinha, querida. Vale destacar também que nas capas das revistas de 1954 à 1963 encontrava-se o slogan “A revista da mulher moderna.”

Em 1953, foi exibida a seguinte matéria: “*A Garota de 1953*”, que traçava o perfil de como deveria ser e como deveria se comportar a garota de 53, baseado em dados de uma das Organizações Internacionais da Juventude. De maneira resumida, serão apresentados alguns traços deste perfil. Primeiramente, ela deveria ser ela mesma, sem sofisticação espiritual nem física; caso não estudasse nem trabalhasse, “*tendo o privilégio de cuidar da casa*” deveria aproveitar e se preparar para ser uma dona de casa exemplar quando se casasse, mas, se não tivesse tempo para se ocupar da casa, deveria ao menos saber “*preparar um bolo, um creme aveludado e um ou dois coquetéis a fim de poder dizer que possui algumas especialidades nesse campo.*” A garota de 53 deveria praticar esportes, mas sem exagero, já que um futuro marido preferiria saber que a noiva fala vários idiomas ou sabe cuidar de casa em lugar de ser campeã em algum esporte. Ela não deveria falar muito alto, deveria estar bem arrumada, usar pouca maquiagem, usar bons perfumes e “*tratar de não flertar demasiado.*” Ou seja, “*deverá representar a imagem da verdadeira mulher de nosso século: agradável, compreensiva e antes de tudo ser mulher!*”

Acredita-se que esta matéria mostre a visão que se tinha da leitora, da mulher desta época, marcando o fato de que a garota dos anos 50 nada tinha da visão de adolescente que se tem hoje em dia. A juventude servia como uma preparação para o casamento.

Em dez anos mudanças aconteceram... Pelo menos aparentemente. Em 1963 foi publicada uma matéria com o mesmo tema, só que agora, obviamente, intitulada “*A garota de 63.*” A ilustração é uma jovem, cabelos soltos, vestida com blusa e calça pretas, à vontade na natureza, acompanhada dos seguintes dizeres: “*Mais simples e independente, bem mais liberal em sua visão dos problemas do mundo de hoje e, sobretudo, ciente de suas responsabilidades na comunidade em que vive, a jovem moderna é típica da nossa era: essencialmente prática.*” Contudo, este discurso contrasta com o presente nas cartas das leitoras e nas respostas fornecidas pela revista, bem mais próximos da garota de 1953.

Em 1968 percebe-se na revista a presença de temas mais ousados. A participação de leitoras mais novas também é notada. A matéria “*Meu pai é prá frente*” conta com depoimentos de moças entre 16 e 20 anos, revelando “*o pensamento de uma geração que exige uma educação moderna como ela.*” Mas é em 1972 que o visual mais jovem da

revista salta aos olhos. É nítido que a revista passa a direcionar-se para um público mais novo, uma vez que suas capas passam a exibir mulheres mais jovens, traz como brinde às leitoras estampas com motivos jovens (corações, elefantes, barcos), utiliza o termo “brotinho”. Entretanto o objetivo não era atingir meninas tão jovens assim, já que em sua capa vinha estampado “desaconselhável para menores de 16 anos”, talvez devido a frequência ainda maior de temas ousados, associados a sexo e desejo. Este processo de “juvenilização” continua e se aprofunda cada vez mais, com a presença de cartas à leitora escritas pela editora chefe da revista de forma bastante jovem descontraída, como se a Capricho fosse uma amiga da leitora, além de aparecerem ao longo de suas páginas algumas frases imitando a escrita à mão, figurinhas, estrelinhas, flores, corações, etc. É importante ressaltar que junto a esta “juvenilização” vem ocorrendo uma “sexualização” dos conteúdos trazidos pela revista.

Estas mudanças, especialmente após 1968, estão em consonância com o que disse Calligaris (2000), ao afirmar que nos anos 60, sendo possível ampliar para os anos 50, os adolescentes tinham os adultos como ideal, buscando ser reconhecidos como tal, fato que não é diferente da atualidade. Acontece que, para tanto, os adolescentes imitavam os adultos em tudo: atitudes, roupas, hábitos. No entanto, aos poucos o adolescente na tentativa de desvendar os desejos e sonhos dos adultos, depara-se com a sua própria imagem como sendo o ideal escondido dos adultos, o que o levou a concluir que a melhor forma de agradar aos adultos seria viver intensa e longamente a sua adolescência.

A revista Capricho entra em um processo que empresta cada vez mais às suas páginas qualidades da modernidade, dentre elas: novidade, extravagância, irreverência, espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade e diferença. Sendo estas qualidades, segundo Groppo (2000) valores atribuídos pela publicidade à juventude.

Em 1982 acontece a primeira reformulação editorial, com mudanças no formato, logotipo, bem como do público alvo, que passou a ser de jovens entre 15 e 29 anos. Daí em diante, as demais mudanças no editorial seguem com a diminuição da idade do público a ser atingido: 1985 (“A revista da gatinha”): adolescentes de 15 a 22 anos, 1989: de 12 a 19 anos, 1997: de 12 a 16 anos.

É no ano de 1999, em agosto, que devido a problemas de circulação, a revista promove uma nova mudança editorial, trazendo para a sua direção a jornalista Brenda

Fucuta, que se encontra à frente da revista ainda hoje. A revista passou a compor suas capas com ídolos (artistas, cantores, apresentadores), adotando uma linguagem mais adulta, reforçando a pauta com assuntos mais jovens e menos femininos. (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003). Ocorre uma ampliação do seu público, que passa a ser composto por meninas que estão vivendo a adolescência, independente da idade.

Estas informações fazem eco ao processo de “juvenilização” abordado por Groppo (2000), processo este que substituiria a juventude, tendo como característica ser desvinculado da idade adolescente, podendo ser vivido por qualquer idade. Dessa forma, as faixas etárias deixariam de ser essenciais para a determinação do curso da vida, transformando-se em estilos de vida sendo escolhidos livremente pelos sujeitos.

Ao examinar as edições da Capricho, fica claro que esta revista não contempla a diversidade, a pluralidade das adolescências, acompanhadas das diferenças culturais, sociais, de gênero, raciais, regionais e nacionais (Groppo, 2000). O modelo disseminado por este veículo midiático é o de adolescência dominante, da adolescência padrão e naturalizada, vista como uma fase difícil da vida, conflituosa pela qual todas pessoas passam, que serve como modelo de identificação para as demais adolescentes, tendo o outro como referência para encontrar a si mesma (Kahhale, 2003). Ao mesmo tempo em que a revista passa por reformulações para se adequar às mudanças vividas na sociedade, atenta à “nova organização das idades” (Bozon, 2004), até mesmo para não ver a sua popularidade despencar, ela também participa na construção desta adolescência, deste modelo dominante de adolescência que através da desconsideração da diversidade legítima diferenças.

A revista parece ter acompanhado a onda das mudanças. E não poderia ser diferente. Pegando carona com a revista Capricho é possível sobrevoar as últimas cinco décadas e vislumbrar as transformações ocorridas no que diz respeito à construção das adolescências.

8.3. Sexualidade

“(…) quase tudo que se queira *dizer* sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder.”(Laqueur, 2001, p.23).

As discussões sobre sexualidade e gênero acontecerão de maneira concomitante. Entretanto, por razões organizacionais, alguns aspectos específicos serão abordados separadamente, por acreditar-se que assim serão explanadas com maior clareza as concepções de sexualidade e gênero veiculadas pela revista *Capricho*, no decorrer destes cinquenta anos.

8.3.1. O sexo nas cartas e nas páginas

O primeiro ponto a ser discutido diz respeito aos lugares ocupados pelo sexo nesta revista nas diferentes épocas. Nada melhor do que acompanhar os caminhos e as transformações das seções de cartas das leitoras para auxiliar neste momento.

Com relação ao conteúdo, mudanças significativas podem ser verificadas nestas seções ao longo do tempo. Da década de 50 até meados da década de 60 predominavam nas cartas questões relacionadas a sentimento, relacionamentos, comportamento. Foi o reinado de Marga Mason. Enquanto era ela a responsável pela seção “O coração pergunta, Marga Mason responde”, não foram encontradas, uma vez sequer, as palavras: sexo, virgindade, relação sexual, prazer e suas correlatas. Um termo utilizado com muita frequência era “ceder”, a moça não poderia “ceder”, dar “liberdades”, “intimidades”, senão o rapaz se aproveitaria dela, apenas por diversão.

*Moreninha Indecisa: Ele diz que não o amo, e que se eu não ceder aos seus caprichos, me abandonará. * Fique certa que, se você ceder, ele a abandonará um dia, talvez com um filho no braço! Não seja bobinha, minha querida! Esse rapaz é um aproveitador e você não deve ceder absolutamente. Prefira terminar tudo e esquecê-lo, conservando sua dignidade e sua pureza. Se ele alegar que quer mesmo casar-se, então que se case ANTES. Tome cuidado! Não cometa uma tolice da qual fatalmente se arrependeria mias tarde!*

Segundo Bassanezi (2001), o silêncio das revistas femininas desta época com relação ao sexo e a censura nas informações sobre sexualidade estavam a serviço da manutenção da pureza das moças. O sexo fora do casamento era recriminado de modo veemente, e dentro aparecia com o intuito de procriar. Não existia uma preocupação

relacionada à vivência do sexo, à felicidade sexual, mas sim com a preparação para a vida matrimonial e, conseqüentemente, com a procriação.

E por falar em felicidade, a destacada no momento era a conjugal. A felicidade conjugal era o ícone, o ápice que uma mulher poderia almejar, e deveria esforçar-se ao máximo para mantê-la. Bassanezi (id.) lista alguns ingredientes que deveriam estar presentes para a obtenção e manutenção desta felicidade: prendas domésticas, boa reputação da esposa, cuidado da esposa com sua aparência, ser econômica, evitar discussões, agradar ao marido. Chama atenção que todos os ingredientes são obrigações da mulher. À ela cabia o papel de preservar o equilíbrio conjugal.

Foi em 1963 que se encontrou a primeira menção aos métodos contraceptivos, não na coluna de Marga Mason, mas sim em uma propaganda veiculada na mesma página desta coluna. O método em questão era o “guia perpétuo para o controle da gravidez”, trazendo a seguinte chamada: *“Para sua maior felicidade conjugal e em seu próprio benefício você não deve ignorar o método natural mais moderno, seguro e de precisão científica. Aprovado pela ciência médica e por todas as religiões.”* A raríssima menção a métodos contraceptivos pela revista e a não abordagem deste tema por Marga Mason, ao menos nas edições consultadas, deixam claro a ligação entre sexo e procriação. Para que falar de métodos numa revista que tem como público “moças de família”, que farão sexo apenas após o casamento e com o objetivo de dar filhos ao marido?

Em 1968 algumas coisas começaram a ficar diferentes. Ainda era Marga Mason quem assinava a seção, publicando os mesmos estilos de perguntas e respostas, apesar de em um número bastante reduzido. Entretanto, na mesma página de sua seção, encontrava-se uma propaganda de livros disponíveis por reembolso postal. Dentre os títulos apresentados, estavam: “Melodia do sexo”, “Sexo em delírio”, “Contos de alcova”, “A carne”, “Freud – atos maníacos”, “A juventude diante do sexo”. Além disso, ficou evidente a presença de temas mais avançados quando comparados com os até então expostos, como famosas falando sobre suas experiências: “eu adoro ser desejada”, “não quero ter filhos” e sobre trabalhar fora. A sensação era de que Marga Mason havia parado no tempo. Em meio a pílulas, biquínis, livros sobre sexo, Marga responde o seguinte a suas leitoras:

*Maria que dá na vista: quando sai na rua os homens bulam (sic) com ela. * Não sei o que tem você, Maria. Mas deve ser algo muito visível, já que os homens todos*

notam. Talvez se vista, se penteie ou se pinte em exagero. Nenhum homem bole com uma garota séria e discreta, por mais bonita que ela seja.

Não é à toa que este foi o último ano em que Marga respondeu por esta seção, dentre edições consultadas. Enquanto a revista passa a abordar temas mais “ousados”, receptiva a mudanças e transformações, começando a preparar o terreno para a entrada de quem seria mais tarde o grande astro – o sexo, Marga Mason segue com seus conselhos, seus valores, sua moral; sem mexer nem um centímetro. Aliás, ficam aqui algumas dúvidas a serem compartilhadas com as leitoras e os leitores deste trabalho: quem seria Marga Mason? Homem? Mulher? Qual a sua idade?

Durante a década de 70, pôde-se perceber que o teor das perguntas se manteve parecido, a maior mudança estava no conteúdo das respostas: casamento deixa de ser o centro da vida da mulher, desvincula roupa à moral, incitam as mulheres à ação. Acontece uma divisão da seção de cartas das leitoras: uma delas passou a se dedicar a comportamento, relacionamentos e a outra a questões médicas. Esta divisão mostra o início da separação entre sexo e amor que se consolidará mais tarde nas páginas da revista. Ainda não se falava diretamente sobre sexo, apenas uma pergunta insinua a sexualidade, em 1974, mas nem na pergunta e nem na resposta a palavra sexo foi citada, sendo utilizado como subterfúgio: “problemas que envolvem um homem e uma mulher”. Já o tema virgindade foi abordado diretamente em duas perguntas em 1976: uma delas na seção “consultório médico”, a qual foi respondida por um profissional de maneira técnica e impessoal, e a outra na seção “O coração pergunta”, a cargo de Maria Beatriz:

*“Devo contar ao meu noivo que não sou mais virgem?” – Rosa ferida (RS): tem 18 anos, perdeu a virgindade aos 15, é noiva de outro rapaz, com casamento marcado, mas tem remorso, se contar ele sofrerá e estragará o amor deles, ao mesmo tempo não que enganá-lo, angustiada por não saber se deve dar a ele contas do seu passado. * “Uma pétala roubada de uma rosa não diminui seu perfume nem sua beleza.” O importante não é o que aconteceu, mas o que ela é agora. As mulheres, assim como os homens, precisam ser aceitas pelo que são e não pelo que foram.*

Década de 80: a década do prazer. Nunca se falou, nem se falará, tanto em sexo, prazer, orgasmo, nem tão abertamente, quanto nesta época. No ano de 1980, as perguntas enviadas pelas leitoras iam desde as mais ingênuas: “É normal o marido pedir para a

mulher ficar nua na hora da relação?”, até as mais “ousadas”: “*Estou cansada de fingir que sinto prazer.*” Alguns temas estavam presentes cada vez mais assiduamente, tanto nas cartas das leitoras quanto nas demais matérias da revista: busca pelo prazer, orgasmo feminino, masturbação feminina, aborto, ereção, ejaculação precoce, zonas erógenas, virgindade (preocupação que descubram que não é mais virgem), métodos contraceptivos (em especial a pílula). Mantém-se a divisão de seções relacionadas a comportamento e a sexo

Um exemplo destas mudanças é a publicação da seção especial “Sexo no consultório”, exibida na edição de fevereiro de 1982, onde foram respondidas as perguntas, segundo a Capricho, feitas nos consultórios dos ginecologistas com maior frequência. A proposta era que este caderno especial servisse como manual a ser consultado sempre que necessário. Este compreende 12 páginas e 50 perguntas, endereçado a adolescentes entre 14 e 17 anos.

Sexo passou a ser abordado. Entretanto, é importante ressaltar que de uma maneira bastante científica, pedagógica, bilogizante e também psicologizante, características que se acentuaram especialmente a partir de 1982. Foi também a partir deste ano que dois personagens ganharam destaque: psicólogo e ginecologista, que muitas vezes trazem também o título de educadores sexuais ou sexólogos. São eles, na maior parte das vezes, os responsáveis pelas respostas das cartas das leitoras. A função desses profissionais é ajudar as leitoras a resolver seus problemas com relação à sexualidade, buscando atingir a satisfação sexual. Se nos anos 50 e 60 o que imperava era a felicidade conjugal, agora passou a ser a felicidade sexual. Todos esses acontecimentos na década de 80 estão em consonância com a segunda sexologia descrita por Bozon (2004), onde o foco passa a ser o prazer e o orgasmo, encarados como fundamentais para o bom funcionamento conjugal. Com isso surgem as preocupações com as disfunções sexuais, onde a figura do sexólogo teria papel fundamental, procurando, através dos mais diversos tipos de tratamento, resolver os problemas sexuais, visando a satisfação de ambos os parceiros. Isto corrobora o que Bozon (2004) falou a respeito da emergência do ideal do “juntos por amor” nas últimas décadas do século XX, onde cresce a importância dos interesses individuais dos cônjuges e a sexualidade passa a assumir uma posição especial.

A princípio, pode-se pensar que esta abertura da revista com relação à sexualidade feminina foi uma grande conquista. Certamente não se pode ignorar os méritos desta mudança. Entretanto, a maneira como muitas vezes os assuntos eram abordados e as respostas eram dadas, dão margem à reflexão de se toda essa *mise-en-scène* em torno da sexualidade teria não o objetivo de proporcionar à mulher uma vida sexual mais satisfatória, desenvolvendo uma relação igualitária com seu parceiro, mas sim, o de ensinar a mulher como agradar seu companheiro. Ou seja, impressioná-lo, tanto para conquistá-lo, como para mantê-lo. Mais uma vez caberia à mulher o papel de responsável pela manutenção de uma vida equilibrada e satisfatória entre o casal.

Em 1989 passa a haver apenas uma seção de cartas da leitora que responde a perguntas de cunho médico. Nesta constatou-se uma diminuição da presença de perguntas relacionados à busca de prazer, orgasmo, satisfação sexual; abordando temas como pílula e cisto ovariano. As respostas são ainda mais técnicas e impessoais. Porém, aqueles temas continuam presentes em matérias ao longo da revista. Destaca-se aqui a presença de discussões sobre a relação entre prazer e dever no relacionamento, o momento de dizer não e dúvidas quanto ao momento certo de transar, podendo, talvez, ser uma resposta à ênfase dada ao sexo, até então, nesta década, sugerindo que é chegado o momento de se refletir sobre a obrigação de transar e obter prazer, enfatizando o poder de decisão individual. Esta questão mostra “(...) a emergência de valores individualistas nas concepções morais sobre sexualidade, deixando as decisões sobre o pensar e o agir a critério do indivíduo.” (Afonso, 2001, p.34).

Final dos anos 90: 1997 e 1999. O foco das perguntas das leitoras, assim como de matérias e reportagens não está mais na busca pelo prazer, na satisfação sexual. Mas a sexualidade continua na pauta do dia, só que agora tendo os seguintes temas como alvo: gravidez na adolescência, início da vida sexual, camisinha, namoro pela internet, homossexualidade feminina, masturbação feminina, sexo anal, bissexualidade, primeira vez, como contar aos pais que não é mais virgem. Cabe ressaltar o quanto as preocupações em torno da virgindade estão sempre presentes, de 1953 a 2003. Elas se diferenciam um pouco de acordo com as particularidades de cada momento, entretanto, o âmago da questão, ou seja, o valor conferido socialmente à virgindade, se mantém.

Além destas questões, vem atrelada a emergência, nas últimas décadas do século XX, de uma nova forma de relacionamento: o “ficar”. Na década de 90 o “ficar” já se encontra incorporado ao linguajar da revista, possuindo, inclusive, um conjunto de vocábulos em torno dele: ficadas, ficantes, pegar, etc. Este “novo código” estabelecido entre os adolescentes pode ser entendido como mais um indicador do individualismo como central na ideologia moderna. Segundo Chaves (1997) “(...) o “ficar com” só é possível dentro de uma ideologia individualista, igualitária, levada ao extremo, em tal contexto esse código de comportamento vai ao encontro do processo de individualização.” (pg.77).

A maneira de abordar esses assuntos também está diferente. As respostas às perguntas das leitoras perderam muito do caráter pedagógico e científico, deixando também de serem técnicas e impessoais, assumindo um tom mais descontraído e próximo da leitora. Em 1997, contava-se com a existência da seção “sexo” para responder às cartas das leitoras. Em 1999, estavam presentes duas seções, uma destinada a perguntas sobre sexo e outra, sobre relacionamentos. Para auxiliar na elaboração das respostas, a revista contava com a contribuição de consultores, predominantemente ginecologistas.

Desde maio de 1997, estava presente, junto à seção de cartas, a campanha “camisinha, tem que usar”, o que demonstra o comprometimento da revista com a causa. Mais do que isso, está ligado ao papel deste veículo em contribuir para a inculcação de comportamentos e atitudes, assim como uma resposta ao que o momento pedia. Segundo Bozon (2004), nas sociedades onde não existissem mais instâncias que pudessem impor uma norma coletiva com relação à sexualidade, era necessário estabelecer parcerias que adotassem a idéia, “pois, em si mesma, a conduta sexual não está associada a uma preocupação sanitária.” (p.150). Pode-se dizer que a revista *Capricho* funciona como uma das parceiras.

Além das seções de cartas, duas matérias presentes em revistas do ano de 1999 ajudam a pensar a respeito do olhar lançado à sexualidade no final desta década. As matérias referidas são: “Cedo ou cedo demais?”, sobre o aumento do número de adolescentes que “perdem” a virgindade antes dos 15 anos; e “O filho que chegou cedo”, com depoimentos de meninas que foram mães na adolescência. Em ambas ganharam destaque os aspectos negativos, as perdas sofridas pela menina (haja vista o uso da

expressão “perder a virgindade” utilizado nas matérias), arrependimentos e a gravidez na adolescência vista como problema.

Chama atenção a palavra “cedo”, empregada nas duas matérias. Ela passa a impressão de que a revista, de uma maneira suave, quase implícita, recrimina o início da vida sexual antes dos 15 anos e a gravidez na adolescência. Com aumento no número de casos de adolescentes contaminadas pelo vírus da AIDS e a preocupação com a gravidez na adolescência, a atividade sexual do adolescente passa a ser vista pela sociedade como um problema econômico e social, um problema de saúde pública. (Paiva, 1996). Dessa forma, fez-se necessária a presença de uma linguagem mais sanitária, de um discurso a respeito dos riscos ligados à sexualidade e de como se proteger deles. (Bozon, 2004). Parece que neste final da década de 90 a revista tenta “frear” algumas questões relacionadas à sexualidade. É como se toda aquela liberação ao falar de prazer, orgasmo, sexo na década passada tivesse rendido frutos não muito agradáveis, cabendo nesse momento à revista contornar a situação. Mas tudo deve ser feito de uma maneira bastante sutil, sem perder o ar de modernidade, sem comprometer a imagem da revista. Não é por acaso que nestas matérias conta-se, predominantemente com o depoimento de meninas e meninos que viveram na prática essas situações. Ou seja, não é a Capricho quem está falando, mas sim os próprios adolescentes.

2000, 2001, 2003, chega-se ao século XXI. Em 2000 existiam duas seções: “Sexo” e “Help”, esta última respondia a perguntas sobre comportamento. Em 2001 e 2003, passa a haver uma só coluna que abrange tanto perguntas sobre sexo quanto sobre comportamento: “Sexo atitude relações” e “Assunto de amiga”, respectivamente. Nos dois primeiros anos conta-se com o auxílio de consultores: ginecologista, terapeuta sexual, psicólogo e orientador sexual. Já no ano de 2003, Giovana Gonzáles é a responsável pela seção, sendo ela quem responde às cartas. Os temas abordados e a maneira como são tratados não diferem muito do que foi relatado sobre o final dos anos 90, podendo ser acrescentado debates com relação ao namoro virtual e encontros na internet. Predominam perguntas sobre relacionamentos, ou seja, que falem de sexualidade, mas não no sentido de pedirem uma informação científica, técnica, mas sim o que devem fazer, como agir, solicitando conselhos. As repostas continuam de forma descontraída, falando diretamente à leitora, especialmente em 2003, onde se acrescenta uma pitada de humor.

O número de páginas e de perguntas das seções de cartas das leitoras, presentes nas revistas nos diferentes anos, também revela informações significativas que complementam as já explanadas. O auge foi no início da década de 60, seguido pelos anos 50 e pelo ano de 1982 (devido ao especial “Sexo no consultório”). Os anos com menor número de perguntas relacionadas à sexualidade foram 1989 e 1997.

Nas décadas 50 e 60 pode-se pensar que o grande volume de cartas enviadas por leitoras e o significativo espaço que a revista destinava à correspondente seção, estão relacionados com o número restrito de opções e oportunidades onde se pudesse conversar sobre assuntos que envolvessem relacionamento, comportamento. As revistas femininas possibilitavam essa discussão, preenchiam, na medida do possível, esta lacuna. 1982 foi outro ano que apresentou um número considerável de perguntas, acredita-se que em virtude do fato de a revista, mais uma vez, ser uma das principais fontes de informação utilizadas pelas mulheres. Era preciso “aprender” sobre sexo, sobre como fazê-lo, e bem. Depois de tanto tempo de silêncio, era necessário falar sobre isso. As perguntas presentes no especial “Sexo no consultório” muitas vezes pareciam não terem sido enviadas por leitoras, mas sim formuladas pela própria revista, de acordo com o que ela julgasse ser importante divulgar.

É possível também conjecturar a respeito do menor número de perguntas sobre sexualidade e comportamento em 1989 e 1997, no máximo duas e até mesmo a ausência delas em dezembro 1989. Uma hipótese é que este fato esteja relacionado com o surgimento da AIDS. Isso porque, como foi dito anteriormente, fez-se necessário conter algumas questões relacionadas à sexualidade. Percebe-se que a revista deixa de enfatizar a busca pelo prazer, como se isso fosse uma medida preventiva. A revista falava sobre sexo, mas de maneira técnica, informativa. Cabe ressaltar que foi em novembro de 1985 que se fez, pela primeira vez nas páginas da Capricho, menção à AIDS. A partir de 1997 a presença da campanha pró-uso da camisinha indica a preocupação compartilhada pela revista, estando presente perguntas sobre este método nas cartas das leitoras.

Outro ponto relacionado à diminuição da presença de cartas que abordem o tema sexualidade, e que foi indicado por Simone Miranda (atendimento ao leitor da Capricho) é o maior número de canais onde a menina pode pesquisar sobre sexo, como a internet. A adolescente de hoje possui outras ferramentas para sanar suas dúvidas.

8.3.2. Homossexualidade²⁹

A homossexualidade é um tema pouco presente nas páginas da Capricho. Esse assunto foi encontrado num total de seis vezes em todas as edições consultadas. Curiosamente, a primeira vez foi num exemplar de 1953, na matéria “*Será ele um homem de linha?*”, assinada pelo psicólogo Richard Rest, que terá aqui alguns trechos reproduzidos:

(...) quantas noivas ou namoradas não se queixam pelo fato de seus pretendentes terem atitudes pouco masculinas? Só pode causar decepção e repulsa aquele que anda a olhar-se e a pentear-se, a ajeitar-se de vez em quando, como fazem as mulheres. A que se deverá isso? Por que quase todos os homens possuem às vezes certas características próprias do sexo frágil? (...) Não vamos aqui chegar ao extremo de analisar e considerar casos de raízes mais profundas como o homossexualismo masculino e o feminino. Queremos apenas conversar sobre certas características femininas que muitos homens têm... (...) Portanto, amiga leitora, não se desespere nem desanime quando notar em seu namorado certas atitudes que não sejam inteiramente masculinas. Trata-se, com segurança, de efeitos de uma educação mal orientada (seria interessante a leitora ter umas noções de psicanálise), mas suscetíveis de serem eliminados. (...) Não poderíamos terminar sem antes deixar claro que não desejamos (pode crer) que o seu noivo ou namorado se pareça com o simpático rapaz que ilustra esta página...”

Junto à matéria havia um teste para a moça descobrir se seu noivo era um “homem de verdade” ou se tinha “atitudes afetadas”. Neste teste algumas características foram identificadas como indícios de que o homem possuía “mais características femininas do que o normal”, como: trocar de roupa mais de duas vezes por dia, chorar quando assiste a cenas tristes, usar diminutivo em suas conversas, ser zeloso, pentear os cabelos, regatear nos preços, trocar facilmente de opinião quando discute assuntos importantes, mentir, dizer

²⁹ Apesar deste tema não fazer parte da discussão central desta pesquisa, fato demonstrado inclusive pela sua ausência na apresentação do referencial teórico, entende-se como interessante apresentar ao (à) leitor (a) a maneira como a homossexualidade vem sendo discutida, ou não, na Capricho. Por este motivo, neste item não haverá diálogos com a teoria, tratando-se, apenas, de uma explanação e, quem sabe, incitação para a realização de novas pesquisas que venham a abordar a homossexualidade dentro de revistas para adolescentes do sexo feminino.

segredinhos, preocupa-se com o que pensam dele, quando discute insiste em ter a última palavra, anda perfumado, traz um espelho no bolso para mirar-se sempre que tiver oportunidade. E era assim que eles viam as mulheres...

Em julho de 1982, o tema esteve presente na pergunta enviada por uma leitora e respondida pelo psicólogo Salomão Rabinovich. Na carta a leitora dizia ter medo que seu namorado fosse homossexual, pois ele a respeitava demais. O psicólogo responde dizendo que *“um homem apresentar comportamento respeitoso demais é, na maior parte das vezes, conseqüência da cultura em que vivemos, que ainda valoriza a virgindade. (...) Em outros casos, pode ser uma forma de defesa do homem. (...) ele tem medo de demonstrar sua ineficiência ou incompetência sexual.”*. Termina sugerindo que eles conversem abertamente sobre como cada um vê sua sexualidade, suas experiências.

Em maio de 1997, outra pergunta relacionada à homossexualidade foi publicada, só que agora sobre a homossexualidade feminina. A leitora, de 13 anos, acha que é lésbica, pois no ano anterior estava apaixonada por uma amiga. A resposta traz o seguinte: *“Às vezes a atração por uma amiga pode não significar que uma menina é homossexual, é apenas uma fase. (...) Você precisa ter tempo para pensar em outras coisas, estudar e se divertir. Se você sentir necessidade de ajuda, procure um psicólogo ou alguém que possa ajuda-la a se entender.”*

No ano de 1999, a homossexualidade foi citada duas vezes. Em outubro constam depoimentos de meninos sobre a relação entre usar brinco na orelha direita e a homossexualidade. Dois disseram que hoje em dia não ligam para isso, o outro falou que depois que soube que brinco na orelha direita “era coisa de bicha”, deixou o buraco que tinha feito fechar e furou a esquerda. Todos os três usam o brinco na orelha esquerda. No mês de outubro, na matéria especial “Conversa sem vergonha”, com Babi, encontrou-se uma pergunta formulada por um menino sobre meninas bissexuais, se isso é freqüente. Babi responde dizendo que na adolescência isso é muito normal. Que as meninas *“têm uma liberdade muito maior do que a dos meninos em fazer carinho na amiga. (...) É normal você achar que está apaixonada por uma amiga. Rola mesmo, mas depois você vai descobrir que era uma admiração, que era porque você achava a sua amiga muito linda.”*

Em 2001, junto à seção destinada às cartas das leitoras, estava presente uma pequena matéria: “Abaixo os preconceitos”, com o depoimento de duas meninas homossexuais de

16 anos (com nomes fictícios) que gostariam de “*ajudar a acabar com a idéia de que toda menina homossexual vira mulher-macho.*” Uma delas termina falando o seguinte: “*Mulher homossexual é normal. Estuda, trabalha, vai ao mercado, faz as unhas e sai para se encontrar com seu amor. Exatamente como todas as mulheres do mundo.*”

Nas três respostas dadas (1982, 97, 99) é possível perceber que a homossexualidade é negada. O namorado é muito respeitoso devido à sociedade que valoriza a virgindade e a virilidade masculina; a menina sente-se atraída por uma amiga, mas vai perceber no final que era só uma admiração, que tudo faz parte de uma fase do desenvolvimento da adolescente. Nesse sentido não parece diferir muito do que foi exposto em 1953, onde o homem que apresenta características tidas femininas como a vaidade, o zelo e o expressar sentimentos, é assim devido a uma educação mal orientada. A homossexualidade, desta forma, está sempre à margem no discurso da *Capricho*. Um discurso que perpetua a visão dominante da heterossexualidade como a sendo “a” opção. Não existe espaço para debater outras formas de viver a sexualidade. Talvez uma exceção seja a matéria de 2001, sobre o preconceito à homossexualidade feminina, onde a revista dá voz a duas meninas que se declaram lésbicas. A matéria suscita duas impressões: que o discurso das meninas não dá chance à revista para questionar suas escolhas e que, a partir do momento em que quem fala são duas adolescentes e não a revista, a *Capricho* se exime de responsabilidades. E é claro que também existe um outro lado, mesmo sendo uma pequena matéria, localizada quase no rodapé da página, a revista abriu espaço a esta discussão.

8.3.3. Corpos femininos

Acredita-se ser importante abrir um espaço nesta discussão para as significações atribuídas aos corpos femininos, nas páginas da revista *Capricho*. Da mesma forma que sexo e gênero possuem uma história, não se pode deixar de ressaltar a historicidade do corpo (Buttler, 2000). Sendo este um corpo que passa por modificações físicas, que são significadas histórica e culturalmente, de acordo com o contexto no qual se encontra inserido, produto de momentos específicos, históricos e culturais. (Laqueur, 2001; Villela e Barbosa, 1996).

A preocupação com a boa forma não é de hoje. Em edições de 1953, matérias e perguntas relacionadas à ginástica, emagrecimento e beleza eram frequentes. É claro que de

uma maneira bastante diferente da propagada atualmente, seguindo outros padrões de beleza, mas já estava lá. A preocupação com a silhueta é visível na seguinte matéria de 1953: “*Linhas esculturais – obter um corpo sem defeitos, igual a uma estátua.*” Nesta são indicados dois exercícios que contribuiriam na construção de um corpo “mais fino e elegante”, proporcionando também benefícios à saúde.

Desde a primeira edição da *Capricho* consultada, conta-se com a presença de seções sobre moda e beleza. Estas forneciam dicas às moças sobre como se maquiar, pentear, o que vestir. Como pôde ser visto, quando se falou dos ingredientes da felicidade conjugal, um deles era que a esposa mantivesse o cuidado com sua aparência. Sendo a boa aparência também um pré-requisito de grande importância no momento de conquistar um pretendente. Mais uma atribuição da mulher: estar sempre bonita, ou pelo menos demonstrar cuidado nessa área. Mas será que esta é uma idéia que ficou no século passado? Botox, lipoaspiração, ginástica, silicone... O que dizer da cobrança sofrida pela mulher dos anos 2000 com relação à sua aparência?

A partir dos anos 80 emergiu uma nova imagem de mulher, especialmente com relação à sexualidade. “A mulher se vê ao mesmo tempo como sujeito e objeto de consumo. A “liberalização dos comportamento” para mulher caminha lado a lado a um investimento no corpo como objeto ideal (maquiagem, cirurgias plásticas, etc.) que o desumaniza ao mesmo tempo em que o erotiza.” (Afonso, 2001, p.103).

Na *Capricho* de outubro de 2000, diante da seguinte pergunta: “*O que você não suporta na hora da transa?*” Dois meninos, entre 17 e 20 anos, responderam: “*Olhar para a cintura e ver umas gordurinhas.*”, “*Celulite e gordurinhas não!*” Miranda-Ribeiro & Moore (2003) apontam que a análise de conteúdo de revistas americanas, britânicas e brasileiras para adolescentes (inclusive a *Capricho*), indica que, de acordo com as mensagens por elas veiculadas, uma adolescente deveria estar preocupada em melhorar sua aparência, achar um homem e mantê-lo. Nesse mesmo sentido encontra-se também uma matéria publicada em 2003 que traz o seguinte: “*De bem com o biquíni – os meninos não olham para o nosso corpo com um olhar clínico.*” Ou seja, a maior preocupação não é estar simplesmente se sentindo bem em um biquíni, mas sim estar bem para os meninos.

A maneira como os corpos femininos foram expostos na revista nestes últimos cinqüenta anos também diferiu bastante de acordo com a época. Até a década de 70, as

mulheres apareciam vestidas conforme a moda do momento, o máximo de ousadia foi a capa de 1968, com Leila Diniz de biquíni.

Nos anos de 1982 e 1985, anos que, como já foi falado, foram marcados por uma grande abertura da revista com relação a assuntos ligados à sexualidade, algumas matérias foram ilustradas com fotos de nu feminino. Em 1982, foi na seção especial “Sexo no consultório”: uma foto de uma adolescente nua, sem mostrar o rosto, exibindo a barriga e a vulva, e a foto dos seios de uma jovem. A matéria “ABC do amor e do sexo” de 1985 trouxe a foto de um adolescente do sexo masculino e de uma do sexo feminino (aparentando 12 anos), nus de frente e de costas. Fotos de adolescentes nus só foram exibidas na *Capricho* durante estes anos, aparentemente numa tentativa de naturalizar o sexo, “deserotizando” os corpos, como se fosse um livro de biologia ou um manual de anatomia. Tal exposição demonstra a forma como, durante esta época, as modificações físicas foram significadas histórica e culturalmente. A presença destas fotos hoje na revista, certamente seria significada de outra maneira, causando talvez espanto, surpresa, indignação.

Segundo Bozon (2004), com a medicalização contemporânea da sexualidade, que vem com a dissociação entre reprodução e a atividade erótica não reprodutiva, a vida sexual das mulheres passou a sofrer um aumento da influência médica. O controle ginecológico passa a fazer parte da vida das mulheres cada vez mais cedo. A primeira visita ao ginecologista, geralmente associada à busca por um método contraceptivo, passou a ser um importante ritual na vida das adolescentes. Tal fato é facilmente verificável nas diversas matérias trazidas pela *Capricho* sobre a primeira visita ao ginecologista, onde esta é desmistificada e incentivada. É possível também observar a presença maciça de ginecologistas, orientadores sexuais, psicólogos respondendo a dúvidas, ensinando sobre métodos, falando sobre a sexualidade feminina em todos os aspectos.

Esta constatação é curiosa, pois ao mesmo tempo em que a mulher, com o surgimento e popularização dos métodos contraceptivos, passou a ter maior autonomia sobre seu corpo, parece que foi necessário inventar uma forma desta autonomia não alcançar vãos tão altos, ou seja, não se podia perder o controle. Entra em cena, então, a classe médica, na tentativa de voltar a gerenciar os corpos femininos. Isso faz lembrar o que Foucault (1998) chamou de “polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio

de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.”(p.28). As revistas femininas não ficaram fora dessa, desempenhando significativo papel neste “resgate” do controle sobre o corpo da mulher.

8.4. Gênero

Falar de gênero, de relações de gênero não é falar unicamente de mulheres ou de homens. O gênero “não existe nas pessoas, mas sim nas relações sociais.”(Nogueira, 2001, p.123). Voltar o olhar para as relações de gênero proporciona que se entre em contato com as transformações historicamente sofridas pela trama de relações sociais, “trama esta na qual as relações de gênero têm lugar.” (Saffioti, 1992, p.187).

Nada melhor, neste trabalho, para contar estas transformações do que acompanhar os lugares que uma revista feminina reservou e reserva às mulheres. De que mulher, para qual mulher a revista *Capricho* tem falado nestes 50 anos? Como estão sendo construídas as relações de gênero? Mais uma vez as cartas enviadas pelas leitoras e suas respectivas respostas ajudam a retratar as imagens de mulher veiculadas pela revista, o que, por sua vez, auxilia na discussão sobre as concepções de gênero.

8.4.1. Para começar: quem são elas?

Moreninha sem esperança, Salomé loura, Morena indecisa de algum lugar, Coração sem decisão, Loirinha desesperada número 15, Coração amargurado, Rosa ferida; I.L., M.C., M.O.; Ângela, Camila, Adriana. Salvo raríssimas exceções é através de pseudônimos, iniciais ou apenas do primeiro nome, quando não de nomes fictícios, que as leitoras eram e são identificadas nas seções de cartas ou em qualquer outro momento em que dêem sua opinião.

Com relação ao uso de pseudônimos, Bozon (2004) traz que escritores consagrados do início do século XX que se aventuraram a fugir de seus assuntos e escrever sobre sexualidade, o faziam utilizando pseudônimos, a fim de proteger sua própria respeitabilidade. Será com esta mesma intenção que as mulheres e adolescentes recorrem a este subterfúgio, ao exporem suas opiniões, suas dúvidas relacionadas à sexualidade, a relacionamentos? Ou será porque pouco importa a identidade desta mulher, sua

singularidade, suas particularidades, uma vez que a revista trabalha com um modelo de mulher universal?

No que diz respeito aos meninos, estes quando expõem suas opiniões nas páginas da revista, geralmente são identificados pelo nome completo, idade, cidade onde moram, além da presença de fotografias. Já com as meninas, mostrar seus rostos em fotografias é bastante raro, principalmente nas seções de cartas, onde em nenhuma edição consultada foi verificada a existência de fotos das leitoras junto às suas perguntas. Miranda-Ribeiro & Moore (2003) dizem compreender a importância de preservar a identidade das leitoras, entretanto afirmam que o fato de os meninos poderem mostrar a cara na revista e as meninas muitas vezes precisarem se esconder, mostra a existência de diferenças no modo como meninos e meninas são retratados nas páginas da revista.

8.4.2. Breve panorama das mulheres nas diferentes décadas

Anos 50 e 60, os conselhos formulados pela revista, especialmente por Marga Mason, indicavam que a mulher deveria ser dócil e meiga, sendo aconselhada a “*suavizar o gênio e cultivar a meiguice, para se tornar ainda mais atrativa.*”, sendo importante também “*perder a tendência à discussão.*” A matéria “A garota de 1953”, discutida no item sobre adolescência, revela muito sobre a maneira como a Capricho veiculava a imagem da mulher nesta época, mulher que tinha como principal objetivo o casamento. Já ao homem desta época cabia o papel de ser trabalhador, honesto e capaz de sustentar a casa, características que indicavam que ele possuía boas intenções para com a moça.

Apesar de o conteúdo das respostas presentes nas edições da década de 60 serem semelhantes aos da década anterior, sabe-se que a imagem da mulher em 1960 diferia daquela “moça-prendada” de anos antes, basta conferir a descrição da “Garota de 63.” Estas mudanças refletem os acontecimentos da época: movimentos feministas, politização da sexualidade, aumento da escolaridade entre as mulheres, crescimento da participação destas no mercado de trabalho, surgimento de métodos contraceptivos. (Bozon, 2004). Todas estas transformações vão sendo percebidas nas páginas da revista e, especialmente nas colunas de cartas das leitoras, ganharam força a partir de 1970.

Durante os anos 70 nota-se a presença de um outro discurso voltado às mulheres. O casamento deixa de ser o centro de suas vidas, incitam a mulher a ter consciência do seu

valor. É possível encontrar nas respostas frases como: “*Antigamente a mulher se contentava em ser a preferida na vida do homem. Hoje ela tomou consciência do seu valor e sabe que pode exigir fidelidade.*”, “*Isso de ficar para titia não se usa mais, Evange! As moças de hoje em dia podem ter independência, vida própria, e o casamento só se justifica quando aparece alguém que a gente ame e que nos retribua esse amor.*”

Na década de 80, a mulher está associada ao prazer, à busca pelo prazer. As seções de cartas estavam recheadas de perguntas sobre orgasmo feminino, satisfação sexual, aparecendo, ao mesmo tempo, uma preocupação com relação à “perda da virgindade”, temendo ser julgada por seu companheiro. Neste período o diálogo com o parceiro era incentivado, principalmente quando o motivo da angústia dizia respeito a desacertos sexuais entre o casal. Sobre a relação entre mulher e virgindade, a revista enfatizava que a mulher não deveria se sentir culpada, afirmando que “*Uma rosa não será nada menos bela e perfumada se antes de ser colhida alguém tiver aspirado com profundidade seu perfume.*” Este novo discurso impresso sobre a virgindade faz jus ao processo de perda relativa do valor associado à virgindade feminina, citado por Heilborn (1999).

No final dos anos 90 e início do século XXI, é possível verificar uma certa ambigüidade no que tange à imagem da mulher: ao mesmo tempo em que a adolescente é retratada como tendo mais iniciativa, dona de uma atitude mais ativa com relação aos meninos, nota-se a manutenção de alguns valores morais típicos daqueles em voga nas décadas de 50 e 60. Esta ambigüidade também foi percebida ao serem analisadas duas referências: uma delas é o texto de Bassanezi (2001) sobre as “mulheres dos anos dourados”, onde a autora resgata os valores, comportamentos e particularidades que cercavam as mulheres que viveram na década de 50; a outra foi produzida por Miranda-Ribeiro & Moore (2003), onde as autoras apresentam uma pesquisa sobre os papéis de gênero considerados apropriados pela revista *Capricho* entre os anos 2001 e 2002. A soma das informações presentes nos dois textos vieram ao encontro das reflexões proporcionadas pelo exame, neste trabalho, de edições da *Capricho* de 1952 à 2003, principalmente no que concerne às concepções de gênero, ao lugar da mulher ao longo do tempo.

A proposta é que sejam resgatadas algumas das características apontadas como tipicamente pertencentes às mulheres da década de 50 e início da década de 60 para que,

posteriormente, algumas delas possam ser pinçadas discutindo-se seus lugares através dos anos.

Às mulheres entre 1950 e 1960 eram associadas as seguintes características, ou seria melhor dizer, elas deveriam seguir os seguintes mandamentos: serem passivas, dóceis, afetuosas, submissas, prendadas, cultas - mas não muito, não incomodar o marido, aceitar a traição, não tomar a iniciativa, cuidar-se para conquistar e manter o marido, arrumar-se para o marido, não beijar no primeiro encontro, não ter “intimidades” antes do casamento, ser uma “moça de família” e, implicitamente, ser julgada e avaliada a todo momento e por todos.

8.4.3. As responsabilidades da mulher

À mulher está imbuída uma série de responsabilidades, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com seu parceiro. Na década de 50, as moças eram aconselhadas a não incomodar seus maridos: *“Interrogue-o com jeitinho, quando ele estiver bem disposto.”*, ou *“Seja compreensiva e não toque mais nesse assunto com ele.”* Possíveis insucessos sexuais masculinos muitas vezes acabam sendo também atribuídos à mulher, como nesta resposta a uma leitora que está desesperada porque seu marido não consegue mais ter ereção, encontrada na edição de outubro de 1982: *“(...) A reação da mulher pode ter sido tão ruim quando ele falhou que isto o deixou mais angustiado ainda. (...) Assim ele ficará mais tranqüilo e acabará perdendo o medo de manter contatos sexuais com sua mulher.”*

Até mesmo o descaso do marido pela esposa, quando não a traição, poderia ser responsabilidade da mulher. A uma mulher casada há 12 anos que escreve reclamando de seu marido que chega em casa de madrugada, Marga Mason (1954) responde que ela deve falar com calma com seu marido, dizendo que o ama, *“Não faça cenas. Peça-lhe que pelo menos uma vez por semana fique com você. Cuide para que a casa esteja sempre bem arrumada, os filhos sempre limpinhos e você, arrume-se também para ficar mais bonita”*. Isto mostra também o quanto as queixas das mulheres eram desvalorizadas, diminuídas. Afinal se ela já tinha um marido, do que estava reclamando?

Outro exemplo é a pergunta enviada por uma leitora, na edição de agosto de 1999, na qual ela relata que ficava com um garoto que tinha namorada, tentaram transar, mas ele

não conseguiu porque se sentia culpado. Como resposta veio o seguinte: “*Que bom que ele não conseguiu. E se ele se apaixonar, como fica?*” Ou seja, a maior preocupação é com o menino, em momento algum é falado como seria essa história para ela caso ela se apaixonasse por um menino que tem namorada. Na pesquisa realizada por Miranda-Ribeiro & Moore (2003), as autoras afirmam que na revista *Capricho* “a menina é incentivada a proteger o menino, sem levar em consideração os sentimentos e as necessidades dela.” (p.16). Afirmam também que esta revista ensina a adolescente a se respeitar, a lutar pelo que quer, mas sugere que ela deve ir somente até onde o menino não se sinta ameaçado, principalmente com relação à sua masculinidade.

Esta idéia de proteção aos meninos como sendo uma responsabilidade das mulheres parece estar tão arraigada que a podemos encontrar até mesmo na fala de uma adolescente de 17 anos às vésperas do século XXI. Diante da seguinte enquete: “*As meninas têm responsabilidade quando os meninos transam e desaparecem?*”, Priscilla, de 17 anos, responde: “*As meninas têm responsabilidade, pois ninguém faz sexo sozinho. Se os meninos são assim é porque nós, meninas, cedemos. Às vezes, bem fácil e rápido.*”

8.4.4. Mulheres no banco dos réus

De 1950 ao século XXI, as mulheres são alvos de julgamentos. Ao descrever a moral dos anos 50, Bassanezi (2001) comenta que “o código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas...” (p.613) Será muito diferente atualmente?

A mulher encontra como algozes não apenas homens, mas também as próprias mulheres. Inúmeras cartas e suas respectivas respostas, nas diferentes décadas, podem demonstrar isso. Algumas vezes explicitamente, outras nas entrelinhas, mas o julgamento está lá. O grande alvo de críticas e reprovações é comportamento da mulher no relacionamento com um homem. Tomar a iniciativa? Deixar-se beijar no primeiro encontro? Transar na primeira ficada? Nem pensar! À mulher é reservado o direito da passividade, aguardando a iniciativa do “sexo forte”, sem se atrever a tomar atitudes que pertencem somente ao universo masculino. Fica claro aqui o predomínio da visão onde há correlação entre diferença sexual e natureza (Bozon, 2004), ou seja, o determinismo

biológico explicando as diferenças qualitativas entre homens e mulheres. Marcando, assim, a presença de um discurso tradicional e hierárquico, como citado por Afonso (2001). Veja como exemplo um dos itens que faziam parte do “decálogo do casamento feliz”, publicado em 1953: *“O nariz do marido pertence a ele somente – (...)Torna-se antipático que as mulheres imponham demasiado sua vontade, que escolham o cinema, o teatro, a confeitaria, o veraneio. Depois de tudo, o sexo forte sabe tomar iniciativas. Uma mulher hábil pode conseguir sempre o que quer e aparecer como dominada e obediente. São pequenas trapaças que asseguram a felicidade conjugal.”*

O verbo conquistar deveria, e deve, ser conjugado pelos homens. Tal fato pode ser observado nesta carta de 1960: *Coração amargurado: (...) não gosta de olhar para os rapazes, tem medo que a achem oferecida.* * *“Acho que deve olhar para os rapazes, minha querida. Não os encare, é claro, mas olhe-os ligeiramente, para que eles tenham a oportunidade de cumprimentá-la (...) Se não olhar para ninguém, acabará ficando solteira.”* E também nesta de 1999, onde a revista dá o seguinte conselho à adolescente: *“(...) Uma boa tática é pedir para uma amiga ou amigo perguntar se ele quer ficar com você de novo. Assim, você facilita os próximos passos dele.”* Por que os passos dele e não os dela? Ou ainda na resposta de meninos, publicada em 2000, à pergunta: *“O que você acha de uma menina que toma a iniciativa?”* * *“Não acho normal ela assumir o comando, o homem tem que conduzir, é cultural.” “O homem nasceu para conquistar e a mulher para ser conquistada.” “Não gosto de mulher que assume, que fica muito oferecida.”*

Segundo Miranda-Ribeiro & Moore (2003) a maneira como a revista organiza e apresenta seu conteúdo e suas matérias já fala muito a respeito das questões de gênero. É freqüente na Capricho a presença de seções onde é dada voz aos meninos, além da participação destes em diversas matérias. O espaço é aberto a eles para que falem das e para as meninas, onde o que geralmente acontece é criticarem o comportamento feminino. *“Esta construção contribui para a idéia de que as mulheres são observadas, vigiadas e julgadas pelos homens.”* (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003, p.14)

Avaliadas e julgadas são também as atitudes que as meninas adotam nos primeiros encontros. Em 1960, por exemplo, Lia escreve perguntando se está agindo corretamente não deixando que seu namorado a beije, permitindo apenas após conhecê-lo bem. Marga Mason diz que ela está correta, *“Os rapazes não têm nenhuma consideração por essas*

garotas que consentem que qualquer rapaz as beije. (...) Seu príncipe encantado chegará e ficará muito feliz ao saber que você reservou para ele seu primeiro beijo.”

Os tempos mudaram, beijar no primeiro encontro já não é mais tão grave para uma geração que adotou o “ficar” como uma nova modalidade de relacionamento. Não são mais os beijos os condenados, mas sim contatos mais íntimos, transar, ou seja, a mulher continua a ser julgada. Várias enquetes, desde 1985, foram realizadas com meninos em torno da mesma questão, só que agora atualizada: o que eles acham de meninas que transam no primeiro encontro. A seguir será apresentada uma “coletânea” das respostas dadas pelos meninos. *“A menina tem que ter classe, por mais que goste do cara tem que se preservar. Ser conquistada. Eu gosto mais assim.”* (1985). *“Essas aí não se dão o mínimo valor. É meio machista falar isso, mas se eu saio e logo ela quiser ir para a cama, fico com péssima impressão.”* (2000). *“Uma menina que faz isso deve ter consciência de que vai ficar malfalada. Eu não gostaria de ter uma namorada assim.”* (2001). *“Para mim, vira uma mulher-objeto, sem valores morais. Eu fico inseguro de namorar uma garota assim, mas ela pode virar uma amiga para outros momentos de prazer.”* (2001). *“Não é que o homem seja machista, mas ele quer que a mulher continue com o valor dela. Quer que a mulher seja mais reservada.”* (2003). *“Se desde o começo foi assim, por que é que vai mudar?”* *“E mudar para pior... Não dá para namorar uma menina assim, que xaveca.”* (2003).

Poucas vezes as meninas foram ouvidas nessas enquetes. Nas poucas vezes em que falaram, muitas acabaram por também julgar as mulheres: *“As meninas estão atiradas, agarram mesmo. Muito vulgar. Não tenho nada contra chegar e conversar, mas costumo ser mais difícil.”*

Todas essas falas podem retratar a herança deixada pelo amor cortês (século XII) à sociedade ocidental: oposição entre o dentro e o fora do casamento (Bozon, 2004). Existe, ainda hoje, a idéia de que certas moças são para casar, para ter um relacionamento sério, já outras, servem para diversão, são “meninas de uma noite só.”

Além disso, mostram que, apesar da aproximação que vem acontecendo nos últimos tempos do calendário sexual dos adolescentes do sexo feminino e masculino, realmente, mantém-se a diferença na maneira como homens e mulheres vivenciam suas sexualidades (Heilborn, 1999). Por que apenas as mulheres ficam na berlinda, já que não foram apenas elas que transaram em um primeiro encontro? A resposta é clara, uma vez que às mulheres

ainda são associadas características como: pudor, possibilidade da continência sexual, moderação e ausência de desejo. Inversamente, aos homens cabem: o desejo, a agressividade e a atividade. (Bozon, 2004)

Dessa forma, a mulher ideal veiculada pela revista *Capricho* do século XXI, não está tão distante daquela dos anos 50. Claro que ela não precisa saber fazer um “creme aveludado”, as prendas domésticas não estão mais dentre os principais atrativos. Entretanto, ela continua tendo que cuidar da sua aparência, saber seduzir, mas sem ser oferecida, não tomar a iniciativa (salvo algumas exceções, desde que os meninos não se sintam ameaçados), ser paciente e, principalmente, não questionar a superioridade masculina, tal como demonstram os discursos veiculados pela revista *Capricho*.

Esta constatação vai ao encontro do questionamento levantado por Bozon (id.) com relação à profundidade das mudanças ocorridas no âmbito da sexualidade, especialmente da sexualidade feminina. Para este autor, mantém-se uma assimetria dos papéis na sexualidade, retratada nas diferenças na maneira como homens e mulheres lidam e vivenciam a sexualidade.

9. CONCLUSÃO

Muitas mudanças puderam ser observadas ao longo das últimas cinco décadas, através do exame de edições da revista *Capricho*, a começar pela solidificação e popularização da adolescência na sociedade contemporânea. O contato com o material desta pesquisa possibilitou acompanhar a construção, os lugares ocupados e os significados emprestados à adolescência, tendo sido verificada a sua emergência ao longo destes cinquenta anos: da sua quase inexistência nas páginas da *Capricho* até o processo de “juvenilização” (Groppo, 2000) vivido na contemporaneidade.

Ficou claro que a revista trabalha voltada para uma determinada adolescente: pertencente às camadas médias, branca e heterossexual. Ou seja, o discurso por ela veiculado é direcionado a esta leitora. Mas serão apenas estas as leitoras da *Capricho*? Segundo Miranda-Ribeiro & Moore (2003) o número de leitoras não se restringe ao número oficial de revistas vendidas. É comum, dentre as adolescentes, que estas revistas circulem dentro da turma, família ou sala de aula. O relato, a seguir, de uma experiência pessoal, demonstra o poder de penetração desta revista, mesmo que em menor proporção, também entre meninas de camadas populares. Como exposto na apresentação deste trabalho, faço parte de uma ONG (CASA) que, entre outros projetos, desenvolve um trabalho com meninas adolescentes de camadas populares, na área de prevenção de DST/HIV/AIDS e gravidez na adolescência. Alguns encontros acontecem na sede do CASA, numa sala onde podem ser encontrados, numa estante, diversos exemplares da revista *Capricho*. A primeira atitude das adolescentes ao chegarem ao CASA para os encontros é pegar a *Capricho* mais próxima e folheá-la até o início da reunião. À medida que outras adolescentes vão chegando, elas passam a fazer uma leitura coletiva de uma ou mais revistas, comentando, trocando impressões, fazendo os diferentes testes presentes em cada um dos exemplares desta revista. Enfim, a revista trabalha com um modelo de adolescência que acaba, por vezes, servindo como modelo de identificação para algumas, ao mesmo tempo em que legitima as diferenças e desigualdades para outras.

Neste ponto, seria interessante que a revista considerasse a diversidade, a multiplicidade das “adolescências”, ou seja, “a verdade plural, definida pelo local, pelo particular pelo limitado, pelo provisório” (Louro, 2003, p.51). Sendo, assim, uma mídia que

questione em vez de normatizar, que desconstrua a naturalidade e a universalidade, que compreenda o movimento e as possibilidades inúmeras das relações. Essas considerações cabem não apenas com relação à adolescência, mas também no que concerne ao discurso impresso pela revista sobre sexualidade e gênero.

Discursos veiculados pela revista *Capricho*

As informações obtidas nesta pesquisa possibilitaram o vislumbamento, nas páginas da revista, tanto de um discurso tradicional, quanto de um discurso igualitário e modernizante, trabalhados por Afonso (2001). Talvez isso esteja consonante com a ambigüidade das mensagens veiculadas pela revista detectadas por Miranda-Ribeiro & Moore (2003), especialmente no que tange às relações de gênero. As autoras afirmam que, ao mesmo tempo em que a revista incentiva as leitoras a dominarem suas vidas, sugere a menina ideal como submissa. Ou seja, a *Capricho*, perpetua ao mesmo tempo dois discursos: um individualista e igualitário, uma vez que ela parte da igualdade, defendendo que o indivíduo, independente de suas particularidades, teria o direito de decidir sobre sua vida e relacionamentos; mas também um discurso tradicional, onde as hierarquias não são questionadas, reproduzindo relações desiguais de gênero, sem questionar a superioridade masculina. Assim, por trás de um discurso igualitário e individualista, que deixa a critério dos indivíduos a decisão por suas escolhas, encontra-se o papel normatizador desta revista onde, através de um discurso hierárquico, funciona como reguladora de comportamentos, perpetuando valores e conceitos tradicionais tanto com relação à adolescência, quanto com relação à sexualidade e gênero.

As seções destinadas a responder as cartas das leitoras passaram por diversas transformações ao longo destas cinco décadas. A mudança a ser aqui destacada é relacionada à separação, que teve início na década de 70, entre perguntas sobre sexo e perguntas sobre comportamento, que resultou, na maior parte das vezes, na existência de duas diferentes seções dentro de uma mesma edição: uma sobre sexo e outra sobre comportamento. O exame destas diferentes seções possibilitou que se constatasse que nas que respondem às cartas sobre sexo, prevalece nas respostas um discurso igualitário e individualista, onde são propostos: a igualdade de direitos entre os sexos (especialmente na década de 80, que atribuía a todos o direito à satisfação sexual), o direito à informação, a

queda do tabu em torno da virgindade feminina, os direitos reprodutivos, dentre outros aspectos. Caracterizando, assim, a função de informar deste veículo midiático.

Por outro lado, nas seções que respondem às cartas sobre comportamento e relacionamentos amorosos, percebeu-se o predomínio de respostas marcadas por um discurso tradicional e hierárquico, onde é possível destacar, principalmente, a sustentação das desigualdades entre homens e mulheres e o não questionamento da superioridade masculina. Que por sua vez indica o caráter “formador” (constituidor) presente na revista Capricho.

Chama atenção o fato de que é nas questões relacionadas a gênero que o discurso tradicional sobrevive com maior intensidade, indicando o quão arraigada está a naturalização das diferenças entre homens e mulheres. Parece que, com relação à sexualidade, foi possível imprimir um discurso com viés igualitário, por tratarem destes assuntos de uma forma mais técnica e impessoal, o que pode ser percebido na maneira como as perguntas e as respostas presentes nas seções sobre sexo são formuladas. Já no que diz respeito às perguntas sobre comportamento é mais difícil que as respostas sejam dadas de maneira impessoal, as leitoras escrevem à procura de conselhos. E é no momento de formular estes conselhos, especialmente os voltados para o relacionamento homem e mulher, às relações de gênero, que a visão tradicional e hierárquica prevalece, onde nem todos têm os mesmos direitos.

“Moças poderosas” e “meninas-super-prendadas”

O título deste trabalho procura trazer a idéias de que durante estes 50 anos mudanças aconteceram. A velha “moça prendada” da década de 50 teria saído de cena e aberto espaço para as “meninas-super-poderosas” do século XXI. No desenrolar desta pesquisa, ao manusear as revistas de diferentes épocas, dialogando com cada uma delas, ao identificar as mensagens da Capricho às suas leitoras, algumas reflexões e dúvidas foram surgindo. Serão as “meninas-super-poderosas” uma fantasia, fazendo parte apenas da ficção, assim como as personagens do desenho animado? Neste caso, diferentes das “moças prendadas”, que essas sim eram mulheres de carne e osso, pertencentes à vida real.

Entretanto, com o passar do tempo foi possível perceber que na verdade não se trata da passagem de uma mulher prendada para uma poderosa, no sentido de uma evolução

desta mulher ao longo dos anos. Estas mulheres sempre coexistiram e continuarão coexistindo independente do momento, sem esquecer, certamente, das singularidades de cada época. As mulheres conquistaram um sem número de vitórias, passaram a ter maior possibilidade de escolha, até mesmo entre escolher ser uma “moça prendada” ou uma “menina-super-poderosa”.

Impossível negar a existência de tantas mulheres, de diferentes épocas, que mesmo sob a égide da mulher rainha do lar, conquistaram voz e lugar, marcaram e marcam várias gerações por sua ousadia e coragem, desafiando normas e costumes. Como esquecer de Pagu, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Leila Diniz? Não tem como negar, como ignorar a irreverência, as conquistas destas e de tantas outras mulheres, sejam elas célebres ou anônimas. Mulheres que fizeram e fazem tanto que respinga e reflete em todas as outras, mesmo nas mais “aprisionadas” nos recônditos da “moça prendada”. A cada nova conquista são novas possibilidades que se apresentam, aumenta o leque de opções das mulheres, novos lugares são conquistados.

São todas mulheres do seu tempo, mulheres de carne e osso, sejam elas “moças poderosas” ou “meninas-super-prendadas” ou, inclusive, prendadas e poderosas. Esta coexistência marca a plasticidade, os diferentes tons e matizes que enriquecem e dão graça e movimento às histórias das mulheres. Histórias estas cercadas de improvisos, imprevistos, poesia e imagens tão diferentes e coloridas quanto as formadas por um caleidoscópio. História que pôde ser acompanhada ao manusear, ao mergulhar nas edições da Capricho de diferentes décadas. Bastando, para isso, um simples movimento... seja o dos dedos ao folhear as páginas da revista, seja o dos diferentes olhares que podem ser lançados sobre uma mesma história.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. (1986). Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas.

AFONSO, Lúcia. (2001) A polêmica sobre adolescência e sexualidade. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.

AGUIAR, Wanda Maria. J.; BOCK, Ana Maria B.; OZELLA, Sérgio. (2001). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana Maria B.; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. (orgs) Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez.

ALVES, Alda. Judith. (1991) O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 77, p. 53 – 61.

ANDI. (2001) A mídia como consultório? Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas pela mídia impressa e eletrônica.

ARANTAGY, Lígia. R. (1998) Sexualidade: a difícil arte do encontro. São Paulo: Ática.

ARIÈS, Philippe. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara. (original 1960).

ARILHA, Margareth; CALAZANS, Gabriela (1998). Sexualidade na adolescência: o que há de novo? In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. (orgs.) (1982) Educação Sexual: debate aberto. Petrópolis: Vozes.

BASSANEZI, Carla. (1993). Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). In: Cadernos Pagu, São Paulo, 1, p.111 – 143.

BASSANEZI, Carla (2001). Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto.

BIASOLI-ALVES, Zélia M. M. (1998) A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia M. M. (orgs.) Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 135 – 157.

BOZON, Michel. (2004). Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. (1981) Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola.

BUTLER, Judith. (2000). Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

CALAZANS, Gabriela. (1999) Cultura adolescente e saúde: perspectivas para a investigação. In: OLIVEIRA, M. C. (org.) Cultura, adolescência e saúde: Argentina, Brasil e México. Consórcio de Programas em Saúde Reprodutiva e Sexualidade na América Latina (CEDES/COLMEX/NEPO-UNICAMP).

CALLIGARIS, Contardo. (2000). A adolescência. São Paulo: Publifolha.

CHAVES, Jacqueline (1997). “Ficar com”: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan.

CORRÊA, S. (1996). Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (orgs.) Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ.

DUMONT, Louis (1985). O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

FLAX, Jane.(1992). Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa B. de (org). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco.

FISCHER, Rosa Maria Bueno (2000). Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana. Formas de ser e habitar a contemporaneidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

FOUCAULT, Michel. (1988) História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FRANCO, M. L. P. B. (1994). Ensino médio: desafios e reflexões. Campinas: Papyrus.

FREITAS, Maria Teresa A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa. n. 116, p. 21 – 39.

FRIGOTTO, Gaudêncio (1987). O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisas educacional. p. 71-90.

GONÇALVES, Maria da Graça M. (2003). Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (org.) Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez.

GROPPO, Luís Antônio. (2000). Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL.

GROSSI, Miriam P.; HEILBORN, Maria L.; RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Scott. Revista de Estudos Feministas, v.6, n.1, p.114-124.

HEILBORN, Maria Luiza (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar Ed

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. (1999). Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar Ed

HEKMA, Gert. (1995). Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade. In: BREMER Jam (org.) De Safo a Sade: momentos da história da sexualidade. Campinas: Papirus.

KAHHALE, Edna Maria S. P. (2001). Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, Ana Maria; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. (orgs) (2001) Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez.

KAHHALE, Edna Maria S. P. (2003). Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, Sérgio. (org.) Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez.

LAGO, Mara C. S. (1999). Conceituando gênero. Aula ministrada no curso de Atualização Política das Mulheres. (fotocopiado).

LAURETIS, Teresa de. (1994). A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. de (org.) Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.

LAQUEUR, Thomas. (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LOURO, Guacira Lopes. (2003). Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico.” In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes.

LOYOLA, Maria AndréA. (1999). A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.) Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar Ed.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. (1986) Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

MAHEIRIE, Kátia. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Revista Interações. Vol.7, n13, p. 31-44.

MATHEUS, Tiago Corbisier. (2002). Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume: Fapesp.

MEDRADO, Benedito. (1999). Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: Spink, M. J. (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, p.243 – 271.

MENANDRO, Paulo Rogério M. (1998). A curva generosa da compreensão: temas em psicologia. In: SOUZA, I.; Freitas, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (orgs.). Psicologia: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 397 – 417.

MIRA, Maria Celeste. (2001). O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d' Água/Fapesp.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula; MOORE, Ann. (2003). Papéis de gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista Capricho, 2001 – 2002. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar. Texto não publicado.

MORIN, Edgar. (1996). A inteligência da complexidade. Uberaba: Fundação Peirópolis.

NOGUEIRA, Maria da Conceição. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. Psicologia & Sociedade, 13(1), p.107-128.

OSÓRIO, Luis Carlos. (1992). Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente: aspectos normais e patológicos. Porto Alegre: Movimento.

OZELLA, Sérgio (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J. (coord.) & KOLLER, S. H. (org.) Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

OZZELA, Sérgio (2003). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZZELA, Sérgio. (org.) Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez.

PAIVA, Vera. (1996). Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e sujeito sexual. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (orgs.) Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ.

PARKER, Richard. (1991). Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller.

PARKER, Richard. (2000). Cultura, economia, política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

PINO, Angel. (1995). Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. Revista Temas em Psicologia. n, 2, p.31-39.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. (1997). A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. (org.) Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de O. & BRUSCHINI, Cristina (orgs) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

SAFFIOTI, H. I. B. (1994). Posfácio: conceituando gênero. In: SAFFIOTI, H. I. B. & MOÑOZ-VARGAS, M. (orgs) Mulher brasileira é assim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

SANTOS, Boaventura S. (2001) Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 8ª edição. São Paulo: Cortez.

SAYÃO, Rosely. (1997) Saber sobre o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (org.) Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

SAYÃO, Yara. (1997) Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (org.) Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

SCOTT, Joan. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade, vol. 16, n. 2, p.5-22.

SILVA, Fábio Luiz Lopes da. (1999). Adolescência: modernidade? Campinas, 170p. Tese (Doutorado) – UNICAMP, São Paulo.

SIRINELLI, Jean-François. (1991). A geração. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs.) Usos & abusos da história oral. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Ed.

SMOLKA, Ana Luiza B. (1995). Conhecimento e produção de sentido na escola: a linguagem em foco. Cadernos Cedes 35, p. 41 –49.

SPINK, Peter (1999). Análise de documentos de domínio público. In: Spink, M. J. (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, p.123 – 151.

SUÁREZ, Mireya. (1997). A problematização das diferenças de gênero e a Antropologia. In: AGUIAR, Neuma (org). Gênero e ciências humanas. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

SUPLICY, Marta. (1999). Conversando sobre sexo. Petrópolis: Vozes.

THOMPSON, J. B. (1995). Ideologia e Cultura Moderna – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. Tradução: Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS.

TORRES, M. R. (2002). Sexo, prazer e dor. Vivências sexuais na fala de adolescentes pobres de Salvador. In: BARBOSA, R. M. et al. (org.) Interfaces – gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. Campinas: editora da UNICAMP.

VALLES, M. S. (1997). Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Universidad Complutense.

VIANNA, Cláudia. (1997). Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, J. G. (org.) Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

VILLELA, W. V. & BARBOSA, R. M. (1996). Repensando as relações entre gênero e sexualidade ... In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (orgs.) Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ.

VYGOTSKI, L. S. (1995). Método de investigação. In: Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor distribuciones, p. 47 – 97.

VIGOTSKY, L. S. (1992). Pensamiento y palabra. In: Obras Escogidas II. Madrid: Visor distribuciones. p. 287-348.

YUS, R. (1998). Temas Transversais: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: ArtMed.

ZANELLA, Andréa Vieira. (1995) “A ideologia alemã”. Resgatando os pressupostos epistemológicos da abordagem histórico-cultural. In: Revista Psico. Vol.26, n1, p187-194.

ZANELLA, Andréa Vieira. (2002) Reflexões sobre pesquisa em psicologia, método(s) e ‘alguma’ ética. Trabalho apresentado na mesa redonda Pesquisa, Metodologia e Ética do IX encontro regional sul da ABRAPSO. Manuscrito não publicado.

ZANELLA, Andréa Vieira. (2003 a) Atividade e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. Artigo encaminhado para publicação.

ZANELLA, AndréaVieira. (2003b) Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. Artigo encaminhado para publicação.